

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SAÚDE
MENTAL

REJANE LAZZAROTTO

GRITOS MUDOS: CARTOGRAFANDO VIDAS QUE (R)EXISTEM NA PRISÃO

ERECHIM

2018

REJANE LAZZAROTTO

GRITOS MUDOS: CARTOGRAFANDO VIDAS QUE (R)EXISTEM NA PRISÃO

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica e Saúde Mental, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Saúde Mental, Departamento de Ciências Humanas, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Erechim

Orientador: Prof. Ms. Felipe Biasus

ERECHIM

2018

REJANE LAZZAROTTO

GRITOS MUDOS: CARTOGRAFANDO VIDAS QUE (R)EXISTEM NA PRISÃO

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica e Saúde Mental, no Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Saúde Mental, Departamento de Ciências Humanas, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Erechim.

Erechim, 20 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Felipe Biasus
URI – Campus de Erechim

Prof.^a. Es. Débora Haupenthal Busatta
URI – Campus de Erechim

Prof. Ms. Samuel Salvi Romero
URI – Campus de Erechim

O presente estudo é dedicado a todos, que infelizmente não terão acesso a essas páginas, mas tocaram minha vida e a modificaram. Aos muitos, que durante esses quase seis anos no sistema prisional, dividiram comigo suas vidas, suas dores, seus fantasmas e seus sonhos, a estes, que se deixaram tocar por minhas palavras e meu olhar, únicas coisas que tenho a oferecer, muito obrigado! Muito mais que este estudo, minha luta diária é por vocês!

A todos que foram profundamente marcados pela aspereza da vida e do cárcere, suas dores me provocam, me obrigam a ler e reler O Pequeno Príncipe para que eu não me perca de mim mesma, e do afeto necessário para sobreviver: devo a vocês quem eu sou.

“Só se vê bem com o coração”, disse o príncipezinho, e a vocês quatro que participaram deste projeto, devo a força, o afeto e a coragem que tenho encontrado para enfrentar tempos tão sombrios.

Ao Amauri de Camargo, preso, morto em um incêndio no Presídio Estadual de Getúlio Vargas: sinto muito termos te perdido, obrigado por dividir comigo o que havia de melhor em você! Obrigado por ter acreditado e ter viajado comigo no mundo da escrita! As palavras por ti faladas nos teus cadernos estarão pra sempre guardadas em minha memória: “tu te tornas eternamente responsável pelo que cativas”, advertiu o Pequeno Príncipe.

AGRADECIMENTOS:

Às (o) minhas (meu) queridas (o) colegas desta pós-graduação, por compartilhar afetos, angústias, medos, decepções, vitórias, sonhos e desejos de fazer sempre o melhor, me alegra a alma saber que existem pessoas tão lindas e especiais como vocês! Me honra ter cruzado vossos caminhos!

Às (o) minhas (meu) irmãs (ão) do coração, colegas, companheiras (o) de lutas e sonhos: Chaiana, Tavani e José Manuel, obrigado por serem quem são, sem vocês eu não sobreviveria!

Aos mestres desta pós-graduação, em especial: Márcia, Samuel, Marcela e Loiva, obrigado por compartilhar conosco toda humanidade que habita em vocês! São minha inspiração!

Aos colegas do Presídio Estadual de Getúlio Vargas, em especial, a Alice (Administradora) e ao Cláudio (Agente responsável pela Segurança e Disciplina), por acreditar no meu trabalho e “deixar o cadeado aberto para que os sonhos possam entrar”, minha gratidão!

Ao meu orientador, Prof. Ms. Felipe, pela paciência e confiança, “um dia, quando eu crescer, quero ser como você”!

À todos os profissionais do Sistema Prisional, que não se deixam engolfar pelas teias perversas desta maquinaria de subtrair vidas, que ainda lutam em prol da vida dos que precisam de nós, todo meu respeito, admiração e carinho! Resistiremos, companheiros!

À todas as pessoas sensíveis que se preocupam com o outro, que de algum modo, tenham cruzado o meu caminho, como me disse o queridíssimo Juiz Dr. Leoberto Brancher: “*as pessoas de luz se encontram e se reconhecem*”!

À todas as pessoas que em qualquer canto do mundo, ainda conseguem ter empatia frente ao narcisismo das culturas contemporâneas, como cantou o eterno Renato Russo: “*...compaixão é fortaleza... ter bondade é ter coragem...*”

A TODOS

*Para aqueles que adormeceram no nunca,
Para aqueles que sonham suas verdades e as negam,
Para aqueles que estão com muito medo e choram por qualquer coisa,
E eles escondem seus rostos de vergonha.
Para o tímido, para o solitário, para o raro
Para aqueles que duvidam e duvidam e os chamam de imaturos, fracos.
Para aqueles que dormem no leito psiquiátrico frio,
Às mães que pegam a mão do filho admitido.
Eu lhes digo para não nos vender verdades, que a verdade não existe,
A verdade e a razão são criações do homem, para doer à medida.
Devemos lutar contra o silêncio e a ignorância
Somos pessoas, não estamos doentes.
Quem tem a verdade absoluta, a realidade absoluta?
... mostre, mostre se puder ...
É mentira, mentira, não existe!
Aqueles que têm cicatrizes de ter suas veias rachadas,
Para aqueles que conseguiram não os quebrar,
Para aqueles que estão paralisados pela angústia,
Paralisa você para não ser, amar, sonhar.
Para aqueles que chamam vagos, idiotas, loucos, fracos.
Não dê ouvidos à voz daqueles que vivem apenas para afirmar, controlar,
Ou aqueles que sabem onde estão indo, onde estão, quem são,
Ou aqueles que usam a cabeça alta e a voz não tremem.
Para aqueles que têm ansiedade, a sociedade os faz fumar dois pacotes diários.
Para aqueles que não são sociáveis, nem aptos, nem lúcidos,
Nem extrovertidos, nem empáticos, nem assertivos, nem normais.
Aqueles que nunca passarão em um teste psicotécnico,
Para aqueles que carregam medicação na bolsa e na bolsa vazia.
Aqueles que agora estão amarrados a uma cama e não nos ouvem,
Aos psiquiatras que abraçam seus pacientes
E uma vez pediram conselhos, a que chamaram de esquizofrênicos.
Para quem tem certificado de diminuição
E lemos Lorca e Nietzsche e o que é necessário.
Aqueles que pegaram o túnel e partiram para sempre,
Aqueles de nós que atravessam o túnel todos os dias agarrados às paredes negras,
Para todos aqueles que sabem e querem nos ouvir,
E não confiam apenas em manuais, livros, teses, estudos e estatísticas.
Para os psicólogos que dão beijos.
Já passamos pelo inferno e pelo céu e nunca mais queremos ir para lá novamente.
Aqueles que roubam dor e sorriem de volta, diz Sabina.
E acima de tudo, para todos aqueles pupilos dilatados de tanta química que
Eles parecem atordoados e absorvidos, mas têm uma luz mais bonita:
"Que não há loucura, mas pessoas que sonham acordadas"*

Cristina Martin - Princesa Inca

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender os modos de subjetivação e as estratégias de resistências dos sujeitos que estão privados de liberdade em um presídio no interior do Rio Grande do Sul. Assim, este trabalho surge da necessidade e da pretensão de produções de vida no cárcere, e desconstrução de comportamentos já cristalizados e moldados pela institucionalização. Para tanto, o procedimento metodológico seguido foi o método cartográfico. A cartografia é um método de pesquisa-intervenção no qual o pesquisador mergulha no campo e se mantém atento ao que não espera encontrar, às irregularidades, surpresas, inconsistências, às forças declaradas ou não e aos seus jogos, aos movimentos e devires. Neste percurso foram utilizados como instrumentos grupo-dispositivo, cadernos/diários e diário de campo. Cartografar na prisão produziu efeitos instituintes, tornando o cárcere menos aprisionador ao criar espaços de acolhimento, vínculo e liberdade, que se constituíram no grupo grupo-dispositivo e nos cadernos/diários, sendo que estes dois dispositivos configuraram-se como potência de vida na construção de subjetividade e resistência ao processo de perdas intrínsecas ao aprisionamento. A maioria dos participantes reconhecem na família e na espiritualidade duas principais forças de resistências ativas diante das péssimas condições de vida, das experiências de violência, da falta de perspectiva e a subjugação às incontáveis privações. Diante do arrazoado exposto, percebe-se que o preso cria sua estratégia de (r)existir, pois é a partir da própria circunstância adversa que ele encontra força para transformar seu mundo.

Palavras-chave: Subjetividade. Resistência. Cartografia. Cárcere.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
2.1 Instituição Total e Prisão.....	10
2.2 Cartografia dos modos de subjetivação e estratégias de resistência.....	14
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 Contexto.....	20
3.2 Participantes.....	21
3.3 Instrumentos.....	22
3.4 Procedimentos.....	23
3.4.1 Coleta de dados.....	23
3.4.2 Análise dos dados.....	25
3.4.3 Aspecto Éticos.....	27
4 RESULTADOS.....	27
4.1 Diário de Campo – fragmentos do dispositivo encontros grupais.....	27
4.2 Cadernos/diários – fragmentos das escritas dos participantes.....	58
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
7 REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	100

1 INTRODUÇÃO

“Escrevo-te porque não me entendo [...] Mas vou seguindo. Elástica. É um tal mistério essa floresta onde sobrevivo para ser [...] Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa[...] Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não possuo. Lê a energia que está no meu silêncio [...] sou-me [...] Você que me lê me ajude a nascer. (Clarice Lispector – Água Viva, 1973).

Na história do nascimento da prisão encontramos nos relatos de Foucault, que já no século XVII se pensava em construir uma nova economia e uma nova tecnologia do poder de punir. Esse pensamento tornou-se a razão principal da reforma penal do século XVIII, desaparecendo os suplícios e surgindo punições menos diretamente físicas, uma certa discriminação na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação (FOUCAULT, 2004).

Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal e o novo cerimonial da pena vai sendo obliterado e passa a ser apenas um novo ato de procedimento ou de administração. O essencial da pena é procurar corrigir, reeducar, “curar”, dividir os indivíduos, fixa-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registros e anotações, construir sobre eles um saber que se acumula e centraliza (FOUCAULT, 2004; BADARÓ, 2012).

O mais importante, alude Foucault (2004), é que esse controle e essa transformação do comportamento são acompanhados na formação sobre os indivíduos, que a partir do aparelho prisão, serão observados cotidianamente. Destarte, ao adentrar no sistema carcerário, o indivíduo sofre uma mudança brusca em seu status social em razão do ambiente hostil pautado numa sujeição de poder formal e informal, ditado pelas regras institucionais. Alguns dias ou semanas de encarceramento são suficientes para desestruturar a subjetividade de um detento e lhe propiciar a sensação de ter sido, literalmente, engolido, absorvido, tragado pela estrutura penitenciária, perdendo suas identificações e sendo reduzido a sua condição atual (LOBOSCO, 2009).

Diante destas premissas, este estudo teve como objetivo compreender os modos de subjetivação e as estratégias de resistências dos sujeitos que estão privados de liberdade em um presídio no interior do Rio Grande do Sul. Assim, este trabalho surge da necessidade e da pretensão de produções de vida no cárcere, e desconstrução de comportamentos já cristalizados e moldados pela institucionalização. Para tanto, o procedimento metodológico

seguido foi o método cartográfico, conforme Leite (2014), a cartografia é um método de pesquisa-intervenção no qual o pesquisador mergulha no campo e se mantém atento ao que não espera encontrar, às irregularidades, surpresas, inconsistências, às forças declaradas ou não e aos seus jogos, aos movimentos e devires. Não busca essências ou descobertas de objetos dados, e sim a problematização do que se encontra naturalizado. O cartógrafo procura criar dispositivos ou acompanhar o fluxo daquilo que se dispositivo durante o processo, neste percurso foram utilizados como instrumentos grupo-dispositivo; cadernos/diários e diário de campo. Durante seu curso, este estudo ancorou-se nas seguintes questões norteadoras: de que modo os “muros e as grades”, o poder, a disciplina e o controle da instituição prisional constituem os sujeitos e seus discursos? Que representações de si, emergem nesse contexto de privação de liberdade? Como se manifestam as marcas de resistência? É possível que elas possam constituir-se através da escrita?

Após esta breve introdução, cumpre aqui esclarecer que este estudo está dividido em cinco partes: a primeira, contém os fundamentos teóricos estudados; a segunda, descreve a metodologia adotada; a terceira apresenta os resultados e produções tanto do grupo-dispositivo, como das escritas dos cadernos/diários dos detentos, bem como descreve a constituição do *corpus*; a quarta explana a conversa entre os fundamentos teóricos e as produções realizadas, ou seja, traz a luz a discussão dos resultados. Por fim, a quinta parte elucidada as considerações finais. Conforme descrito, passamos então, à explanação da revisão bibliográfica.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Instituição total e prisões

As instituições podem ser descritas como sistemas de valores e modos de ação que, embora construídos sócio historicamente, são admitidos como naturais, universais, absolutos, verdadeiros e necessários na vida cotidiana. Por sua vez, os regimes disciplinares definem categorias de objetos, sujeitos e limites tomados como naturais e pré-existentes ao ato de conhecer; nesse contexto, o regime carcerário consiste em pessoas-objeto naturalizadas como criminosas e inseridas em relações verticais de conhecimento e poder. O cárcere não é aquilo que se lhe atribui: um sistema de inserção social. Trata-se, antes, de uma estratégia de segregação, que classifica e ordena os sujeitos para fins de controle disciplinar, preservando aspectos de castigo, suplício e correção disciplinar (FOUCAULT, 2004; LEITE, 2014).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 1948), a função do sistema prisional é proteger a sociedade contra o crime, cabendo ao mesmo assegurar que, quando egressa do sistema, a pessoa seja capaz de respeitar a lei. Estabelecimentos penais: são todos utilizados pela justiça para alojar quem é preso, independente de ser provisório, condenado ou submetidos à medida de segurança. Entretanto, observa-se que o sistema prisional surgiu com um único intuito: causar punições a quem cometia algum tipo de ato infracional (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Na antiguidade, não havia a noção plena da privação de liberdade como sanção penal – o direito era influenciado pelo Código de Hamurabi ou “Lei de Talião: olho por olho, dente por dente” (MAGNABOSCO, 1998; FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014). Com o final da era feudal, os suplícios dos corpos e as cenas públicas de castigo passaram a ser repreendidos e tomaram outra forma. No início do século XVIII, as punições passam a ser de responsabilidade do Estado, com isso os suplícios e as manifestações públicas de descumprimento das normas perdem a força em países como Inglaterra e França, cabendo então punições mais veladas. Nesta época, o aprisionamento constituía-se tão somente como um meio de aguardar pelo julgamento final. A partir deste tempo, embora não haja violações ao corpo físico, a violência tem o seu lugar legitimado a partir da interdição da liberdade do sujeito, este que passa a dedicar-se demasiadamente às rotinas impostas. Seu corpo, embora não tocado, está agora totalmente disponível ao Estado, tanto em relação ao tempo quanto a perda de direitos (FOUCAULT, 2004; OAKES, 2006).

Ainda corroborando com os escritos acima, Mameluque (2006) descreve que com o desaparecimento do grande espetáculo da punição física, o afrouxamento da severidade penal, no decorrer dos últimos séculos, é um fenômeno bem conhecido dos historiadores do Direito. É nesse período que se dá a passagem a uma penalidade de detenção. A prisão, peça essencial no conjunto das punições, marca certamente um momento importante na história da justiça penal. Apesar de ser uma novidade, surgiu tão ligada ao funcionamento da sociedade que relegou ao esquecimento todas as outras formas de punição que os reformadores imaginaram. O que fez surgir o encarceramento foi o progresso das ideias e a educação dos costumes. Segundo Foucault (2004), a prisão é um quartel, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, no fundo, nada tem de qualitativamente diferente. Esse duplo fundamento jurídico-econômico, por um lado, técnico-disciplinar por outro, fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas.

Ainda de acordo com o autor supracitado, a prisão é anterior aos códigos que a estabelecem enquanto pena privativa de liberdade por excelência. Ela nasceu tão atrelada aos mecanismos disciplinares que colonizaram o corpo social a partir dos séculos XVII e XVIII que pareceu ser como um acontecimento natural do progresso da história. É na passagem dos séculos que a punição se transforma em uma função da sociedade e, por conseguinte, um direito que a mesma se outorga de penalizar todos aqueles que, por ventura, vierem a descumprir as regras do contrato social. Neste momento da história ocidental que a prisão se transforma num instrumento fundamental para a legislação penal. Momento em que a justiça se nega a tocar o corpo do condenado e, ao invés de punir-lhe com o martírio público de seu corpo, limita-se a lhe privar de seu mais importante bem e direito, a liberdade (ALVARENGA FILHO, 2015).

Desta forma, inaugura-se uma nova economia dos mecanismos de poder, através de “procedimentos, de análises, que permitem majorar os efeitos de poder, diminuir o custo do exercício do poder e integrar o exercício do poder aos mecanismos de produção” (FOUCAULT, 2001, p.108). Ou seja, a partir do século XVIII, os mecanismos de poder não irão mais atuar através dos rituais individuais de punição, mas sim, a partir de técnicas de vigilância e controle contínuos sobre todo o corpo social. Esse exercício do poder não estará mais nas mãos da vontade do soberano, mas sim será regido por leis necessárias, aplicáveis indistintamente sobre todos (ALVARENGA FILHO, 2015).

Todavia, sendo a prisão o efeito de um processo que se deflagra a partir do século XIV, com a criação de dispositivos para a segregação e controle das classes marginalizadas, a sua razão de ser deve ser buscada antes no desenvolvimento dos dispositivos disciplinares do que,

pelo contrário, no interior dos novos códigos que estabelecem o seu papel na nova economia punitiva. Assim, a prisão foi, desde seu surgimento, um instrumento de modificação e correção dos indivíduos nela confinados. Se depois, nos séculos XVIII e XIX, ela se transforma em um dispositivo submetido aos rigores da justiça penal é porque, para lógica capitalista e disciplinar, ela possui suas vantagens (ALVARENGA FILHO, 2015).

A prisão é uma tecnologia de punição que foi elaborada na modernidade, quando os mecanismos de poder evoluíram das sociedades de soberania para as sociedades disciplinares (FOUCAULT, 2004; GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006). A finalidade da prisão, como de todas as instituições é fixar os indivíduos, um dos primeiros objetivos da disciplina. É um processo em que se imobiliza ou regulamenta os movimentos, se domina as forças que se formam e se neutraliza os efeitos de contrapoder que daí surgem e que formam resistência ao poder, como agitações, revoltas, organizações espontâneas etc. (FOUCAULT, 2001). Portanto, a prisão é um significativo representante de um mundo que não tolera a diferença e as mudanças; mas na medida em que os presos, que deveriam ficar submetidos, calados e parados, pensam, falam e resistem, encontrando certa liberdade do “espírito”, esse pensamento é uma potência nômade, uma “máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1997), que deixa a vida fluir (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013).

Desde modo, entende-se que a prisão pode ser considerada a “pena das sociedades civilizadas” e forma, junto com uma série de instituições (escolas, fábricas, asilo psiquiátrico, hospitais etc.) o que Foucault (2008) chama de uma rede institucional de sequestro onde nossa existência é aprisionada; suas principais funções seriam controlar o tempo dos indivíduos e controlar seus corpos. A legislação penal desvia-se da utilidade social, dos atos e infrações efetivas do indivíduo a uma lei e se volta para o controle e a reforma psicológica e moral de suas atitudes e comportamento, valorizando a noção de periculosidade. Assim, a vigilância se exerce sobre o que o indivíduo é, sobre o que ele pode fazer e não sobre o que ele faz; tende a individualizar o autor do ato em vez de considerar a qualificação penal do próprio ato. O criminoso passa a ser o inimigo social, aquele que rompeu o pacto social e deve reparar a perturbação causada à sociedade. O controle penal punitivo dos indivíduos quanto às suas virtualidades passa a ser efetuado por uma rede de instituições de vigilância e de correção à margem da justiça, poderes laterais como a polícia e as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013). É, segundo Foucault (2008), a idade da ortopedia social, do controle social.

O princípio geral dessa nova “anatomia política” é o panoptismo, cujo objeto e fim são as relações de disciplina, devendo-se vigiar sem interrupção e totalmente, tanto a existência

individual como o funcionamento cotidiano das instituições, enquadrando a vida e os corpos dos indivíduos (FOUCAULT, 2001). O panoptismo é uma forma de poder, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas, através do tríplice aspecto – vigilância, controle e correção – que caracteriza as relações de poder da sociedade disciplinar (FOUCAULT, 2008). O efeito mais importante do panóptico é induzir no detento um estado consciente e permanente de se saber vigiado, sem nunca saber se está sendo observado, assegurando assim o funcionamento automático do poder (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013). O princípio de Bentham é o de que o poder deve ser visível e inverificável (FOUCAULT, 2001). Para Miller (2008), esse é o maior ardil do panóptico: ver sem ser visto.

Seguindo essa linha de pensamento, Foucault (2004), denuncia que os excessos que a prisão comete, ou melhor, o grau em que a prisão excede a detenção não é um acidente, um acaso, mas um efeito desejado e esperado. A este excesso da detenção, o referido autor dá o nome de “penitenciário”. O “penitenciário” consiste no conjunto de técnicas disciplinares que, na prisão, tomam como objeto de seu saber e alvo de seu exercício de poder o delinquente; nem tanto o que ele fez, mas o que ele é; não o seu delito cometido, antes a sua história de vida, a sua biografia; para na correção de sua “alma degenerada” construir a possibilidade de sua reeducação. Todavia, para a operação penitenciária funcionar ela precisa da constituição de um campo de visibilidade sobre o condenado, isto é, o delinquente é exposto a dois dispositivos, a observação e a anotação, que permitem a constituição de um saber sobre ele. E é a partir deste processo de produção de um saber detalhado sobre os condenados que os mecanismos do penitenciário podem atuar (ALVARENGA FILHO, 2015).

De acordo com a tese de Foucault em *Vigiar e punir*, a prisão não fracassa, pelo contrário, ela cumpre exemplarmente o papel que a sociedade disciplinar relegou-lhe, a saber: produzir uma classe de delinquentes que sirva, principalmente, na nova gestão dos ilegalismos sociais; que enseje a classe dominante fazer um corte entre o povo e os delinquentes, separando uns dos outros e encarregando os primeiros da aceitação de moral rigorosa, bem como, criando um corpo policial que terá a sua existência justificada pela existência dos segundos e legitimada pela aceitação do povo do perigo que corre (ALVARENGA FILHO, 2015).

Por isso que a mais de um século o encarceramento é criticado, pois se sabe que não recupera/ressocializa, pelo contrário, muitas vezes serve como fábrica de delinquência (TOKUDA, 2006). Pode-se colocar, com isso, que as unidades penitenciárias servem como uma das formas, a mais letal e desumana, de comprimir “artificialmente” uma parcela da população que, possivelmente, estaria ativa no mercado de trabalho. Com os aprisionamentos

deveria existir emprego para todas as “pessoas de bem” e que querem trabalhar (o que não acontece na realidade), assim reprimindo qualquer lampejo de rebelião da camada popular/dominada (WACQUANT, 2001). Ainda corroborando com esta linha de pensamento, Zaffaroni (1993) argumenta que na América do Sul essa docilização por parte do sistema punitivo teria por objetivo manter os países deste Continente na periferia da industrialização. Este giro no ponto de vista do biopoder dá melhores condições para compreender algumas características do sistema penal brasileiro, como a superlotação, que em nada contribuiria com a indústria, mas seria muito útil para manter grandes parcelas da população à margem do acesso igualitário à fruição de direitos (LEITE, 2014).

Já Batista (2002, p. 63) adverte: “Se as prisões dos séculos XVIII e XIX foram projetadas como fábricas de disciplina, hoje são planejadas como fábricas de exclusão”. O local destinado aos membros de uma classe determinada, a saber: os pobres. De acordo com a autora, com os avanços das tecnologias de produção, cada vez mais se precisa de menos força humana para a fazer o aparelho capitalista funcionar (ALVARENGA FILHO, 2015).

Finalizando, de acordo com análise de Foucault (2004), a prisão foi criada para ser “um aparelho disciplinar exaustivo”: tomar conta de cada aspecto da vida dos indivíduos; suas condutas, suas aptidões, seu treinamento físico. Ou seja, mais do que as outras instituições, como a escola, que trazem certa especialização, a prisão deve ser “onidisciplinar”. Ela deve exercer uma ação ininterrupta sobre os indivíduos: uma “disciplina incessante” (OAKES, 2006). Ela tem que ser a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido: seu modo de ação é a coação de uma educação total (FOUCAULT, 2004).

2.2 Cartografia dos modos de subjetivação e estratégias de resistência

Todo indivíduo é uma complexa unidade natural e cultural. Entende-se por sujeito o indivíduo que é capaz de agir por si mesmo, isto é, capaz de pensar, decidir e atuar conforme a sua própria decisão. Sendo assim, a subjetividade engloba todas as peculiaridades imanentes à condição de ser sujeito, envolvendo as capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais de tal pessoa. Mais que um corpo com funções biológicas e psicológicas com capacidade de transformar o seu meio pelo trabalho e pela linguagem, o ser humano é uma unidade de necessidades, desejos, sentimentos, angústias, temores imaginários, racionalidade e paixões. Da mesma forma, como não podemos considerar o homem apenas um animal racional, também não podemos reduzir a subjetividade a uma dimensão meramente cognitiva, a uma consciência, desconsiderando todas as demais facetas da complexa interioridade de

cada um. Essa subjetividade é uma espécie de “argila” que vai sendo modelada sob a cultura dominante de cada sociedade (MAMELUQUE, 2006).

Para que se amplie o conceito sobre o indivíduo, é necessário esclarecer a palavra subjetividade. Deleuze (1953) conceitua a subjetividade como um processo não estático, o homem influencia e é influenciado todo o tempo e esse movimento se perpetua até o fim da vida.

Mamaluque (2006) considera que a subjetividade engloba todas as peculiaridades imanentes à condição de ser sujeito, envolvendo capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais de tal pessoa. Toda pessoa é uma complexa unidade natural e cultural. Mais que um corpo com funções biológicas com capacidade de transformar o seu meio pelo trabalho e pela linguagem, o ser humano é uma unidade de necessidades, desejos, sentimentos, angústias, temores imaginários, racionalidade e paixões (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Os autores supracitados analisam que a subjetividade pode ser entendida como uma síntese singular e individual que cada um de nós vai construindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Essa síntese – a subjetividade – é o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais.

A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo, não implica uma posse, uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro (GUATTARI; ROLNIK, 1986-1999). O outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, aquilo que produz efeito nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social, a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Conforme Deleuze e Guattari (1966), o indivíduo consome os estados que passa e nasce desses estados, e, se entendermos subjetividade também como a expressão do desejo do indivíduo, percebemos, na necessidade de manter e fazer funcionar a prisão, a máquina que mobiliza o desejo dos apenados e fabrica o seu assujeitamento. Também na prisão, os modos de subjetivação são constituídos pelo caleidoscópio de forças, incluindo as relações de poder

iminentes ao capitalismo, capazes de produzir subjetividades (GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006).

Destarte, o sistema prisional e o encarceramento não permitem nem a possibilidade do homem se fazer indivíduo, como um ser que minimamente pode pensar e agir livremente (MAMELUQUE, 2006) e como todo o processo de institucionalização, o homem é reduzido à sua condição atual e essa capacidade de agir lhe é retirada. Torna-se importante ressaltar que a falta de liberdade não está somente no campo físico, como uma gaiola de pássaros. A partir do momento em que se proíbe o livre pensar expressado através de ações e criações tem-se um indivíduo limitado, que não se reconhece dentro do grupo e que dependerá de artifícios – dos mais variados – para se reafirmar e posteriormente, encarar novos padrões sociais (OAKES, 2006).

Ao chegar à prisão, o sentenciado traz uma concepção de si mesmo formada ao longo de sua vivência no mundo doméstico. Nesse momento, ele é despido de seu referencial, e o processo de admissão o leva a outras perdas significativas em relação ao seu pertencimento à sociedade. Ao despir sua roupa e vestir o uniforme da instituição, o indivíduo começa a perder suas identificações anteriores para sujeitar-se aos parâmetros ditados pelas regras institucionais (ONOFRE, 2012).

O controle exacerbado e os muros levantados contribuem em um primeiro momento para a descaracterização do indivíduo, uma vez em que o mesmo agora faz parte de um grupo anônimo, que está à margem da sociedade. O grupo assume esse anonimato perante a sociedade, no entanto o sujeito carrega consigo uma nova identidade: um apelido, código ou um número. Este estigma, ou seja, a marca neste caso é imposta e sobressai a qualquer possibilidade de transformação ou desenvolvimento, fala sobre alguém que agora responde diretamente pelo ato cometido, não há um nome, quando se remete a ele associa-se ao delito escancaradamente. Desta forma a sociedade o identifica como “delinquente”, “bandido”, “criminoso”, associando-o a figura do mal (OAKES, 2006). Há um paradoxo que envolve o objetivo do sistema, pois se espera que o indivíduo, que foi excluído da sociedade e teve a sua liberdade totalmente privada durante meses ou anos, agora tenha a capacidade de retornar ao convívio na sociedade sem maiores consequências (NASCIMENTO, 2009).

Pode-se perceber que a mortificação do sujeito e a submissão do corpo, que deve ser formado, reformado, que deve tornar-se dócil, permanecem nos métodos de trancar ou corrigir que substituíram os castigos violentos. Ao aprisionar um indivíduo e ao se exercer sobre ele vigilância, controle e correção, não é apenas seu corpo que se quer tornar dócil, mas

principalmente sua mente. Ao confinar os corpos, pretende-se neutralizar a mente. O preso não deve pensar, só obedecer e seguir regras (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013).

O isolamento produz no indivíduo a sensação de perdas pessoais, como explicita Goffman (2001), quando observa que o encarcerado passa por um processo de descaracterização de sua identidade adquirida anteriormente nas relações com a família, amigos e instituições religiosas, educacionais, profissionais. Nesse sentido, se faz necessário criar/buscar modos de resistir ao processo de perdas a que a prisão submete o indivíduo, uma vez que é a região mais sombria do aparelho de justiça que organiza silenciosamente um campo de subjetividade em que o castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica (FOUCAULT, 2004; ONOFRE, 2012).

Na prisão, a resistência ativa procura extrair uma potência de vida com forte poder inventivo para esses homens, pois, conforme Deleuze (1988, p. 111), “haverá sempre uma relação consigo que resiste aos códigos e aos poderes; a relação consigo é, inclusive, a origem dos pontos de resistência”. Potência é definida como uma qualidade molecular ou micropolítica no agenciamento do desejo, que faz vibrar possíveis outros a partir de um uso intensivo da própria vida, que resiste à captura a um modo de produção de subjetividade homogêneo (GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006). A resistência ativa pode ser observada, por exemplo, nos relatos feitos por Schaefer; Farias e Pinto (2013), quando narram a história de Antônio Gramsci, intelectual italiano, que foi preso, no julgamento que o condenou a vinte anos de prisão, em 1928, onde o procurador-geral concluiu: “Devemos impedir esse cérebro de funcionar durante vinte anos”. Porém, não só o cérebro de Gramsci não deixou de funcionar, como seus principais escritos foram feitos na prisão: “Os Cadernos do Cárcere – a mais importante análise já realizada sobre hegemonia, sobre o nexos entre a política e a educação” (MONASTA, 2010, p.15).

Vários autores abordam aspectos relativos aos processos de escrita em contextos prisionais, desde os espaços do confinamento ou da privação da liberdade. Entre eles podemos citar o estudo de Boechat e Kastrup (2009), que discutiu os desdobramentos de uma oficina de leitura com internos de uma prisão no Rio de Janeiro, sendo que, as pesquisadoras observaram que os internos requeriam aos guardas a entrada de livros, instrumentos musicais e materiais para confecção de peças artesanais, demonstrando interesse em desenvolver alguma atividade durante o tempo de que dispunham. Muitas vezes a entrada desse material era negada pela administração. A realização de alguma atividade se mostrava possível, já que existiam desejo e potencial inventivo, e parecia necessária, em razão da ansiedade gerada pela ociosidade que, segundo os presos, dificultam a espera pela liberdade. Do ponto de vista prático, o uso da

leitura, onde os recursos necessários seriam somente livros, se apresentou como saída para a efetivação de um trabalho com a população carcerária, tendo em vista a carência de recursos e a dificuldade em obter autorização para a entrada de outros materiais. Por outro lado, é sabido que a leitura de textos literários é uma prática de transformação de si e do mundo. Em sua dimensão ética, a literatura prepara um campo fértil para promoção de experiências de problematização e transposição dos limites de si mesmo e do meio.

No estudo de Onofre (2012), intitulado como: “A leitura e a escrita como possibilidade de resgate da cidadania de jovens e adultos em privação de liberdade”, a autora analisa que na prisão, ler e escrever é fundamental, pois não ter essas qualidades implica dependência de um companheiro. É com esses conhecimentos que os detentos podem escrever e ler cartas, bilhetes e acompanhar o desenrolar dos seus processos criminais. Na prisão, ler e escrever significa, portanto, ter mais liberdade, autonomia e privacidade, sendo ferramentas importantes na formação desses homens que desejam ser “alguém”, pois promovem a aquisição de conhecimentos, melhorando o relacionamento e criando novas maneiras de pensar, viver e comportar-se dentro e fora das grades.

Sá; Accioly e Aguiar (2015), no trabalho “Relatos de si em situação de condenação punitiva: a trajetória de Adão”, trazem importantes contribuições ao analisarem o percurso percorrido por Adão no cárcere. O detento elaborou livros artesanais, usando as tampas das quentinhas como suporte da escrita, encadernando-as com fios feitos de saco plástico, e reformulou assim os seus relatos de si, numa busca por novas narrativas de sua vida. Adão fez experimentações literárias relacionadas com sua trajetória de vida no confronto com as questões da punição, do sofrimento e da liberdade.

Outro relevante estudo, apresentado por Stecanela e Kuiava (2012) que teve como objetivo analisar as representações que os jovens internos em conflito com a lei, situados na faixa etária dos 18 aos 21 anos, tinham sobre sua situação juvenil, revela que através de uma escrita estimulada pela pesquisa, por meio das cartas, os jovens em privação da liberdade fornecem elementos para interpretações que ultrapassam as temporalidades e as espacialidades da instituição na qual vivem e convivem. As cartas dos jovens permitem uma leitura dos percursos juvenis e das instituições que concorrem em seus processos de socialização para além dos muros e das grades. Embora não possuam espelho no espaço do confinamento, as escritas de si na privação da liberdade desafiam os jovens a uma prática de construção de si, colocando-os em frente ao “espelho”, procedendo com os arquivamentos do eu. Com esse procedimento, relacionam a imagem social àquela que constroem de si próprios, muitas vezes como única forma de responder às inquietudes da sua própria vida e às

condições existenciais a que estão submetidos. Ainda corroborando com estes achados, Foucault (2006), preconiza que ao escrever de si, o sujeito põe em jogo a forma como ele é visto pelo outro; neste sentido, a escrita em si constituiu também um olhar do outro sobre si.

Diante arrazoado exposto, demonstra-se a importância deste trabalho, que para além de buscar investigar um fenômeno, procurou inaugurar modos de resistência contra a mortificação da subjetividade produzida pelo cárcere. Para tanto, a formação de um grupo-dispositivo e a escrita foram caminhos que a pesquisadora escolheu para acolher novos estares, ajudar inventar modos de ser, descobrir os outros eus que habitam a todos. Como viu-se, através da revisão bibliográfica, tais experiências produzem marcas nos corpos que escrevem (SILVEIRA; HECKER, 2013). Deste modo, pretendeu-se buscar na casa das palavras, como diria Eduardo Galeano (1991/2007) uma lente clínica para “desver” o mundo, pois teve-se como proposta a abertura de novos sentidos, e até mesmo, a invenção deles.

3 METODOLOGIA

A presente monografia caracteriza-se por um estudo qualitativo, descritivo e cartográfico. A opção pela pesquisa qualitativa se deu pelo interesse no aprofundamento da compreensão de um determinado campo social exigindo do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, preocupando-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2013), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Logo consiste numa modalidade que melhor se aplica para perceber, sentir, decifrar, descrever e cartografar movimentos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Conforme Gil (1999), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de determinada população ou fenômeno, ou de estabelecer relações entre as variáveis. Ainda segundo esse autor, ela é descritiva enquanto investiga, observa e descreve os fatos que se pretende compreender.

Utilizou-se neste estudo, um processo investigativo cartográfico. A cartografia é um conceito (e) método, cunhado pelos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra o “O Anti-Édipo” (1972-1996), que se ocupa com a produção de realidades, que podem ser a partir da implicação com alguma problemática da vida cotidiana, na relação com outras pessoas, objetos ou acontecimentos, enfim, o que de algum modo, afeta quem se dispara e se coloca a

caminhar como um cartógrafo (DELEUZE; GUATTARI, 1972-1996).

A cartografia é um processo de intervenção, quando da passagem do cartógrafo-pesquisador pelo território da pesquisa, quebrando a dicotomia sujeito objeto e instaurando uma relação onde os dois se constituem no mesmo processo, questionando os sentidos dos movimentos que se produzem no ato de pesquisar e explicitando a expressão das singularidades (BARROS; PASSOS, 2000; GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006).

Rolnik (1989) descreve a cartografia como um antimétodo que procura revelar as forças que contribuem para a formação de territórios existenciais, ou seja, a constituição da vida dos sujeitos. Não existe protocolo normatizado para ela, cabendo ao cartógrafo construí-lo. A cartografia produz mundos, ou seja, redes de significações, por isso, o cartógrafo está interessado em atentar para o novo, para o que produz diferença num campo aparentemente homogêneo, quebrando as sequências lineares de fatos e dando visibilidade às forças de resistência. Ela é considerada uma intervenção na medida em que, no encontro entre cartógrafo e sujeito, ambos se afetam e mudam. A proposta desse tipo de pesquisa-intervenção é descrever e compreender, com rigor, o que é vivenciado/experenciado/inventado no decorrer do estudo, explicitando o caminho que se faz para colocar e responder ao problema estudado (GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006).

Em relação ao cartógrafo, podemos dizer que sua prática diz respeito às estratégias de formação do desejo no campo social (GUATTARI; ROLNIK, 1986-1999), potencializando o desejo no seu caráter processual e (re)produtor da sociedade. Para Diógenes (1998), esse processo de investigação requer abertura do pesquisador para o novo, experiência do estudo, com disponibilidade para ver, escutar e deixar-se tocar pelos processos originados na investigação.

Com relação aos procedimentos técnicos, foi realizada exaustiva revisão bibliográfica, pois, utilizou-se de material já publicado em livros, artigos, periódicos, monografias, dissertações, teses, plataformas e bases de dados. A revisão bibliográfica foi feita mediante leitura sistemática, com fichamento de cada obra, ressaltando os pontos elaborados pelos autores pertinentes ao assunto em questão.

3.1 Contexto

O presente estudo ocorreu em um Presídio Estadual de pequeno porte, localizado ao Norte do Rio Grande do Sul, no período de 03/07/2018 à 07/08/2018. Fundado no ano de 1955, este estabelecimento prisional passou a existir com a finalidade de custodiar sujeitos

que romperam com o laço social em função do cometimento de um crime, com uma capacidade de engenharia para alojar 56 pessoas do sexo masculino, condenados e/ou provisórios nos regimes fechados e semiaberto. Atualmente, a casa prisional abriga cerca de 190 presos, de ambos os sexos (femininos e masculinos), provisórios e condenados nos regimes fechados e semiaberto, provenientes dos municípios de Água Santa – RS; Charrua – RS; Erebangó – RS; Estação – RS; Getúlio Vargas – RS; Ipiranga do Sul – RS; Sertão – RS e Tapejara – RS.

3.2 Participantes

A amostra constitui-se inicialmente com cinco detentos condenados que estavam cumprindo pena no regime fechado que aceitaram participar do estudo, tendo assinando o Termo de Assentimento. Ao término dos encontros a composição da amostra foi de quatro participantes, devido a desistência de demais integrantes. Foi restringido a participação há cinco sujeitos por questões de segurança, bem como, em função do espaço físico que a casa prisional oferece, já que o local destinado a encontros grupais não comporta a participação de maior número de pessoas.

Foram critérios de inclusão sujeitos alfabetizados, que não apresentavam problemas de relacionamentos com outros detentos em função do crime cometido e que já tiveram seu processo julgado, tendo recebido condenação inicialmente no regime fechado.

No Brasil, de acordo com a Lei 7.210, de 11 de julho de 1984, que institui a Lei de Execução Penal (LEP), dá-se o nome de regime fechado à pena de prisão onde o sujeito fora condenado a mais de oito anos de prisão, precisando cumprir a pena em estabelecimento de segurança máxima ou média, não podendo sair dela sem ser escoltado por agentes de segurança, pois está em regime de contenção de liberdade. Os detentos ficam alojados em celas coletivas, geralmente “classificados” por questões de “afinidades” e “compatibilidade” dos delitos cometidos. Possuem autorização para saírem de suas celas somente para o “banho de sol”, no pátio interno do estabelecimento prisional, em horário definido pela instituição, ou para desenvolverem atividades laborais e educacionais, ou ainda, receberem atendimentos médicos e ambulatoriais; odontológicos; psicológicos; sociais e jurídicos, bem como, participar de celebrações religiosas no interior da casa prisional. No caso deste estudo, foi restringido a participação há cinco sujeitos por questões de segurança, bem como, em função do espaço físico que a casa prisional oferece, já que o local destinado a encontros grupais não comporta a participação de maior número de pessoas.

Foram utilizados como critérios de exclusão os detentos não alfabetizados, os que pudessem se recusar a assinar o Termo de Assentimento ou não aceitaram participar do estudo, após apresentação e explicação do mesmo.

3.3 Instrumentos

Como instrumentos, utilizou-se de um grupo-dispositivo, com os apenados participantes desta pesquisa, de diversas idades, que cumpriam pena devido a diferentes tipos de delitos, e que se dispuseram voluntariamente a participar. O objetivo do grupo foi de problematizar com eles, a vida na prisão, procurando identificar produções de vida e compreender as estratégias de resistência que descobrem, inventam ou reproduzem. De acordo com Barros (2007) o grupo consiste, enquanto dispositivo, na montagem de uma situação que articula elementos heterogêneos, criando condições para movimentos inesperados, os quais não seriam produzidos sem o encontro. O trabalho de grupo permite diluir a dicotomia social/individual ao aproximar alteridades no tempo e espaço.

Também foi disponibilizado aos participantes deste estudo, cadernos/diários, para que no decorrer dos dias, pudessem escrever sobre os sentimentos, observações e impressões que emergiram a partir das discussões advindas do grupo-dispositivo, bem como, de suas experiências subjetivas no cárcere. Conforme Leite (2014), a escrita pode tornar-se um espaço de habitação, uma morada provisória para as intempéries da vida, onde é possível a invenção do próprio sujeito. Um lugar resguardado onde o sujeito pode cuidar de si (escrever a si) para depois de refazer-se conseguir lançar na escrita (autoria) do mundo. Partindo-se do pressuposto de que a resistência é constitutiva da escrita, tem-se a hipótese que ao escrever os sujeitos passam por um processo de exposição de sua subjetividade e emergem na escrita, discursos de estratégias de resistência aos efeitos totalizante e mortificador do eu advindos do cárcere.

Foi utilizado diário de campo, onde registrou-se as observações das visitas ao local, as conversas, os relatos dos encontros do grupo-dispositivo e as percepções da pesquisadora, bem como os apontamentos do referencial teórico para dialogar com os achados. Conforme Leite (2014, p. 805) “o diário de campo cartograficamente pode ser descrito como uma tela impressionista onde podemos colocar aquilo que parece não caber na alma”. Deleuze e Guattari (1996) afirmam que o diário de campo permite preservar algo de organismo ao perambular na prisão, o suficiente para poder reconhecer-se na mudança e estranhar-se na fixidez. As imprecisões vertidas no diário de campo permitem analisar o vivido, mas ao

escrever o diário a vivência se torna realmente vivível. Como qualquer outro tipo de pesquisa parte de um levantamento bibliográfico.

3.4 Procedimentos

3.4.1 Coleta de dados

Após análise e aprovação do projeto de pesquisa tanto pelo Comitê de Ética (CEP) em Pesquisas da Instituição de Ensino, bem como, pelo Grupo de Trabalho em Ética e Pesquisas no âmbito do sistema prisional da Escola do Serviço Penitenciário (ESP), mediante ofício desta segunda instância, a pesquisadora entrou em contato com a Direção da casa prisional, para explicar os objetivos e dinâmica do estudo, verificar a viabilidade dos melhores horários para as questões de organização e segurança do local, bem como, para a assinatura do Termo de Autorização da Instituição (Apêndice A) sendo que uma cópia permaneceu com a pesquisadora, e outra de igual teor, ficou com a instituição. Cabe ressaltar que a pesquisadora faz parte do quadro funcional da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), e atua como Psicóloga na casa prisional onde ocorreu este estudo.

Após o consentimento da instituição, foram distribuídos cartazes informativos nas celas a respeito do estudo, para que os detentos pudessem tomar ciência e assim, aos que se interessassem, manifestarem-se “deixando” seus nomes em uma lista que ficou com a direção.

Na semana seguinte, a pesquisadora juntamente com o Agente de Segurança responsável pela Segurança e Disciplina do local, analisaram se os participantes inscritos possuem bom relacionamento entre si e “compatibilidade” referente aos delitos, ou seja, delitos que são aceitos pela massa carcerária, e assim, pudessem participar dos encontros grupais sem oferecerem nenhum risco a integridade física e mental a eles mesmos e a pesquisadora. Além desta análise, a pesquisadora realizou uma entrevista individual com cada um dos cinco participantes interessados, para além de explicar os objetivos do estudo, verificar com os mesmos, se realmente havia “compatibilidade” entre eles, principalmente no que diz respeito aos delitos cometidos. Assim, após o consentimento de todos os detentos previamente inscritos, foram avisados sobre o horário e funcionamento do grupo.

O primeiro encontro grupal teve como objetivo a apresentação de todos participantes, onde foi oferecido um espaço para que todos pudessem falar sobre si, e sobre as expectativas referentes aos encontros e ao estudo. De acordo com Leite (2014) a cartografia pressupõe lugares móveis, circulação livre e relações lateralizadas de conhecimento e poder, além de

objetos e sujeitos que não são naturais e que não existem anteriormente ao ato de conhecer. O que se procura não são verdades absolutas, leis ou essências, e sim aquilo que deixa de ser – ou de parecer que era. Trata-se de um modo de pesquisar no qual os objetos são construídos, históricos, contingentes, vinculados a regimes de conhecimento, verdade e poder. A pesquisa cartográfica demanda que sejam tecidos vínculos de lateralidade, de modo que na produção e circulação de saberes não prevaleçam as hierarquias ou barreiras naturalizadas (ALVAREZ; PASSOS, 2009), deste modo, juntos, definiu-se que os temas disparadores dos próximos encontros propiciarão reflexões acerca de si mesmos, e de suas vidas. Apesar de ter sido delineado no projeto deste estudo um total de cinco encontros, ao final, foram realizados seis encontros, que aconteceram uma vez por semana, com duração média de 1h. e 30 min.

Neste encontro, a pesquisadora também entregou os cadernos/diários: de folha simples e sem molas, características descritas pela Portaria nº. 160/2014 que regulamenta a entrada de materiais pela Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE, 2014); e canetas esferográficas com tubo transparente, igualmente definidas pela mesma portaria, para que possam escrever livremente durante as semanas. A pesquisadora explicou que esse caderno/diário era individual, e, portanto, não existia nenhum tema pré-definido, sendo que cada um poderia escrever o que se sentia inspirado a dizer. Ao longo da semana os participantes deveriam selecionar trechos de suas escritas, para serem compartilhados com todo o grupo. Desta forma, foi acordado sobre o sigilo de tudo o que foi exposto e trabalhado no grupo. Ao término dos encontros, os participantes entregaram seus cadernos/diários para a pesquisadora, para que a mesma pudesse utilizá-los como ferramenta de análise deste estudo.

Na mesma oportunidade, a pesquisadora também expôs os objetivos do estudo, garantindo o sigilo e anonimato dos participantes. Foi apresentado, lido e assinado o Termo de Assentimento (Apêndice B), sendo que uma cópia ficou com a pesquisadora, e outra de igual teor, permaneceu no prontuário de cada detendo. Devido ao fato de os sujeitos deste estudo terem sua tutela sob responsabilidade do estado, a diretora da instituição também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) de cada detento participante. Igualmente, foi confeccionado duas vias, sendo que tanto a pesquisadora, como a instituição permaneceram com uma cópia de igual teor.

Após a conclusão deste estudo, apresentação da análise cartográfica e aprovação da banca examinadora da instituição de ensino, a pesquisadora voltará a se reunir com os participantes para realizar a devolução dos cadernos/diários para os mesmos, bem como, partilhar e proliferar os sentidos da vivência e experiências que compartilharam durante o percurso deste estudo. Também será atendido a solicitação da Escola do Serviço Penitenciário

(ESP) que prevê que o pesquisador encaminhe o trabalho concluído, bem como, se coloque a disposição da instituição para fazer a devolução dos achados por meio de palestra, roda de conversa ou outra combinação que possa ser realizada entre as partes interessadas com vistas à divulgação do conhecimento.

3.4.2 Análise dos dados

Na pesquisa cartográfica, não se espera tecer uma explicação para o acontecimento, determinando-lhe as causas históricas. Ao contrário, como Foucault (2003, p. 339) alude, procura-se “reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força etc. que, em um dado momento, formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade”. Tal procedimento, em vez de tender para uma unificação de sentido e determinação de uma causa, reencontra uma multiplicidade que desaparecerá na constituição do dado histórico (BARROS; BARROS, 2013).

Portanto, para a cartografia há um paradoxo da análise em pesquisa, que é o de acessar uma objetividade que tende à proliferação de sentidos, em vez de restringir um sentido único. A experiência que está na base da pesquisa – e, portanto, da análise – é criadora. Não há objeto que anteceda as objeções, nem um fato histórico descolado de um problema. Busca-se “estar presente” em seu campo, desde que consideremos como presença esse estado de atenção em que se torna possível restituir ao dado seu caráter de acontecimento (BARROS; BARROS, 2013).

Mas se, por um lado a cartografia não lida com “dados” no sentido mais tradicional do termo, ela também não pode se esquivar do fato de que ela gera efeitos (BARROS; BARROS, 2013). Como indica Maturana e Varela (2005), a cartografia se compromete de maneira significativa com a análise do processo de pesquisa a ser empreendido, ainda que tal análise não se exerça sobre dados, isto é, sobre uma objetividade tida como independente da própria pesquisa.

O conhecimento a ser produzido e compartilhado pela pesquisa cartográfica abrange as zonas de ambiguidades, acolhendo a experiência sem desprezar nenhuma de suas faces, seja a da objetividade, seja a da subjetividade (BARROS; BARROS, 2013). Na pesquisa cartográfica toda análise é análise de implicação (RODRIGUES, 2012). Aqui se anuncia uma oposição radical às pretensões de neutralidade analítica do pesquisador, que já está implicado no campo de pesquisa. O método analítico consiste, então, em dar visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual o pesquisador se encontra enredado (BARROS;

BARROS, 2013).

Portanto, a atitude da análise não se confunde com um padrão fixo de procedimentos metodológicos, nem com o emprego de uma determinada sequência de etapas. Há, de fato, proximidade entre a atitude analítica presente em diferentes abordagens de pesquisa e intervenção, tais como a análise do discurso, a análise institucional, a própria cartografia e também algumas práticas clínicas. A escolha do procedimento vai-se definir por uma imersão na experiência da pesquisa e supõe que a análise de implicações já esteja em curso (BARROS; BARROS, 2013).

Se há algo de analítico na escolha inicial dos procedimentos a serem empregados é porque, em cartografia, não há como separar a análise das demais fases da pesquisa. Ela não é uma etapa a ser realizada apenas ao final do processo, na qual o material de campo poderia ser, enfim, compreendido. A atitude de análise acompanha todo o processo, permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações. Por isso, em cartografia não há uma separação entre as fases de coleta e análise; tal atitude subentende também algum tipo de separação entre o objeto e o sujeito que o conhece. Como consequência de separar radicalmente a análise da dita “coleta” do material de campo, há a caracterização da análise como um procedimento de decomposição em relação ao sentido, isto é, como um meio de determinar onde se localiza o sentido obtido ao final do processo – se no mundo objetivo ou na subjetividade do pesquisador (BARROS; BARROS, 2013).

Ao contrário de algumas perspectivas que supõem a análise como um momento específico da pesquisa (que pode se dar depois da coleta ou em simultaneidade a ela), a análise em cartografia é, também ela, processual, e inerente a todos os procedimentos de pesquisa. Para a cartografia, a abertura à multiplicidade de sentidos não pode ser temporalmente localizada na pesquisa. Ela se dá ao longo de todo o processo; sustentar a atitude de abertura é, inclusive, uma das tarefas principais da análise na pesquisa. Por isso, a cartografia não pode se privar, de antemão, do emprego de quaisquer procedimentos (BARROS; BARROS, 2013).

Ainda de acordo com as autoras citadas, no seu trabalho denominado como “O problema da análise em pesquisa cartográfica”, embora diversos, os procedimentos de análise de todos os instrumentos utilizados articulam-se segundo uma atitude comum. Tal atitude é o que define a análise em cartografia. Analisar é permitir que a pesquisa se volte para si mesma e se interrogue acerca da implicação e da participação, levando à problematização e ao reposicionamento do lugar dos participantes. Constituindo-se paradoxalmente um acesso à objetividade e como um procedimento de proliferação de sentidos e singularização.

3.4.3 Aspectos Éticos

Conforme apontado ao longo da metodologia apresentada acima, foi seguido todos os dispositivos da Resolução 466 e 510 para pesquisa envolvendo seres humanos e estabelecidas pelo CNS. Outrossim, pela pesquisadora já ter atuado como profissional junto a Escola do Serviço Penitenciário do Estado do Rio Grande do Sul, o presente estudo está de acordo com o que o Grupo de Trabalho em Ética e Pesquisa estabelece, tendo sido seguindo todos os padrões legais para seu desenvolvimento. A identificação de cada participante deu-se através das letras P de participante e qualquer outra letra do alfabeto, como por exemplo “C, F...”, tendo sido uma escolha aleatória da pesquisadora.

4 RESULTADOS:

“[...] quero explodir as grades e voar. Não tenho pra onde ir, mas não quero ficar. Suspenda a queda livre, libertar. O que não tem fim, sempre acaba assim [...]”, diz o trecho da letra da música “Novos Horizontes” da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii; na minha nuca, carrego tatuado a imagem de uma “gaiola aberta”, sim, ela veio após minha entrada no sistema prisional. Se a liberdade muitas vezes se faz tão distante e oprime, nossos gritos mudos serão resistência. Nossas palavras vos autorizam: abram os cadeados, entrem sem medo, tem vida aqui. Apenas uma advertência: é um mundo onde é fácil de entrar, mas muito difícil de sair.

Bem-vindos a casa prisional: inverno frio, julho de 2018:

4.1 Diário de Campo – fragmentos do dispositivo encontros grupais:

03/07/18 – parecia ser mais uma terça-feira como tantas: acordar mais cedo que o habitual; pegar o ônibus; chegar na rodoviária e anunciar aos colegas do Presídio Estadual que estou a sua espera; chegar ao Presídio e cumprimentar os colegas, que não sei se é por que sou visita, ou porque são diferentes mesmo, sou recebida com sorrisos e abraços tão cordiais que por frações de segundo fazem esquecer que estou em um presídio. Me faz bem estar aqui, é tão diferente de quando estou no outro presídio. Aqui é claro, lá é escuro. Aqui tem afeto e sorrisos, lá tem ranços e pessoas esbravejando na recepção; aqui os presos estão próximos, assim que eu deixo minha bolsa na sala, os que me avistam já “abrem” seus sorrisos e cumprimentos: “olha só quem chegou”; bom dia dona Rejane, será que a senhora pode me

chamar hoje”?; o pessoal da segurança observa tudo isso, muitas vezes participam das nossas conversas informais e cumprimentos no portão, e não há sequer qualquer repúdio ou manifesto de reprovação; se fosse lá, tanto o cumprimento dos presos, quantos os meus seriam reprovados. Quando vou para a cozinha tomar café, os presos que preparam nosso alimento estão lá, ouvindo nossas conversas (eu e outros colegas), as vezes até mesmo lhes é permitido participar; no outro presídio, a mesa das refeições ficam em espaço diferentes de onde é preparado os alimentos. E toda terça-feira, essas diferenças me fazem querer estar aqui, fazem militar na defesa de pequenas casas prisionais, onde cada comunidade pudesse ter seu “espaço de aprisionamento”, assim como suas escolas, postos de saúde, igrejas e clubes de lazer. Aqui sinto “o cheiro da vida”. Aqui vejo esperança, aqui sinto, mesmo que ínfima, uma harmonia nas relações.

Mas, como disse, até poderia parecer ser uma terça-feira como as outras, com todas as sensações descritas acima, porém, hoje estou mais ansiosa. Agitada. Será que alguém se inscreveu para participar do grupo?

Só para constar, na semana anterior, após aprovação do Comitê de Ética da Universidade e da Escola do Serviço Penitenciário autorizar este estudo, fiz pequenos cartazes e pedi para que os presos “chaveiros” (chaveiro: oficialmente plantão de galeria, são os presos que abrem as portas das celas para qualquer tipo de movimentação de outros presos, como por exemplo, acesso ao pátio; atendimento médico; psicossocial... sempre é claro com a autorização do agente de segurança que é responsável pela segurança do dia) colassem no corredor da galeria, explicando o objetivo do grupo e pedindo aos interessados que repassassem seus nomes para a direção.

Saí do café, com minha agitação anormal, ou seja, mais agitada do que o meu estado natural, e fui conversar com o Agente que desempenha a função de chefe de segurança. Eu: “oi, Agente C, não sei se você lembra mas hoje vai começar o grupo”, e ele com seu sorriso e tranquilidade habitual: “sim, já estou com a lista em mãos, já repassei os nomes para os colegas e também para o chaveiro” (eu paralisei, sim, confesso, tem pessoas que tem o “dom”, mesmo que por frações de segundo, de me acalmar). Eu: “jura? Não acredito, vocês são muito organizados mesmo, mas e veio os cinco nomes que eu preciso”? Agente C: “sim, vieram exatamente cinco nomes”. Eu: “tá, e vocês já aprovaram estes nomes? Eles podem conviver sem nenhum problema em relação aos delitos”? Agente C: “sim, acho que sim, são presos bem tranquilos, não dão problema pra casa, mas fala com o chaveiro que ele tem a lista, daí veja você, por nós tudo certo. Daí você começa depois que a gente liberar o pátio, tipo, 14hs e 10min, até umas 15hs e 30min, pode ser? Que daí não atrapalha o andamento das rotinas da

casa”.

Se ele disse outra coisa não recorro, acho que fiz um positivo, fui até o portão e chamei o “chaveiro”. Pedi para que liberassem para que eu pudesse conversar com ele na sala de atendimentos. O “chaveiro”, essa figura sempre emblemática que tem o “poder das chaves das celas em mãos”, o preso que transita em ambos os lados: dos presos e da segurança, nosso elo de ligação com a massa carcerária, eco de nossa voz chega aos presos por ele. De algum modo ele detém muito poder, que lhe é conferido por todos os atores que fazem parte desta instituição, mas, esse chaveiro em questão, sempre me chamou mais atenção que os outros, devido a grande influência que exerce em ambos os lados. Ele tem um domínio da massa carcerária que nesses quase 6 anos de sistema prisional, nunca verifiquei em nenhum outro preso, acho que até em nenhum agente de segurança. Ao mesmo tempo, é muito articulado e tem um trânsito quase que livre com os agentes de segurança. Sua palavra é como uma ordem, mesmo sem ser. Conheço pouco, muito pouco sobre sua vida, fiz alguns prontos atendimentos para ele, mas sei alguma coisa sobre seu delito. Das vezes que eu atendi ele sempre se mostrou indignado com sua condenação, “delito de ordem sexual”, inclusive, fala que “uma de suas vítimas”, agora maior de idade, é sua esposa, tendo oficializado o relacionamento na cadeia. Foi acusado também por sua ex companheira, em relação a suas filhas. Nega veementemente, diz que foi perseguido por sua ex companheira que não aceitou a separação e teria “armado um complô contra suas filhas, para lhe prejudicar”. Enfim, em algumas tentativas que fiz para conversarmos a este respeito, o mesmo se mostrou resistente, eu sempre respeitei. Não que o delito pessoal do “chaveiro” será analisado, mas, isso tudo faz parte daquilo que mais me chama a atenção, pois, geralmente presos condenados por este crime são rechaçados pela massa carcerária, são excluídos, e neste caso, ele exerce uma liderança absoluta.

Enfim, pedi para ver os nomes, alguns eu conhecia, outros não. O nome do “chaveiro”, estava na lista também. Chamou minha atenção dois fatos: o primeiro é que estava na lista exatamente o nome de cinco participantes, nenhuma a mais, nenhuma a menos. Disse a ele que estava surpresa com isso. Me respondeu que 4 pessoas haviam se inscrito, e para poder completar os 5 “necessários”, ele resolveu colocar seu nome e “fechar a lista”. Outro fato, que me preocupou, e inclusive, achei bastante estranho o Agente C ter liberado, é que na lista, tinha dois outros nomes que também estão condenados por delitos de ordem sexual (que são os que eu já conheço), e inclusive ficam em celas separadas da galeria, tomam banho de sol em momento separado de outros presos. E os outros dois nomes (que eu não conheço), foram condenados um por homicídio e outro por latrocínio, crimes, que apesar de graves, são aceitos

pela massa carcerária e geralmente não convivem e não aceitam crimes de natureza sexual.

Fiquei preocupada, questionei o chaveiro sobre este fato, ele respondeu que acreditava que essa seria a riqueza do grupo, onde poderiam se expor, se compreender e conviver pacificamente.

Ainda não sei se foi um ato de institucionalização da minha parte, devido a convivência diária com os presos do outro presídio, onde dificilmente isso seria possível, ou, por talvez visualizar um “risco” que ninguém mais estava vendo (nem o agente de segurança, nem o “chaveiro”), decidi que iria fazer uma “entrevista individual” antes do encontro. Disse na hora que era pra me apresentar e explicar melhor sobre o objetivo dos encontros. Mas na verdade era porque assim como os agentes de segurança, quis manter um controle. A instituição se mostra em cada um de nós, ninguém escapa dela.

E mesmo sem ter sido previsto no projeto deste estudo, chamei os cinco participantes para uma conversa individual. Estavam todos, de um modo geral bastante tranquilos e ansiosos, não tinham entendido ao certo o que iríamos fazer no grupo, mas queriam participar. Fui clara e objetiva com todos, questionei sobre como se sentiam em participar uns com os outros, tendo em vista a questão dos delitos. Os dois apenados que estão condenados por delitos sexuais, disseram que estavam se sentindo tranquilos, pois, afinal de contas, o “chaveiro” havia lhes convidado, então, ele deveria saber o que estava fazendo. Os outros dois apenados, um bastante tímido, disse que não tinha direito de julgar ninguém, e me pediu: “a senhora sabe porque estou aqui”? Respondi que não. Com lágrimas nos olhos ele disse: “eu matei meu pai, não por querer. Eu preciso muito de ajuda, e com o tempo a senhora vai conhecer minha história, vai entender que não sou uma pessoa ruim. O ‘chaveiro’ sabe disso, por isso ele me convidou, ele disse que vai ser bom pra mim, eu não me importo com o crime dos outros”. Por fim, o outro apenado, um pouco mais disperso, disse que não estava ali para julgar ninguém, que também cometeu erros, e aceitou o convite do ‘chaveiro’ pois é bastante sozinho, veio transferido de outra casa prisional e convive pouco com sua família.

Destas conversas, duas percepções importantes: a primeira, não houveram inscitos e sim convidados. Convidados pelo “chaveiro”. A segunda, o controle da instituição total claramente estava em mim também, e portanto, de tarde esse grupo iria acontecer, com esta configuração, com estes “arranjos” que a própria instituição fez. A mim, caberia entrar neste “mar desconhecido”, ter a coragem de quebrar com os rígidos controles, admitir um não saber, e me abrir para o que este grupo e eu poderíamos produzir.

Pela parte da tarde, dois agentes que estavam de plantão se mostraram bastante curiosos com relação ao grupo: “é a primeira vez que esse tipo de atividade acontece aqui”,

disse um deles. “Tem certeza que você vai entrar sozinha”, disse o outro. Apesar de um clima de preocupação, sinto que tenho bastante autonomia e respeito por parte dos agentes de segurança, que em nenhum momento, colocaram qualquer tipo de empecilho.

O encontro: minutos antes, eu, com a ajuda do “chaveiro”, que irei a partir de agora identificar como PA, arrumamos a sala, fazendo um círculo com as carteiras escolares da sala, bem como, no meio do círculo disponibilizei os materiais necessários para desenvolver a dinâmica. Os participantes foram chegando bastante tímidos e sentando no círculo que já estava disposto. Saudei a todos, primeiramente, distribuí dos termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, lemos e após a concordância de todos, assinaram e me devolveram para que uma cópia ficasse comigo e a outra eu guardasse em seus prontuários. Expliquei que sempre teremos uma atividade que servirá de base para as discussões, e que neste encontro, a proposta era de que nós pudéssemos nos apresentar. Para tanto, cada qual teria que responder, através de um desenho, a seguinte pergunta: quem sou eu? E posteriormente, teríamos que expor ao grupo.

Começaram alguns “murmurinhos”, algumas agitações. Risinhos, comentários, como “meu Deus que difícil”; “é desde o tempo da escola que eu não desenho”; “parece uma escola com a profe. e os coleguinhas”; apenas um participante, ficou em silêncio, enquanto pensava e também enquanto desenhava, se abstendo em suspiros profundos. Mas todos se mostraram colaborativos com a atividade, e com exceção de um, pareciam estar achando graça.

Dedicaram um tempo considerável para a produção de seus desenhos, alguns bastante coloridos. Quatro participantes se apresentaram em “suas vidas livres”, três desenhos muito parecidos, com imagens pessoais em suas casas, em meio a natureza e com seus familiares. Se descreveram como muito ligados a suas famílias (de origem, ou as que foram constituindo). Se desenharam enquanto sujeitos livres, e apareceu palavras como: família; fé; vida; prosperidade e conhecimento; Deus; felicidade; liberdade; vida nova.

Um participante também se desenhava em liberdade, porém, reflexivo e com bastante dúvidas a respeito da própria identidade, desenhando vários balões de pensamento, com símbolos matemáticos e um ponto de interrogação. Disse que sabe que somou, diminuiu, multiplicou e dividiu na vida de várias pessoas, e que se sente confuso sobre quem ele é de verdade, no meio disso tudo. Depois, com a ajuda dos outros participantes, concluiu que é um pouco de tudo isso que está representado na gravura.

Apenas um participante, além de se apresentar como um sujeito livre, se apresentou também enquanto preso. Disse inclusive que tudo o que ele é hoje, foi reconstruído no cárcere. Relatou o quanto sofreu no início de sua pena, que seus sentimentos foram diversos,

tais como, ódio e desejo de vingança. Vontade de sucumbir a vida do crime. Principalmente porque estava preso em outra casa prisional, mais grande, onde os presos com delitos sexuais não eram vistos como “gente”. Refere que ficou sem referência, que não sabia mais quem era, e não fosse pelo seu irmão, que estava cansado de ser extorquido pelos demais presos, ter tido a ideia de pedir sua transferência para esta casa prisional, não sabe que caminho ele teria trilhado.

Faz um longo discurso contanto sobre sua trajetória, que mesmo neste presídio ficou um mês “atirado” em uma cela, e que, após ter sido atendido pela Assistente Social da casa prisional, começou a ser “enxergado como gente”, tendo sido encaminhado para atividade laboral (chaveiro) e assim, pode mais do que ir recuperando sua identidade, foi descobrindo coisas a respeito de si, que antes não sabia.

Disse que para “não enlouquecer” e esquecer de si mesmo, percebeu que precisava ocupar seu tempo. E tem se dedicado a isso. Além da atividade laboral que desenvolve, no tempo vago, segundo suas palavras: “sempre tenho um livro em mãos, leio de tudo, literatura, livros religiosos, até de psicologia, e isso me ajudou a enxergar o outros também. Comei a olhar preso por preso, tentar conhecer ele a fundo. E perceber o tempo certo que ele precisa ser ajudado. Aqui, pude continuar, mesmo a distância, meu curso de Fitoterapia, e é o que eu mais amo. Então aqui tenho alguns pilares, que me ajudam ser quem eu sou: minha nova família, a fé, o conhecimento e a vontade de ajudar os outros presos. Gostaria que eles se ajudassem, se achassem como eu fiz. Mas vejo que cada um tem seu tempo certo. A gente não recebe ajuda de ninguém aqui dentro. Isso mesmo que a senhora está fazendo hoje, eu nunca recebi, a cadeia nunca ofereceu. Tem uma assistente social, a senhora vem uma vez por semana, e tem os pastores que vem orar por nós. Mas aqui a gente é sozinho, é muito fácil se perder. Tem a família e é por eles que a gente sobrevive. Então, como sou chaveiro, tenho me dedicado a conhecer preso por preso, e esses que estão aqui, eu acredito que eles têm muito potencial, por isso convidei. Alguns estão mais preparados, outros precisam se descobrir mais, mas doutora, eu vejo que todos nós poderíamos melhorar se alguém estendesse a mão. Por isso estou muito feliz com o que está acontecendo hoje, espero que todos possam aproveitar, se expor, para melhorar”.

Após uma longa fala, todos os outros participantes disseram o quanto admiram o “chaveiro”, o quanto ele se esforça para ajudar a todos e a manter uma harmonia no local. Disseram também que se sentiram lisonjeados pelo convite, e que se foram escolhidos por ele, sabem que podem contribuir. Os outros participantes disseram que se apresentaram na sua vida em liberdade, por medo de com o tempo esquecerem de como são “lá fora”.

Trabalhamos então o que eles pensam ser algumas estratégias para não se “esquecerem de si mesmo”, e uma unanimidade foi o uso do próprio nome. Comentaram que alguns presos usam “alcunhas de criminosos” e isso distancia da própria pessoa, conforme relato: “daí tem um aqui que é o facada, imagina, ele se reconhece como facada, eu nem sei o nome dele, mas facada diz muita coisa, tipo, fico pensando, ele é de briga, de confusão, mas a gente não sabe quem ele é de verdade. Acho que ele já se perdeu também”.

Um participante disse: “muitos me conhecem mais por C (nome de uma cidade) do que pelo meu nome, mas eu não acho isso ruim, eu mesmo me reconheço como C, eu gosto porque me traz lembranças da minha vida lá da rua, da minha comunidade, de quem eu era antes de estar preso e pra onde eu vou voltar quando sair em liberdade”.

Como apenas um dos participantes está desenvolvendo atividades laborais na casa prisional, todos os outros, que com exceção de um, recebem visitas de seus familiares, relataram a importância destes vínculos para não “sucumbirem a criminalidade” e não perderem suas identidades. Para o preso que não recebe visita, a fé e a leitura da bíblia são importantes: “eu creio, eu leio a bíblia sozinho na minha jega (cama), eu sei que tem alguém que sabe o que se passa no meu coração, ele sabe de tudo o que eu sinto, do meu sofrimento, e Deus faz com que eu não me perca de mim mesmo”. Também ressaltaram que existe momentos de convivência positiva com outros apenados com quem dividem a cela, como foi dito por um participante: “tem aqueles que a gente divide um verde (chimarrão) e pode conversar coisas boas, contar sobre como era a vida lá fora, o que a gente imagina que vai ser quando sair daqui”.

Como o tempo estava chegando ao final, distribuí os cadernos diários e disse que na próxima semana iniciaremos os encontros com algum trecho que escreveram e que gostariam de compartilhar. Pedi também que dessem sugestões sobre o que gostariam de trabalhar nos encontros, um participante pediu para que os encontros aconteçam pela parte da manhã, já que de tarde é o horário do banho de sol no pátio interno, momento que eles podem ficar duas horas fora de suas celas e conviver com os outros presos. Um participante disse: “pode ser tipo como foi hoje doutora, coisas pra gente falar de nós”. Agradei a participação de todos e combinamos nos encontrar na próxima semana pela parte da manhã.

Como todas as terças-feiras, olhei para o relógio e já estava na hora de pegar meu ônibus, apressei o colega para que me desse carona. Os colegas estavam me esperando ansiosos e me perguntaram: “e daí, como que foi”? “Foi ótimo, melhor do que eu imaginava”, respondi. Percebi que existia uma “torcida” por parte dos colegas para que o grupo desse certo. Isso me deixou imensamente feliz. No ônibus, não podia conter em mim minha

felicidade, o encontro foi lindo, e nunca poderia descrever ao certo tudo o que aconteceu. Minha angústia do “não saber”, minha necessidade de controle deu lugar a um encontro leve, bonito, que foi conduzido pelos participantes. Participaram com respeito da apresentação do outro. Com respeito a individualidade de cada um. Inclusive, concluíram o quão parecidos foram a maioria dos desenhos, ou seja, o quanto parecidas são suas histórias de vida. Estou extremamente cansada e feliz, relaxei até que enfim, e meus olhos cederam ao sono. Em nenhum momento lembrei que este encontro fazia parte de um estudo para conclusão de uma especialização.

10/07/18 – hoje viajei mais preocupada do que nos outros dias, ontem, um colega que trabalha comigo, na casa prisional em que sou lotada, que pouquíssimas vezes trocou comigo qualquer palavra, veio me contar com satisfação, que estava vindo do presídio onde o estudo está acontecendo e que um dos participantes do grupo, na noite anterior havia se “metido em uma confusão” com outro apenado de sua cela, segundo relatos do colega, PC teria tentado forçar outro preso a ter relações sexuais com ele. As palavras foram entrando em meus ouvidos como uma navalha. PC esteve recluso por muitos anos no presídio onde sou lotada, e foi transferido para a outra casa prisional devido problemas de relacionamento na cela, por denúncias muito parecidas daquelas que estava sendo narradas. Conheço PC, inclusive faço acompanhamento individual com o mesmo, sei de suas dores, de seus monstros internos que ainda o perturbam. Usuário de drogas, portador do vírus HIV, foi abusado na infância durante anos por um tio. Desde então, seus fantasmas falam do horror, do medo, do ódio e vontade de tirar a própria vida. Seus fantasmas falam também do prazer que sentia, talvez a única experiência prazerosa que já teve em sua vida. Possui diversas condenações, tendo iniciado sua vida no crime muito cedo, devido o uso abusivo de drogas. Roubos, furtos, assaltos, tráfico de drogas e estupro. Uma vida marcada. Extremamente excluído pela massa carcerária durante sua passagem no PEE. Vi o mesmo sendo transferido extremamente agredido e violentado, segundo acusações, por ter tentado abusar sexualmente de outro preso. Lembro dele ter me visto no corredor naquela situação degradante. Lembro de seu rosto pedindo piedade. Eu disse há ele que não se preocupasse, que o outro local era um presídio melhor, que ele ficaria bem, lembro de minhas palavras: “lembra, eu atendo ‘naquele’ presídio, na próxima semana quando eu for, eu vou te chamar”. “Me chama dona Rejane, por favor”, seu último pedido antes de partir. PC participou de diversos grupos e atividades que eu e minhas colegas já desenvolvemos no PEE, sempre muito participativo, crítico, inteligente, afetivo, que se vincula fácil. Vê-lo naquela situação é uma das piores imagens que infelizmente meu

trabalho proporciona. Dói, é como se um pedaço do meu corpo deixasse de funcionar. É como muitos descrevem como uma “morte lenta”. Só há dor e tristeza, não há possibilidade momentânea de ação. Fico parada, muda (mesmo que isso pareça impossível, para aqueles que me conhecem, sabem de minha agitação existencial natural). A violência machuca, causa marcas, causa danos. Naqueles que cometem, que reproduzem, recebem ou a vê. A vê em seu estado bruto. A vê e se sentem paralisados, imóveis, “mortos”.

Contei os dias para poder conversar com ele, e quando o chamo, menos de uma semana depois, aparece em minha frente um “outro PC”, limpo, organizado, com os ferimentos sarados, dizendo que “a males que vem para o bem”, que o presídio onde está custodiado é bem melhor, menos gente, menos acesso a drogas, os presos se respeitam mais, “os guardas são mais educados”, otimista quanto ao futuro. Conta a sua versão do ocorrido, dizendo que apanhou e foi violentado por causa de dívidas de drogas e que não fez aquilo que foi acusado. Qual das versões é verdadeira, talvez nunca saberei. Também, não sei se cabe a mim saber. O que havia me “devolvido a vida”, o que sempre me devolve a vida, é a impressionante capacidade de resiliência que o preso carrega. E assim seguimos nossos caminhos. Despedaçados, mas ainda com capacidade de seguir adiante.

E agora tudo se repetindo, novamente dor, tristeza, morte da esperança e várias coisas passam pela minha cabeça: mais do que manter a participação dele no grupo, me preocupo se ele permaneceria naquele presídio, ou seria transferido para outro, como é o “costume”.

Cheguei e a mesma recepção calorosa, eu não conseguia disfarçar minha preocupação já pedi para conversar com o Agente C (chefe da segurança e da disciplina) sobre o ocorrido e como ficaria a situação do PC. Agente C disse que que PC não sofreu nenhuma violência e que ele continuava na mesma cela, que ainda não tinha chamado ele para conversar, apenas que na noite os colegas que estavam de plantão ouviram uma “bateção” (termo usado quando os presos de várias celas começam a bater nas portas para chamar a atenção dos agentes de segurança, sempre quer dizer que alguma coisa está acontecendo e está em desacordo com a massa carcerária) e a suposta vítima pediu para sair da cela alegando que PC tentou manter relação sexual forçada com o mesmo. Agente C, disse que não sabia se isso realmente havia ocorrido, já que sabe que tanto PC, como a suposta vítima fazem uso de drogas, bem como, nenhum outro preso da cela havia se manifestado, tanto para acusar, ou para defender. Mas apesar disso, Agente C disse achar bastante delicado a liberação de PC nos encontros do grupo, já que, a massa carcerária ainda não havia tido um entendimento do ocorrido, e muitos estavam bastante revoltados. Percebi que o “clima” estava mais ameno do que quando estas acusações vieram à tona na outra casa prisional, e pedi para o Agente C que eu gostaria de

conversar individualmente com todos participantes, para que eles pudessem decidir quanto a participação de PC. Não queria repetir o que eu fiz na semana passada, onde julguei antecipadamente que presos não poderiam conviver no mesmo espaço, devido seus delitos.

Agente C me deu “carta branca”, dizendo: “vai lá Rejane, conversa com todos eles, daí depois de você sentir como está o clima a gente decide. Confio em você, sei que jamais iria se colocar em risco e colocar a segurança em risco. O trabalho é teu, sei o quanto você se esforça toda a semana para estar aqui, a gente sempre comenta, que você vem no amor, porque acredita no teu trabalho, então chama eles e depois decidimos”.

Fiz um esforço enorme para não chorar e também para não dar um baita abraço no Agente C. Essa atitude de respeito ao meu trabalho é algo muito raro de acontecer. Não tenho essa autonomia, esse respeito no outro presídio, e sim, é por isso, é pelo amor que tenho ao meu trabalho que toda semana me desloco para atender neste estabelecimento prisional. Porque talvez é o único dia da semana que sinto que posso desenvolver minha profissão com plenitude. Porque talvez é o único dia da semana que me sinto ativa, produtiva, e apesar das dificuldades, realizada.

Primeiramente chamei PC, achei que antes de ouvir os outros participantes, eu precisava escutá-lo e verificar se ainda existia interesse em continuar. PC entrou na sala muito sereno, tranquilo, falando que estava ansioso para o encontro. Disse que havia escrito muitas coisas em seu diário, e que gostaria de compartilhar. Fui objetiva, disse que tinha ficado sabendo do ocorrido e que precisava saber como ele estava se sentindo, bem como, como os outros participantes vão avaliar sua participação. PC disse que a acusação não era real, e que a “suposta vítima” inventou a mando dos presos do outro presídio, segundo suas palavras: “a senhora sabe que tá cheio de celular, como lhe contei, lá no outro presídio eu estava perdido na droga e fiquei devendo bastante dinheiro, eles ligam aqui pra me cobrar, eu não tenho como pagar, daí eles pagaram o guri pra inventar aquelas coisas, ele é sobrinho do traficante que eu devo, eu já tinha dito que não poderia ficar na mesma cela com ele. Mas eu quero participar do grupo, até mesmo pra mim poder explicar pros outros que eu não fiz nada”. Disse que eu conversaria com todos, que a maioria iria decidir, mas que também, eu precisaria relatar o posicionamento dos outros presos para o Agente C, que daria a palavra final.

Em seguida chamei PA, que se mostrou totalmente favorável quando a participação de PC, disse que inclusive não estava entendendo o porque da possibilidade dele ser “cortado” do grupo, conforme suas palavras: “agora ainda mais ele precisa ir doutora, porque é a oportunidade que ele tem de dizer o que aconteceu, de se abrir, de explicar”.

PE, que inclusive divide a mesma cela que PC, também se posiciona favorável quanto

a participação do mesmo, muito quieto e introspectivo, apenas disse que não via nenhum problema em PC continuar.

PD pareceu estar desconfortável com a situação, primeiramente disse: “o dona, eu não escrevi nada no caderno”, eu respondi que não tinha problema e que de tarde conversaríamos a esse respeito, que agora eu precisava ver outra situação. PD fala: “a, e tem outra, vai ser de novo de tarde? Porque a gente falou que ia ser de manhã”. Explico que a minha intenção é realmente que os encontros aconteçam de manhã, mas que infelizmente, devido o ocorrido eu precisava conversar com eles sobre a continuação ou não de PC no grupo, e portanto, novamente o encontro seria pela parte da tarde, mas que, na próxima semana, se não tiver nenhuma intercorrência, os encontros acontecerão pela parte da manhã. Em seguida, PD diz: “o dona, não me leva a mal, mas eu não quero participar se aquele louco for. Não tem como a gente ficar no mesmo espaço depois do que ele fez. A senhora sabe o que ele fez? Tá louco, os outros presos vão até cobrar da gente se a gente se misturar com ele. Não me leve a mal, mas o que ele fez foi muito grave, estuprou um companheiro de cela. Daí a senhora decide, ou ele, ou eu”. Explico que vou levar os posicionamentos para o Agente C, que vai validar o que a maioria decidir, e que o “chaveiro” irá avisar sobre a decisão antes do encontro começar.

PF, o último a ser ouvido, começa a falar sobre o caderno/diário: “dona Rejane, eu escrevi um monte de coisas no caderno, não sei se está certo, mas eu escrevi o que me vinha na cabeça, resolvi escrever sobre minha vida. Mas eu não quero dividir com os outros, isso é pra senhora ler”. Digo que fico feliz em saber que ele está escrevendo, que de tarde a gente decide sobre dividir trechos das escritas com os outros participantes, mas que ele não iria ser obrigado a dividir caso ele não se sinta à vontade. Quando questionado sobre a participação de PC, PF diz: “não é por mim, como lhe disse na semana passada, eu também errei, e meu erro não tem volta, mas assim, a gente é cobrado aqui por tudo o que a gente faz, e se eu dividir o mesmo espaço que ele com certeza vou ser cobrado na cela, então se ele for eu não vou poder ir. Não é por mim, espero que a senhora entenda. Mas aqui nem sempre a gente decide por nossa vontade”.

Bom, diante das conversas, dois participantes haviam se manifestado favoráveis a participação de PC no grupo, e outros dois, se manifestaram contrários. Levei estes posicionamentos para o Agente C que me disse: “não sei Rejane, como te disse, não quero me meter no teu trabalho, mas no que diz respeito a segurança acharia melhor ele não participar. Porque isso pode gerar um desconforto e uma revolta da massa carcerária. Inclusive, teve alguns presos que eu atendi essa semana que pediram como faziam para participar dos encontros, então vamos cortar ele, sabe como é, na cadeia comportamento é o que manda, daí

fala com o “chaveiro” e escolhe outro pra participar no lugar dele”.

Apesar da minha tristeza em saber que PC foi excluído do grupo, tive a sensação de que este processo foi “quase democrático”. Abstive a mim o sentimento de tristeza e chamei novamente PC para dar essa devolução. O mesmo pareceu bastante decepcionado, mas disse entender, conforme suas palavras: “já estou acostumado com a justiça da cadeia dona Rejane, eu sei que a senhora tentou”. Pedi para o “chaveiro” que desse retorno aos outros participantes, bem como, me trouxesse nomes de presos que estivessem interessados em participar. O “chaveiro” trouxe dois nomes, eu conhecia ambos, já estiveram em atendimento comigo e não queria decidir entre um e outro. O “chaveiro” falou: “vou convidar o PP, ele ficou a semana toda perguntando, e a senhora sabe que ele precisa mais, é mais problemático que o PG”.

Minutos antes do encontro iniciar, o “chaveiro” avisou que PD não quer mais participar do grupo. Perguntei se havia avisado que PC não participaria mais, o “chaveiro” acenou com a cabeça em sinal de aprovação com a cabeça, dizendo: “mas mesmo assim ele disse que não irá mais participar, então pensei que a gente poderia chamar o PG no lugar dele”. Concordei e entrei na galeria para arrumar a sala e assim dar início ao encontro.

Iniciamos o encontro dando boas vindas aos dois novos participantes – PP e PG -, bem como, expliquei sobre o objetivo do grupo e lemos juntos os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, que foram assinados pelos mesmos. Ressaltei que devido a manifestação do Agente C, PC não participaria mais dos encontros, e dei continuidade perguntando quem havia escrito algo em seu caderno/diário que ficasse à vontade para compartilhar no grupo.

Neste momento, PA falou: “dona Rejane, desculpa lhe interromper, mas gostaria de poder falar algumas coisas que estão me incomodando, posso”? Acenei positivamente com a cabeça e o mesmo prosseguiu: “preciso conversar com vocês que assim como eu, estão participando deste projeto. Quero dizer que estou muito triste e envergonhado, com raiva também. Confesso que inicialmente fiquei com tanta raiva que tive vontade de desistir de tudo, e não vir mais aqui. Vocês pararam pra pensar no que aconteceu hoje aqui neste presídio? Vocês pararam pra pensar o que a gente fez? A gente vive reclamando que não recebe ajuda, que somos jogados aqui e esquecidos, que a sociedade nos exclui, nos julga sem nos conhecer, e o que nós fizemos com o PC? Fizemos a mesma coisa. Reproduzimos o mesmo discurso que repudiamos. A Dona Rejane conseguiu hoje com os guardas uma coisa inédita, ela conseguiu dar a palavra para nós, ela nos deu o poder da decisão. Ela não precisa me dizer, mas eu sei que o Agente C fez isso por ela, porque sabe o quanto ela batalha por

nós. Que por ele nada disso estaria acontecendo. Que ele teria autoridade o suficiente para justificar falta de segurança e cancelar tudo. Mas ele deu uma chance a ela, e ela deu o poder da palavra para nós que nunca somos escutados. Ela conversou com todos nós, um a um e o que a gente fez? Excluímos. Não demos a chance para que o PC pudesse vir aqui e se explicasse. Nós também já saímos julgando sem de fato sabermos o que aconteceu. Sei que muitos que estão aqui não precisariam estar escutando isso. Mas eu preciso falar, estou tão triste. E quando escolhi vocês é porque acreditava que a gente poderia fazer diferente. Que a gente poderia multiplicar o que vivemos aqui”.

PF interrompe: “PA você tem razão, inclusive eu fui um dos que disse ser contra que ele continuasse, porque como falei para a Dona Rejane, não é por mim, eu também errei, não estou aqui para julgar, mas tu sabe que a gente é cobrado na cela. Antes mesmo da dona Rejane me chamar eu já estava pensando em desistir, porque o que ele fez foi grave, e eu seria cobrado se estivesse aqui do lado dele”.

PA: “quem disse que ele fez? É isso que estou tentando mostrar, a gente julgou ele sem antes mesmo de escutar o que ele tem a dizer. Repetimos o que a sociedade, a justiça, os guardas fazem com a gente. E tem outra, eu sei que aqui somos cobrados, eu também fui julgado por um delito ruim, e estou aqui do lado de vocês. Eu conquistei o meu respeito justamente porque alguém acreditou em mim e me deu uma oportunidade. Se a gente continuar dizendo por que aqui é assim que funciona e a gente não fazer nada, a gente vai se tornando igual”.

Os outros participantes estavam em silêncio, alguns com a cabeça baixa.

PA: “enfim dona Rejane, o que eu queria dizer é isso, então acho que a senhora pode continuar, que tarefa iremos fazer hoje”?

Rejane: “PA quero agradecer as tuas palavras, acho incrível o que você acabou de fazer. Confesso que estou bastante impactada com tuas palavras. Que riqueza o que acabou de acontecer aqui. A tarefa que preparei pode esperar, pode ficar pra depois, acho que precisamos continuar conversando sobre tudo o que foi dito. Também sobre as colocações do PF, que sim, muitas vezes aqui ficamos paralisados devido a pressão do outro. Mas a gente precisa pensar nisso tudo, o que podemos fazer quando essas coisas acontecem, também gostaria de escutar o posicionamento dos outros participantes.

A discussão se estendeu por mais alguns instantes, onde todos os participantes disseram concordar com a fala de PA. Com relação a fala de PF, discutiram entre si pensando em alternativas de manter um posicionamento que acreditam ser correto, mesmo que isso vá na contramão dos outros detentos. Falaram que isso é muito difícil, usaram exemplos de

outras situações, como o uso de drogas, que eles convivem com quem faz o uso, sem necessariamente usar, bem como, também sem excluir o usuário, porque enxergam que o usuário é uma pessoa, e não apenas um usuário de “pedra” (crack). Desse modo, chegaram a conclusão que com diálogo as vezes se pode conviver em harmonia, mesmo com tantas diferenças.

PF concluiu: “isso é verdade, porque depois do encontro da semana passada eu fui cobrado na cela, eles queriam saber o que a gente fazia aqui, que isso era ruim, porque seria a mesma coisa de chamar polícia pra dentro. De algum modo tinha uma pressão pra mim não vir mais. Isso deve ter acontecido com o PD. Mas daí eu falei, nada ver pessoal, é com a dona Rejane, é legal, tem umas atividades, daí depois a gente fala da gente, de como a gente se sente. Falei que eu queria participar, porque eu quero é saltar logo daqui e isso vai me ajudar. Do caderno também, ficaram curiosos, queriam saber se eu não iria cagoetar (fazer denúncia para os agentes de segurança) eles pra polícia, mas depois passou. Daí é isso, a gente vai conversando, vai mostrando outras versões, e quando vê eles nem mais perguntam nada”.

PA: “dona Rejane estou curioso sobre a atividade que a senhora preparou para hoje”.

Vejo que temos pouco tempo ainda e peço que decidam. Caso desejem começar a atividade, acredito que teremos que deixar a discussão da tarefa para o próximo encontro, que, espero que aconteça pela parte da manhã, para assim, não atrapalhar o horário do pátio.

Decidem começar a atividade e eu explico que iremos fazer uma “linha do tempo”, para marcar suas trajetórias de vida, desde a infância, a atualidade, bem como, planos para o futuro. Entrego alguns papéis em branco, um barbante e digo que em cada papel eles devem escrever o seguinte: episódio ou fato positivo e um negativo que tenha marcado sua infância; em outro papel, episódio ou fato positivo e um negativo que tenha marcado sua adolescência; sua vida adulta; e sua atualidade no cárcere. Nos outros papéis devem escrever planos, ou como imaginam suas vidas daqui um ano; nos próximos 5 anos e em 10 anos. Olho para seus rostos e parecem impactados, dou um sorriso e digo “mãos a obra”. Alguns “coçam a cabeça”, uns se remexem na cadeira, alguns suspiros, todos se expressam, “bah, dona Rejane, hoje a senhora pegou pesado hein”? “Ai que difícil”, “nossa, tem que pensar bastante”... enfim, com os passar dos minutos começam a se concentrar, a sala fica em silêncio e escrevem. Vejo no relógio que o tempo já se esgotou, mas decido ficar até o limite de tempo que a segurança puder permitir. Meia hora depois, todos os participantes haviam terminado de escrever e colar folha por folha, lado a lado em seus respectivos barbantes. Pareciam olhar seu “varalzinho da vida com orgulho”. Sorriam. Pediram que suas produções ficassem comigo. E duas horas depois do início, cada qual seguiu seu rumo: foram entrando em suas celas e eu, fui correndo

pedir carona para ir pra minha casa.

No ônibus, novamente um turbilhão de sentimentos e sensações. Talvez um dos dias mais intensos da minha trajetória prisional. Não consigo nominar, não consigo encontrar as palavras para descrever o que aconteceu no grupo. Sinto vontade de chorar. Agradeço por estar sozinha nas duas poltronas quando algumas lágrimas caem. Agradeço pela riqueza do meu trabalho, pelas vidas significativas que dividem suas vidas comigo. Agradeço por tudo o que aconteceu no grupo. Mais uma vez saio afetada e com a certeza que todos sairemos desta experiência de encontro como humanos transformados. Durmo, porque meu corpo exausto pede para minha mente se calar.

17/07/18 – a semana passou correndo, eu ando contando os dias para estar aqui. É cansativo, acordo antes, pego carona, pego ônibus, atendo bastante, mas é um dia que me sinto viva. Os colegas sorriem quando eu chego. Alguns me recebem com abraços afetivos. Alguns dizem que hoje “vão ter quem incomodar”, porque no horário do almoço, a gente debate pontos de vistas divergentes. Conversamos sobre tantas coisas, claro, que geralmente nossas discussões dizem sobre o sistema prisional. Temos pontos de vistas divergentes, parecidos, totalmente diferentes, mas vamos conversando e às vezes chegamos em um “denominador comum”. O mais rico, é que me sinto convidada a dizer meu ponto de vista, é isso é fantástico. Existe um respeito a cerca do que eu tenho a dizer, me sinto parte de uma equipe de trabalho, e sim, este é um dos motivos que me fazem voltar todas as semanas.

Outro motivo pelo qual gosto de estar aqui, são as pessoas que eu atendo. E agora, o grupo tem sido um grande depositário de meu afeto e energia.

O clima estava bom, a semana parecia ter corrido seu fluxo natural, organizo minha “agenda” para que o encontro aconteça pela parte da manhã. Enquanto os participantes vão chegando, PA informa que PP disse não querer mais participar. A porta da sala onde os encontros acontecem está aberta e PP me enxerga pela “portinhola” (pequeno orifício quadrado que tem na imponente porta de metal de cada cela) de sua cela e me chama. Fui até lá e PP diz: “dona Rejane eu não quero mais participar, tem coisas muito íntimas que eu não quero falar, a senhora conhece minha história, tem coisas que eu preciso falar pra senhora individual, mas que eu não quero contar para os outros”. Reforço que ele não tem obrigatoriedade de se expor no grupo, e que mesmo assim, ele pode participar. PP: “mas acho que lá as pessoas vão se abrir, acho que vão ter que expor, e eu não quero, tem muitas coisas que me doem. Mas se a senhora puder me chamar pra atendimento eu agradeço”. Disse que tudo bem, que ele teria esse direito de escolha e voltei para a sala. PP tem uma história de vida

carregada de dor e sofrimento. Seus fantasmas da infância ainda o perseguem e o fazem sofrer. Foi abusado sexualmente por muitos anos, saiu de casa muito jovem e encontrou no uso de substâncias psicoativas uma fuga e um “refúgio” para suas dores. Temos um vínculo bastante forte, em uma breve passagem sua na casa prisional onde sou lotada, consegui intervir e ajuda-lo a sair de uma condição de tortura que estava sofrendo. Estava a vários dias sem dormir, sem comer e sendo obrigado a beber água do vaso sanitário. Quando o chamei para atendimento parecia estar definhando. Chorava compulsivamente e pedia socorro, consegui intervir, e fazer com que fosse imediatamente colocado em uma cela “segura” até que fosse providenciado em estado de urgência seu retorno para esta casa prisional. Sei bastante sobre sua vida. Talvez “já tive a sua vida em minhas mãos”. Forçá-lo a participar do grupo talvez soaria como uma espécie de tortura, pois, talvez precisaria tirar a máscara de valentão e mostrar o menino amedrontado que ainda reside dentro dele. A vida foi cruel, forçou o uso de uma máscara para que ele pudesse existir. Não cabe a mim pedir para que ele tire a máscara. Cabe ajudar o menino amedrontado a enfrentar meus medos para poder de fato existir.

Os outros participantes estavam sorrindo, conversando entre si. Disse que precisávamos decidir se chamaríamos novo participante ou se seguiríamos com aquela configuração. PA falou: “no meu ponto de vista vou fazer de tudo para que o grupo continue depois dos encontros que estão programados para seu estudo. Se a Dona A (Administradora do Presídio) permitir, penso que poderíamos convidar mais gente, mas para estes encontros que já foram liberados, acho que deveríamos fechar com nós quatro. Até mesmo porque vai ser o andamento do nosso comportamento aqui que o grupo vai ter ou não continuidade, é um projeto piloto que fala, não é? Daí chamar mais gente agora, que ainda é tudo muito recente, talvez não seja uma boa ideia”. Perguntei aos outros participantes o que achavam e todos concordaram com PA.

Pedi se alguém gostaria de dividir com o grupo alguma escrita do seu diário. PF disse que está escrevendo, mas que não quer compartilhar. PA disse que não está conseguindo escrever pois seus dias são bastante agitados e intensos devido a função que desempenha (chaveiro) e que durante o dia, nos poucos minutos que consegue ficar sentado, bem como, de noite em sua cela, gosta de ter a companhia de um livro. PG disse que não consegue se concentrar na cela, que tentou, mas que todas as vezes que pegou o caderno para escrever, este fato sempre despertou a curiosidade de outros detentos, conforme suas palavras: “por falta de privacidade, as palavras não saem”. PE, que é o mais calado e introspectivo do grupo, disse: “eu não consegui escrever nenhum ponto. Eu abro o caderno, olho para as páginas em

branco e não consigo. Não sai nada”. Os outros participantes interrogaram se era por falta de privacidade também, PE respondeu: “não é, eu tenho privacidade, quando eu me fecho na minha jega (cama) ninguém me incomoda. Eu não consigo, é um bloqueio, eu não consigo”.

Um fato que vem me chamando a atenção, é que, embora ninguém queira compartilhar seus escritos, mesmo PE que nada escreveu, todos trazem seus cadernos para os encontros. Os cadernos estão presentes, mesmo que em silêncio.

Peço se gostariam de apresentar sua linha do tempo, ou se apenas gostariam de refletir sobre como se sentiram. Três participantes dizem que gostariam de apresentar. PE ficou em silêncio. Eu digo: “e você PE, o que acha”? PE: “tem coisas aqui que eu não quero expor”. Eu: “fica bem à vontade, só fala aquilo que você quiser”. PA fala: “mas PE acho que você precisa se expor, senão nunca vai conseguir trabalhar os teus problemas”. Eu: “não é bem assim, aqui a gente precisa respeitar o tempo e o espaço de cada um. Senão a gente vai reproduzir o que vocês vivem na cela, sem privacidade, sem capacidade de viver plenamente sua individualidade. Aqui, pelo menos aqui, cada um vai participar do modo como conseguir, como se sentir à vontade. Tem coisas da vida da gente que não são fáceis de serem ditas. E não é por falta de confiança. É por serem realmente muito dolorosas. Então precisamos respeitar o tempo de cada um”.

PA: “verdade dona Rejane, as vezes eu fico pensando nisso, que tudo tem seu tempo e cada um tem seu tempo também. Mesmo esses meninos que não aprendem nada na cadeia, às vezes eu tento ajudar e não adianta, mas agora pensei, que não é que não adianta, talvez não é o tempo deles”.

Iniciaram as apresentações e começaram a se dar conta das similaridades das histórias de vida, em geral trouxeram pontos positivos da infância: a liberdade, brincadeiras com os amigos, contato com a natureza e a escola. Inclusive um participante (PA) escreveu: “escola foi o amparo para que fosse possível se manter”. Outro participante (PE) que não quis apresentar sobre a infância escreveu: “consegui sobreviver! Não lembro de algo positivo na infância”.

Com relação aos pontos negativos da infância: referem a dificuldade financeira enfrentada pela família e ausência paterna. PE escreveu, embora não tenha apresentado: “não tive infância, fui estuprado duas vezes”. PE não escreveu mas contou um fato que no momento lhe veio em mente: conta que seu pai fazia parte da Brigada Militar e que lembra que foram convidados para um jantar na casa de um superior de seu pai. Disse que ficou encantado com a casa, e com a curiosidade habitual de uma criança, foi desbravar a mesma. Entrou em uma sala imponente, sentou-se em uma escrivaninha e começou a escrever em

alguns papéis que haviam em cima da mesa, disse que estava se alfabetizando, e por isso, sempre que via um papel, começava a rabiscar. Disse que neste momento seu pai e o comandante entraram na sala e quando viram que ele estava escrevendo, lhe bateram muito, com violência, sem explicar o motivo. Disse que nunca mais conseguiu esquecer daquele fato, que muito lhe marcou. Eu disse que talvez isso explicasse seu bloqueio diante da possibilidade de escrita no caderno/diário. PE começou a chorar. Eu: “na época você era uma criança, que sofreu uma bruta violência por um fato tão inocente. Mas agora nós estamos lhe autorizando a escrever no seu caderno. Ele é seu, você pode escrever nele o que quiser. Inclusive, caso queira, pode escrever e não precisa me entregar. Quero lhe dizer isso, o caderno é seu, acho respeitoso que o senhor possa escrever sem essa preocupação de que eu vou analisar, se sinta à vontade, talvez seja uma oportunidade de reescrever sua história”. O grupo estava em silêncio. Havia dor e compreensão.

Com relação a adolescência, foi comum sentirem como positivo a participação em festas, bailes, grupo de amigos, namoros, bem como, responsabilidade advinda na necessidade de trabalhar. Negativamente, muitos citaram o início do uso de substâncias psicoativas, bem como, dificuldade na relação familiar e saída precoce de casa. PE escreveu: “não consegui conviver com minha família”.

Os aspectos positivos da vida adulta foram a formação de novas configurações familiares, bem como, a paternidade. Negativamente, desilusão amorosa, separação e consequente rompimento com os vínculos familiares. PA escreveu: “de negativo a separação, um pai com a filha nos braços não pode sequer se despedir”. Outro fato marcante na vida adulta foi o cometimento de um delito, ou entrada na vida do crime.

Sobre seus dias atuais no cárcere, todos os participantes falaram que a prisão os ensinou sobre o “valor das coisas simples da vida” e experiências de fé e religiosidade, que são sentidos como “pilares” para pensamentos de otimismo e esperança quanto ao futuro. PG escreveu: “foi onde tive um contato real com Deus”. PE escreveu: “mudei de vida, à maneira de ver a vida daqui de dentro. Pensamentos melhores, esperança, fé e acreditar que vai dar tudo certo”. PA escreveu: “poder pegar o gesto mais simples e dar importância que nunca foi dado. Pois aqui um estar com a família tem hora marcada”.

Com relação aos aspectos negativos, foi unânime o sofrimento pelo distanciamento de seus vínculos familiares: conforme a escrita de PG: “decepções, a distância de estar com meus filhos”; PA: “não poder ser quem se é, pois a tudo se é cobrado, mesmo sem saber a realidade de que somente eu vivi”; PE: “perdi tudo que tinha, mãe, esposa, filhas(o) e perdi minha liberdade”.

Sobre como eles se veem daqui um ano, com exceção de um participante, todos ainda estarão cumprindo suas penas em regime fechado. Deste modo, quem ainda não está ligado em alguma atividade laboral, deseja poder trabalhar no cárcere, bem como, se imaginam mais fortes e maduros, conforme a fala de PG: “me vejo uma pessoa mais forte, madura, responsável e humana”. PA projeta estar em semi liberdade, e falou: “desejo estar em casa com minha família e um emprego, pois só assim terei dignidade”. PA, também ressalta que sabe que precisará conviver com o “preconceito da sociedade”, pois sabe que estará “marcado pelo cárcere”.

Quando precisam se imaginar daqui 5 anos, todos já se imaginam em liberdade, e com exceção de um participante, todos conseguem definir metas e planos: PF: “me imagino estar morando no interior, compartilhando liberdade, educação, respeito. Convivendo com minha filha”. PG: “objetivo estar ajudando muitas pessoas e estudando psicologia que é minha paixão”. PE não conseguiu imaginar ou fazer nenhum tipo de projeção, apenas disse: “o futuro a Deus pertence”.

Com relação a uma projeção de vida mais distante, daqui a 10 anos, um participante conseguiu projetar metas, como por exemplo, PG: “pretendo ser um grande palestrante e já ter lançado alguns livros”. Outros dois participantes disseram se imaginar trabalhando e convivendo com seus familiares, como PF escreveu: “me imagino estar trabalhando e dando um bom exemplo aos meus filhos e conviver com meus familiares. Dando todo o amor e carinho que não pude oferecer anteriormente”. PA: “estabilizar emocionalmente, espiritualmente e junto disso financeiramente para prover minha família”. PE disse: “Deus sabe de todas as coisas”.

Questionei PE o porque ele não tinha conseguido fazer algum tipo de projeção a longo prazo, ele falou: “eu não consigo sonhar, não consigo fazer qualquer tipo de plano desde que estou aqui. Isso aqui doutora muda nosso jeito de olhar a vida, eu mesmo estou aqui sozinho, abandonado a muitos anos. Então não sei o que vai acontecer comigo. Não sei como vou me organizar na vida lá fora. Eu coloco nas mãos de Deus e o futuro a ele pertence”. Outros participantes também falaram de que existe esta “incerteza com relação ao amanhã”, pois sabem das dificuldades da vida, como eles mesmo dizem “lá fora”. Imaginam que precisarão enfrentar preconceitos e pouca oferta de oportunidades de trabalho, mas o que participantes que recebem qualquer tipo de apoio de algum familiar conseguem ao menos “sonhar”. PG disse: “eu sempre fui um sonhador, e mesmo aqui nesse lugar, eu sonho, porque não quero deixar minha mente presa. Aqui os pensamentos são ruins, as pessoas querem te colocar pra baixo, como se tudo estivesse perdido, mas eu sonho, que é pra esquecer um pouco que estou

aqui”.

Conheço um pouco da história de vida de PE, faço acompanhamento individual com o mesmo, sei de suas dores, de seus fantasmas de seu crime, um delito sexual contra uma filha. Sei de sua solidão no cárcere, do abandono real que vive. Apesar de ter realizado alguns atendimentos individuais com o mesmo, ele nunca havia dito algo que conseguiu escrever em sua linha do tempo: quando criança também sofreu violência sexual. E este fato que até então estava oculto conseguiu vir a tona a partir de um disparador. É dolorido, é profundo, é desolador, pensar que carrega sozinho por muitos e muitos anos esta dor, que marcou toda sua trajetória de vida. Espero que quando chama-lo novamente para atendimento, ele possa falar sobre sua escrita, afinal, ele pediu que eu ficasse com sua “linha da vida”, como eles mesmo chamaram esta atividade, e assim como as crianças em atendimento psicoterápico deixam suas produções em suas caixas individuais, vou cuidar desta produção, para que possamos juntos começar a reescrever sua própria história e quem sabe assim, para além da dor do passado, se abra possibilidade de sonhar.

Questionei como se sentiram ao fazer a atividade, responderam que acharam bom ter que olhar para a própria vida, para o passado, para o que estão vivendo e também para o futuro. Muitos “esticavam no ar sua linha da vida” e olhavam com afeto e orgulho. Com alguma tristeza também. PA: “é bom doutora, aqui a gente nunca faz esse tipo de coisa, parar para pensar. Daí a gente conseguiu enxergar a vida toda, não apenas esse momento que estamos vivendo, é muito bom”.

PG: “e qual é a atividade para hoje”? Digo que o tempo está terminando e que faremos a atividade apenas no próximo encontro. Os participantes começaram a protestar. PA: “não é justo dona Rejane, vamos pelo menos começar”. Eu: “não vai dar tempo, e na semana passada eu já fiquei mais tempo que o combinado, e isso não é bom, porque senão a Administração pode não ver com bons olhos e depois não permitir a continuidade do grupo, e nós não queremos isso”. PG: “mas é que a gente gosta, e ficamos curiosos pra saber que atividade vai ter”. PA: “outra coisa dona Rejane, foram programados cinco encontros, hoje já são três e fizemos apenas duas atividades. Daí a gente vai perder uma atividade, se eram 5”. Eu: “gente, não se preocupem com isso, se for necessário a gente faz um encontro a mais, prometo. Isso eu consigo fácil liberação, mais fácil do que a gente ficar estourando o tempo todos os encontros, combinado”? Concordaram, se despediram e voltaram para suas celas.

Eu fui para a frente e nem deu tempo de ficar refletindo sobre o grupo, pois, já haviam várias demandas de atendimento. Como só estou aqui uma vez por semana, o ritmo é intenso.

24/07/18 – pensar a atividade para os encontros me faz necessariamente pensar neles. Fico imaginando sobre o que eles gostariam de falar. Não lembro que isso faz parte de uma pesquisa, não sei se terei dados “necessários”, parece que isso não importa. Não me sinto amarrada a qualquer tipo de metodologia, procedimentos ou normas a seguir. É libertador. É assim que eu me sinto, livre. Livre para pensar uma atividade que vai despertar o desejo que eles possam falar de si, que eles possam vivenciar algo que vai na contramão de tudo o que vivem no cotidiano do cárcere. Fico feliz porque sinto que estamos vinculados, que o grupo tende a continuar. Que é um novo tipo de cuidado que estamos inaugurando no espaço prisional. E isso me importa. A pesquisa, a nota, o trabalho para concluir esta especialização não tem significado maior que estar aqui reunido com eles. Não consigo me preocupar em fazer o relato, tanto que misturo ele com meu “diário de campo”. As duas “coisas” estão junto, não consigo separar”. Eu não sou pesquisadora, sou parte do processo. Estou aqui com eles, eu vivo a cadeia, eu sinto como eles, eu vejo como eles, eu tenho afeto por eles, e me sinto livre para sentir e expressar. Talvez eu precise mais deles do que eles de mim. Eles esperam tanto pela “dita atividade” e eu espero tanto pelo encontro. É vida na morte. É afeto na violência. É calma no caos. É pra mim e por mim este grupo. É por eles também. É para que possamos sair da instituição com o mínimo de marcas possíveis. É para não deixar a instituição nos engolir. É para sorrir, respirar, estourar as grades e sonhar.

O sol entra na sala, mas a manhã está gelada. Os participantes vão chegando e alguns vem a procura de um abraço. O sorriso vem com eles. PG diz: “doutora, estou apavorado de como passa rápido, eu saio daqui tão bem, tão leve, não vejo a semana passar. Ontem eu pensei, nossa, hoje já é segunda-feira e amanhã tem grupo, que impressionante”. “Que bom”, eu digo, “porque pra mim também está sendo assim, quando eu percebo é hora de voltar”.

Os cadernos mudos também estão presentes. Pergunto se alguém quer ler alguma coisa que produziu, todos dizem que não. Pergunto como foi a semana, todos comentam alguma coisa, uns contam sobre a visita que receberam no final de semana, outros contam sobre a vida cotidiana que corre no cárcere. PG diz: “doutora, o PE tem outro por dentro”. Eu: “é mesmo, e porque”? PG: “aqui ele é bem quietinho, quase não fala, mas no futebol, nossa, a senhora precisa assistir uma partida, ele se transforma, ele grita, esbraveja, não aparece o mesmo”. E neste momento começaram a rir e a falar sobre peculiaridades de cada um, “esse é assim, outro é assado”, riam e um falavam um do outro. Eu disse: “parece que vocês estão me dizendo que todos aqui tem suas características individuais, e isso é ótimo. Porque isso significa que vocês estão conseguindo preservar aspectos que são da singularidade de cada um. A cadeia tende a fazer com que fiquemos todos iguais, pensemos iguais, agimos iguais. E

quando vocês conseguem marcar as diferenças que existem entre vocês é muito importante, e muito saudável também”.

Continuo, “e acho que essa fala fecha com a atividade que pensei para hoje, eu vou distribuir várias imagens e cada um vai ter que escolher apenas uma, a que mais tiver aspectos que digam algo sobre vocês. Escolham e colembem no centro da folha, que em seguida vou dando alguns comandos e vocês terão que escrever.

Após todos escolherem as gravuras, peço que escrevam ao lado do ouvido direito da imagem, coisas que gostam de escutar; no ouvido esquerdo, coisas que não gostam de escutar. Ao lado do olho direito, coisas que gostam de enxergar; do olho esquerdo, coisas que não gostam de enxergar. E assim, ao lado da boca o que gostam e não gostam de falar. Ao lado do coração, o que gostam e não gostam de sentir. No braço direito, um sonho realizado, no braço esquerdo um sonho a realizar. Todos participantes demoraram para fazer a atividade, pensavam bastante antes de escrever, e diziam ser “difícil” toda vez que precisavam escrever sobre os aspectos negativos. Após a conclusão, cada qual deveria apresentar. Antes, perguntei como haviam se sentido, PF diz: “báh, dona Rejane, não é fácil, a gente precisa se concentrar para pensar, parece simples mas não é, tem que olhar pra dentro da gente, daí vem algumas imagens na mente, de coisas que a gente não gosta, então é pesado”. Outros participantes também concordaram, todos dizendo que era “mais fácil” falar das coisas positivas do que das negativas. Pedi, “porque será que é mais fácil da gente falar sobre as coisas boas do que as ruins”? PA respondeu: “porque as ruins machucam”. PG disse: “vamos apresentar, tô vendo as imagens dos outros e estou curioso para saber porque cada um escolheu. Eu inclusive posso começar”.

PG escolheu uma imagem de um homem que está segurando uma muda de árvore em mãos, ele disse: “quando vi essa imagem lembrei do que em trouxe aqui, me vi nele, não sei se foi proposital dona Rejane, se a senhora já colocou pensando em mim (porque também conheço um pouco de sua história e já realizei atendimentos individuais há ele), mas enfim, hoje me dou conta de que havia perdido o controle, que a maconha mandava em minha vida, que ela havia se tornado a coisa mais importante, acho até que coloquei ela na frente dos meus filhos. Eu não conseguia produzir se eu não fumasse, ela me inspirava, inclusive eu até já estava imaginando fazer receitas que utilizassem maconha. Eu queria que todos pudessem experimentar essa sensação, por isso comecei a plantar, por isso comecei a oferecer para outras pessoas e por isso estou aqui, foi meu céu e minha ruína, hoje me dou conta que havia perdido o controle. Minha ex esposa tentou me alertar, mas não conseguia ver, acho que eu precisava passar por isso, eu vejo que precisava de um freio, me achava meio idealista, hoje vi

que não tinha controle”. Posteriormente, disse que “gosta de escutar palavras de otimismo e dos filhos dizendo pai eu te amo; não gosta de escutar falas pessimistas e agressivas; gosta de ver atitudes de bondade, compreensão e mulheres bonitas; não gosta de ver atitudes de injustiça e covardia; gosta de falar palavras que tragam paz e amor; não gosta, mas às vezes fala com pessoas que não gosta de conviver; gosta de sentir-se amado e sentir-se em paz; não gosta da sensação de injustiça e covardia que às vezes precisa conviver nas celas; um sonho realizado foi quando conseguia equilibrar a vida pessoal, familiar e profissional, um sonho que pretende conquistar e estar próximo dos filhos novamente”.

PA escolheu uma imagem de um homem jovem, com roupas despojadas, está sorrindo e fazendo carinho a um cachorro, disse que “de todas as gravuras essa foi a qual mais se parecia com ele antes de sua vinda ao cárcere, tanto pelas roupas, como pelo sorriso, parecendo estar em paz e feliz, disse que lá fora podia conviver com os animais e agora são privados até disso”, reflete: “nossa, nem me lembro de como é a sensação de fazer um carinho em um cachorro, senti saudade”. Falou que o que mais gosta de escutar é “te amo pai”; o que não gosta é a expressão “não consigo”; “gosta de enxergar seus familiares entrando pela porta da cadeia para lhe visitar e a dedicação que eles tem com ele; não gosta de enxergar humilhação, um preso humilhando outro preso; gosta de falar e sempre procura falar: força, só depende de você; não gosta de falar sobre a acusação que sua ex companheira fez referente a seus filhos, disse: ‘não consigo falar sobre isso, a senhora sabe dona Rejane, a senhora já tentou conversar comigo a este respeito, mas não sai, é muito doloroso, é insuportável’; gosta de sentir-se amado e não gosta de sentir que sofreu qualquer tipo de injustiça; um sonho realizado foi ter tido filhos; um sonho a realizar é a liberdade”.

PE escolheu uma imagem de um antigo técnico da seleção brasileira, o mesmo está com os braços cruzados, com olhar reflexivo: “eu escolhi esta imagem e não foi só porque eu gosto bastante de futebol e aqui na cadeia um dos dias mais felizes é quando eu jogo futebol, mas sim, porque essa imagem se parece muito comigo, pela expressão dele, mais quieto, reflexivo, eu sou assim, escuto mais que falo”. Começou apresentando o que não gosta de enxergar: “não gosto de acordar e ver as grades na minha frente; mas ao mesmo tempo gosto de enxergar que estou vivo e com saúde; não gosto de escutar palavrão, xingamento e pessimismo; gosto muito de escutar músicas gospel, palavras que levantam a auto estima e um simples bom dia; não gosto de repreender os outros, dizer nomes feios, não gosto de falar do meu erro que cometi; gosto de palavras que possam ajudar os outros, que vê nos olhos que essas palavras podem ajudar; não gosto de sentir tristeza e que estão fazendo uma injustiça comigo e com os outros; gosto de me sentir em paz; um sonho que pretendo alcançar é ter

uma vida nova, família, readquirir bens materiais; um sonho que conquistei foi a família que formei, mas que infelizmente, eu perdi”.

PF escolheu uma gravura de um soldado fardado, com uma metralhadora nas mãos e a cara coberta com um pano, parecendo estar lutando em uma guerra. Outros participantes começaram dizer que a imagem refletia um homem violento, e que não condiz com a pessoa de PF. O mesmo falou: “báh, sei lá, nem sei porque eu escolhi essa imagem, eu não achei violento, não foi pensando em representar a violência, não sei, mas na hora me fez pensar em todas as dificuldades que eu já tive que enfrentar lá fora, minha infância pobre, minha mãe abandonou eu e meus irmãos pequenos, a gente ficou com o pai que bebia, e com uma madrasta, daí saí cedo de casa, meu maior sonho era ter uma família, e eu tive: mulher, uma filha, uma casa. Mas eu sempre carreguei muita dor dentro de mim, e por isso eu bebia, e por causa disso também estou aqui, fui matar meu pai, uma das pessoas que eu mais amava. E isso aqui agora, vocês ou estão saindo, ou tem pouco tempo de puxar, eu acabei de chegar, tenho muita cadeia pela frente, não tenho trabalho, tô jogado na cela, daí eu vejo que é como na guerra, tenho que lutar para vencer”. PF falava emocionado e com lágrimas nos olhos, outros participantes estavam em silêncio. Em seguida todos falaram o quanto “ele é uma pessoa boa, que respeita a todos, que não tem vícios, que sofre pelo que aconteceu e por ter perdido a família”. PA disse: “PF espero que a cadeia não te mude, espero que tú não se perca, porque tu é um cara bom, talvez o melhor de nós, porque o que tu fez foi um acidente e a gente sabe o quanto tu sofre, ele merece muito uma oportunidade dona Rejane”. PF: “eu é que agradeço PA pela oportunidade e convite de estar aqui, você confia em mim, e eu me espelho em você, dona Rejane, eu só vejo esse cara fazendo bondade, então quando ele me convidou pra vir aqui, eu pensei que eu devo ter coisas boas também”. Eu: “claro que tem, essa atividade era justamente pra gente ver que sempre existem coisas boas e ruins, nos outros e em nós também”.

PA: “verdade, eu pensei quando estava fazendo, no início era coisas que os outros faziam e eu não gostava de ver e ouvir, mas depois pensei que também digo coisas ruins, mesmo que depois eu me arrependa”. E refletiram que sempre afetamos e somos afetados por nossas atitudes e comportamentos, bem como, dos outros.

PF quis continuar sua apresentação, dizendo que “a coisa que mais gosto de ouvir é minha filha dizendo pai te amo e também gosto de ouvir um conselho, uma palavra de conforto; não gosto de ouvir palavrão; gosto de ver minha filha vindo me visitar, gosto de ver ela conversando comigo; o que eu não gosto de ver é as pessoas querendo ser mais que as outras; eu gosto de falar com minha filha que tem dois aninhos e com Deus; não gosto de falar

sobre meus erros cometidos no passado; o que eu mais gosto de sentir é o carinho e o amor da minha nenê; não gosto de sentir tristeza; o sonho que eu conquistei é de ser pai; o sonho que quero conquistar é estar presente com minha família.

Assim que todos concluíram a apresentação, falei que percebi muitas similaridades nas falas, principalmente no que diz respeito questões de injustiças, desrespeito e me parecia que estavam falando sobre opressão, que talvez esse fosse o cotidiano de suas vidas. PF: “sim dona Rejane, aqui isso é uma das coisas que mais me faz sofrer, eu até que não sou oprimido, mas nossa, quem usa drogas, é muito horrível, eles sofrem demais, sempre tem aquele que manda na cela, ou porque está a mais tempo e já adquiriu um poder, ou às vezes porque ele é grandão no crime, então nossa, a gente vê de tudo aqui, e isso é o mais insuportável, eu não gosto, quando começa alguma coisa eu já me fecho na minha jega (cama), porque não posso fazer nada, então não quero nem ver”. Outros participantes também relatam que esse tipo de relação de imposição de poder e injustiça é comum e corriqueiro, e que conforme suas palavras, “pesa a cadeia ainda mais”, ou seja, fica ainda mais difícil de suportar.

Pedi se teria algo que poderia ser feito, em relação esse tipo de opressão, PA fala: “não da dona Rejane pra gente se meter, tem coisas que a gente não tem poder”. Eu falo: “ok, sozinho, imagino que não podemos fazer alguma coisa, mas vocês percebem se tem mais gente na cela que se incomodam com isso”? PF: “sempre tem, mas todos ficam quietos, porque na cela, não é porque a maioria pensa de um jeito que vence, as coisas não funcionam bem assim, na verdade, vence quem tem mais poder, a cela vai funcionar conforme as regras de quem manda, é assim. Logo que eu cheguei, fiquei mais de canto e sou mais quieto, de observar, daí fui ganhando meu espaço, meu respeito. As vezes quando eu não acho uma coisa certa, eu até consigo dizer, olha só gurizada acho que não é bem assim, hoje às vezes até consigo colocar meu ponto de vista, mas isso não quer dizer que a gente vai conseguir impedir as opressões”.

PE: “a gente então que está aqui por um artigo ruim (delito de ordem sexual), a palavra da gente vale menos ainda. Graças a Deus eu estou numa cela boa, que tem mais pessoas velhas, outros com o mesmo artigo, daí na cela até que tem mais respeito. Mas assim, sempre tem aquele que manda. E não é só na cela, no pátio mesmo a gente vê muita coisa errada”.

Falamos sobre outras similaridades, tanto no que diz respeito a convivência com a família, amor aos filhos, a importância de apoio emocional, como eles mesmo trouxeram “palavras de apoio”, e também, três participantes disseram não gostar de falar sobre o crime que cometeram, tentei questionar este ponto, mas a sala ficou em silêncio, PF disse apenas:

“porque dói demais e a gente não pode apagar, não podemos voltar atrás”.

Digo que o horário está chegando ao fim e que já conversei com a Administradora e teremos mais dois encontros, um a mais do que havia sido previsto. Todos comemoram, se despedem, desejam boa semana e voltam para suas celas. Eu, mal consigo organizar o turbilhão de sentimentos e sensações do encontro, já preciso estar com os ouvidos e o coração atentos para novas narrativas, novas vidas que tentam passar pelas grades.

31/07/18 – durante a semana penso que as três dinâmicas trabalhadas todas foram dispositivos para que os participantes pudessem falar sobre si. Como no último encontro surgiram questões referentes a problemáticas de relacionamento oriundas da violência produzida no cárcere, decidi pensar uma atividade que eles pudessem pensar algum tipo de estratégia de resistência.

Estamos conseguindo manter a regularidade do turno, e em mais uma manhã fria de inverno, desta vez sem a presença dos raios de sol, estou novamente dentro de uma sala na galeria esperando pela chegada de todos. PG sempre chega muito disposto, sorri e fala: “bom dia dona Rejane, tudo bem com a Senhora? Sabe, já estou um pouco sentido em saber que os encontros estão chegando ao fim, porque hoje mesmo eu estava lá meio triste na cela, daí chego aqui e já fico feliz”. “É mesmo”? eu respondo, “também me alegra estar aqui com vocês”. PG: “sabe dona Rejane, a gente sempre fala da senhora, do esforço que a senhora faz toda a semana para estar aqui, saí cedo de Erechim, e sempre com o mesmo sorriso. Da pra ver nos seus olhos que a senhora é pura bondade, não tem nenhuma maldade”. Eu: “assim eu fico envergonhada, bondade são tuas palavras. Esse é o meu trabalho, é minha função, diferente de vocês, eu escolhi estar aqui. Mas eu sou humana, não sou desprovida de maldade, sinto raiva, também tenho dificuldade de conviver com algumas pessoas”. PA: “sim, mas nem todo mundo que trabalha na SUSEPE tem a sua disponibilidade e vontade de nos ajudar, digo pelas outras pessoas que trabalham aqui, ou que já trabalharam, sei lá, a senhora é diferente. Nunca ninguém me respeitou como a senhora, sempre educada, sorrindo, falando de igual por igual”. Eu: “mas gente, isso não é o mínimo que se espera de mim? Que trabalho eu faria se não fosse desse jeito?” PA: “mas dona Rejane, por exemplo, a senhora conta para as pessoas que a senhora fica sozinha, em uma sala dentro da cadeia, com quatro bandidos, como nos chamam aí fora, por uma hora e meia, assim, de boa, tranquila”? Eu: “claro que eu falo”. PA: “seja sincera, o que eles dizem? O que tua família diz”? Eu: “bom, no início é claro que a minha família se preocupava, eles não tinham noção de como funcionava, eles não tinham noção de como seria a minha relação com vocês, com o passar do tempo eles foram

aprendendo e refletindo sobre criminalidade e hoje tem uma visão extremamente diferente do que antes. Hoje são meus parceiros, ajudam de alguma forma a falar sobre esse tabu social da criminalidade, minha mãe por exemplo, faz campanha para arrecadar roupas no inverno, enfim, as pessoas não sabem o que é estar preso. As cadeias são instituições muito fechadas, então elas vão formando um imaginário sobre o que é cadeia, sobre presos, muito a partir daquilo que as mídias mostram, e a gente sabe, que geralmente mostram o que é negativo, daí, é de se esperar o preconceito deles. É de se esperar que se espantem quando digo sobre meu trabalho. Mas quando falo da relação linda, de respeito que tenho com vocês, do quanto confio em vocês e me sinto segura, eles começam a refletir”.

PE: “dona Rejane até a gente se espanta assim quando vê a senhora pela primeira vez, porque a senhora é doce, é afetiva, e esse lugar é complicado. A gente até se comenta que não sei como a senhora aguenta. A senhora atende todo mundo, a gente se fala como é que fica a cabeça dela com tantos problemas?”. Eu: “às vezes eu levo vocês pra casa comigo, vão de ônibus, estão lá nos meus pensamentos, nem sempre a gente consegue desligar. Tem dias mais difíceis, tem situações que me preocupam mais, mas o que me dá força, é o que estamos vivendo aqui. Quem me dá força são vocês. Eu não posso só ficar focando nas dificuldades, eu preciso valorizar isso que estamos vivendo aqui, essa troca, tudo o que eu aprendo com vocês. São histórias de vida tão lindas, de superação, de resiliência. E é essa força de vocês que me dá forças, tipo, vocês precisam de mim, mas eu também preciso desse retorno de vocês. Porque se realmente fosse só pelo salário ou pela valorização que tenho lá fora, eu já teria desistido. E vou confessar um segredo pra vocês, ultimamente esse grupo, é uma das coisas que tem mais me deixado feliz”. PG: “sério dona Rejane? Então somos importantes para a senhora”? Eu: “claro que são. E então vamos aproveitar o tempo para trabalhar”. Os participantes começaram a bater palmas, senti vontade de chorar, fiz um esforço danado para não chorar. Mal sabem eles que são responsáveis por tudo o que luto e acredito. Que meu trabalho nunca foi para mim um trabalho, mas uma causa social, uma causa pela qual luto todos os dias, uma causa que invadiu minha vida, e das pessoas que me cercam, uma causa que me faz querer estar em pé, mesmo com o corpo em frangalhos e o coração sangrando, uma causa que luto, para que possam sair da invisibilidade social.

Enfim, distribuo a eles papel em branco e explico a atividade: cada participante deverá escrever no pedaço de papel que recebeu, alguma dificuldade que encontra no relacionamento com os outros, na cela, mas que não gostaria de falar. Os papéis serão sorteados e cada um deverá assumir o problema que estiver escrito no papel que pegou. Em seguida o participante deverá ler o problema e a solução que pensou.

Aparentemente, levaram muito menos tempo para fazer esta atividade daquelas dos encontros passados, começaram a apresentar, conforme segue:

Problema 1) “alguma dificuldade que encontramos no relacionamento com os outros? Ter espaço para expor a opinião, e não ser compreendido”? Solução: “insistir com as opiniões que um dia será sua hora e seu dia de ser compreendido e suas opiniões serão ouvidas”.

Problema 2) “acho que uma das coisas mais difíceis num relacionamento com o outro é quando não se tem respeito com o outro, não se tem caráter, só mentiras”. Solução: “acho que cada mentira em que se fala ou pensa se põem a própria vida e com isso o que podemos fazer é pôr-se no lugar do outro e tentar ajudar, não confrontar, pois o caráter não se muda se o outro não o queira”.

Problema 3) “a dificuldade que passo na cela e com os outros é quando as pessoas levantam maltratando e julgando as pessoas”. Solução: “tirar isso como aprendizado, não repetir os mesmos, e mostrar o seu lado oposto”.

Problema 4) “a chegada ao lugar onde jamais se sonhou estar faz ter um turbilhão de sentimentos que as vezes não se sabe nem mesmo dosar e com isso vem a distinção que não é o lugar e sim as pessoas, e com isso as próprias diferenças, as quais dizem muito. Primeiro vem os artigos que é o que manda muito no meio, depois a diferença em ser ou não ser viciados e com isso as situações financeiras e com elas mesmo se tendo um artigo ruim, como se fala aqui, se pode pagar para ficar vivo, em um lugar onde a morte muitas vezes é o que e pede em oração. Então acho que essas são as diferenças que se tem para se conviver uns com os outros. Definir basicamente a dificuldade em isso tudo é muito difícil, mais que a própria convivência, pois jamais tem como se preparar para tal fato e com isso, acho no meu ponto de vista, a própria dificuldade real que se tem de enfrentar, pois o que você se torna para si, ou se torna para a convivência com os outros neste meio, pois talvez isso determine tua própria vida”. Solução: “não tem muito o que falar porque você já fez o que era preciso para passarmos por essa turbulência que vivemos. Que Deus te abençoe e te de mais sabedoria e força”.

Foram breves em suas apresentações, tentei instigar, pedir como se sentiram ao responder a dificuldade do outro, porém, disseram que esses são os problemas de todos eles, que enfrentam, não tendo muita solução, PF diz: “aqui dona Rejane, muitas vezes o melhor a fazer é ficar de canto, cada um por si e Deus por todos”. Por mais que eu tentasse conversar, eram breves, mostrando a mesma “solução”.

Pareciam dispersos e desinteressados com a atividade e lancei para o grupo esta observação. PG respondeu: “é que a gente prefere fazer as atividades que falam sobre a gente,

como foram as outras”. Pedi o que os outros achavam, e todos concordaram. PF: “é que as coisas da gente a gente pode mudar, de como é o ritmo aqui na cadeia, não”.

PA: “é que a gente gostou daquele tipo de atividade, de falar sobre as nossas coisas. Na semana passada eu estava lendo um livro do Augusto Cury e lembrei do encontro, porque o livro falava que para a gente atingir uma liberdade a gente precisa primeiro se responsabilizar”. Eu: “e o que do encontro te fez associar com o livro”? PA: “é que a senhora apontou que de nós quatro, três dissemos que não gostamos de falar sobre os nossos crimes. Daí fiquei pensando, e acho que as atividades que a senhora estava propondo eram bem legais, porque acho que a intenção era da gente poder se conhecer. Pensei que esse seria o primeiro passo, daí a gente se conhecendo, se entendendo, a gente vai conseguir entender nossos atos, nossas atitudes, até mesmo essas que a gente não gosta de falar, daí só então vamos conseguir nos responsabilizar sobre nossos atos, pra não repetir e assim estarmos livres de verdade”.

Devolvi ao grupo, questionei o que pensavam a respeito, todos concordaram. Eu: “eu também concordo com tua colocação PA, ela é muito profunda e necessária, mas esse ciclo não irá acontecer com todos ao mesmo tempo, e sim, o único modo de não repetirmos nossos erros é olhando para eles, entendendo, caso contrário, nossa vida será uma eterna repetição”.

PA: “talvez por isso muitos voltam, ficam anos aqui presos, sofrendo, querendo muito a liberdade, e quando saem, no dia seguinte estão de volta. Quando via isso no início eu pensava, mas ele gosta da cadeia, por isso voltou. Mas agora vejo que essa pessoa não se conhece, não parou para pensar, entender seus crimes, sei lá, só joga em um culpado, que está fora dela, e por isso repete e volta”.

Eu: “exatamente, a gente chama de projeção, projeta no outro o que está dentro dele. Se a culpa é do outro, eu não preciso me responsabilizar, daí não há mudança. Mas quando a gente decide se olhar e entender que sim, com certeza já fomos vítimas, temos nossas dores, que não foram tratadas, mas que são nossas e portanto, podemos fazer alguma coisa com elas, não apenas jogar para o outro e dizer, eu faço isso porque a culpa é dele, por causa disso, por causa daquilo, mas sim, se a gente olhar para nós, e entender eu fiz isso, porque sinto isso e a culpa é minha de ter agido dessa forma, eu abro espaço para mudar meu comportamento, tentar fazer diferente, e assim, não repetir os mesmos erros”. O grupo passou a refletir sobre o processo de responsabilização.

Como o tempo estava chegando ao final, queria fazer algumas combinações, eu disse: “gente nosso tempo está acabando e eu gostaria de ver algumas coisas com vocês. Na próxima semana será nosso último encontro, deste grupo. Já conversei com a administradora e o chefe

de segurança e provavelmente o grupo vai poder continuar e com mais participantes. Mas para o nosso próximo encontro, eu vou pensar em alguma coisa para fazer um encerramento e quero lembrar que vou recolher os cadernos. Outra coisa, eu gostaria que vocês fizessem uma avaliação sobre os encontros, não quero que se identifiquem, porque eu gostaria que vocês fossem muito sinceros, bem como, escrevessem sugestões, o que esperam para os próximos encontros. Como hoje, quando vocês me disseram que preferem atividades que trazem a autorreflexão”.

PG: “e a senhora definiu o que faremos no próximo encontro”? Eu: “ainda não, vocês teriam alguma sugestão”? PG: “eu tenho! A gente poderia brincar de amigo secreto”. Eu: “estou gostando da ideia, mas o que você sugere que fosse nosso presente”? PG: “a gente poderia escrever uma carta, de como vê o outro, dizendo suas qualidades, palavras de conforto”. Eu fiquei eufórica: “amei essa ideia, mas vamos ver com os outros participantes”. Todos concordaram. Eu continuei: “eu adorei de verdade, estou pensando aqui, vamos então fazer uma confraternização, além do amigo secreto, eu vou encomendar alguns salgadinhos e docinhos e daí a gente faz a avaliação dos encontros”. PA: “dona Rejane a gente não quer que a senhora gaste”. Eu: “não se preocupe, será algo bem modesto, mas faço questão. Acho importante a gente confraternizar”. PA: “beleza, a gente então compra um refri aqui na cantina”. Depois do sorteio com os nomes dos amigos, nos despedimos.

Confesso que achei incrível a conexão e a vinculação que se estabeleceu entre nós. Eu, que sempre valorizei a escrita como uma ferramenta de resistência, não poderia ter tido uma ideia tão maravilhosa como aquela que foi sugerida por um dos participantes, um amigo secreto, onde iremos nos presentear com palavras escritas. Respiro fundo, agradeço o universo e minha alma sorri: são eles que me dão força para seguir!

07/08/18 – hoje eu já cheguei com saudade, mesmo que tive autorização para continuar o grupo, depois das minhas férias, já estou com saudade do que vivi até aqui. Foram para mim momentos incríveis, onde a não previsibilidade dos encontros abriu a oportunidade para inesperados. Inesperados positivos. O grupo andou sozinho, se vinculou sozinho, refletiu sozinho e crescemos. Acredito que sairemos modificados, afetivamente modificados, e sei que isso terá reflexos em nossas vidas.

Os participantes foram chegando e dizendo que estavam se sentindo felizes e tristes ao mesmo tempo. Sim, estamos comungando dos mesmos sentimentos. Estamos vinculados. PE disse que seu bloqueio o impediu de fazer seu presente de amigo secreto. Eu falei: “não aceito essa desculpa, nós vamos esperar, você irá aqui na sala ao lado e vai sim escrever algumas

poucas palavras para seu amigo, aqui ninguém vai ficar sem presente hoje”. Prontamente, pegou algumas folhas e iniciou sua escrita.

Os participantes disseram que já haviam feito a avaliação dos encontros por escrito durante a semana, os quatro participantes entregaram as seguintes escritas:

“O encontro que temos em grupo toda terça-feira com a doutora Rejane é maravilhoso, além de trocas de experiências, podemos de alguma maneira desabafar e aprender um com o outro. A doutora Rejane é uma excelente profissional e está de parabéns, nos ensina e nos mostra que tudo nessa vida é passageiro. Agradeço pela oportunidade, e afirmo que foi muito produtivo mesmo”.

“O que eu achei do grupo, achei legal, uma distração pra mim e que ta me ensinando muitas coisas e só me fortalece cada vez mais. Bom debater minhas angústias, minhas aflições da vida com pessoas que possam me entender e talvez me ajudar cada vez mais. Agradeço a vocês por compartilhar momentos bons e também momentos ruins que já passamos, espero que o grupo continue e que possa ter mais pessoas pra compartilhar momentos bons e ruins. No que depender de mim terá meu apoio que o grupo continue. Obrigado a todos e que Deus abençoe todos nós”.

“Quando eu a vi pela primeira vez tive esperança que Deus tinha colocado alguém em meu caminho para me ajudar. Hoje tenho certeza disso. Espero que você continue no meu caminho tanto aqui quanto lá fora. Tenho certeza que pessoas como a senhora são raras nesta vida. Obrigado por tudo”!

“Todos aqui e lá fora julgam o lugar como causa de atitude como a própria loucura dos envolvidos, estou neste lugar pela falta cometida e a consequência da pena em tempo. Mas a loucura é tanta para muitos que se distanciam do seu próprio eu, como dos que só passam por aqui, pois nada justifica, pois a sociedade na qual vivíamos é a mesma em que iremos retornar, por isso é que mais e mais deveríamos ter a oportunidade de encontrarmos pessoas que possam fazer a diferença. Pois muitos aqui dentro não tem a mesma oportunidade que eu tenho e porque vieram e aqui ficaram e para se proteger muitas vezes se prendem a isso. Essa oportunidade em que estamos falando advém de uma pessoa e não do sistema em si, pois foi seu interesse pelo pensar, sentir do ser humano que a levou a isso. Parabéns muito e que Deus possa lhe dar muita inspiração e que possa fazer a diferença na vida de muitas pessoas”.

Após PE ter concluído suas escritas, iniciamos a revelação do amigo secreto, cada participante lia em voz alta sua carta e o restante do grupo precisava adivinhar de quem estava falando. Foram momentos de muita sensibilidade, beleza e emoção. Cada palavra falava de como viam positivamente seu amigo, bem como, lhe desejavam votos de otimismo, força e

coragem para enfrentar as dificuldades. Cada carta, abraços e emoção. E não é que em um lugar tão hostil, perverso e desumano, foi possível mostrar afeto e cuidado com o próximo?

Após, confraternizamos com comida e refrigerante. Por alguns instantes conseguimos inverter a lógica institucional. Por alguns instantes não era um grupo de segregados socialmente e sua “doutora”, mas sim, um grupo de amigos a celebrar sua amizade. Há vida mesmo onde a morte insiste em se impor. Há afeto, mesmo onde a força e a violência oprimem. Há amizade, mesmo onde a máxima “cada um por si e Deus por todos”, vale mais que mil palavras. Há vinculação e respeito, mesmo onde a hostilidade serve muitas vezes como proteção.

Eu jamais serei capaz de descrever o que vivemos. Aqui se encontra apenas alguns fragmentos. E quando fecho os olhos, vejo imagens que ficarão congeladas em minha memória. Vejo os olhares, os sorrisos, os abraços, as lágrimas, os afetos, vejo pessoas, vejo humanos. Mas eu sinto também, sinto minhas lágrimas rolarem pela minha face, são fragmentos de afeto, que transbordam do meu peito. Afetos que sobrevivem ao cárcere.

4.2 Cadernos/diários – fragmentos das escritas dos participantes:

“[...] pensa, fecha o olho e pensa, pensa, pensa. Fecha o olho e pensa, pensa, pensa. Fecha o olho e pensa, pensa, pensa. Fecha o olho e pensa: no seu medo, seu passado, no seu futuro, seu legado, seu lado mais obscuro, seu pecado, seu lugar seguro, seus antepassados, seu escuro, [...] que saudade de poder viver [...]”. Projota. Cadeia, abertura da Série Carcereiros.

Caderno/diário de PF: “hoje acordo com dia abençoado, procuro não levantar pela manhã quando acordo porque muitas pessoas acordam nervosos e neuróticos por falta da droga. Como todos sabem a cadeia é um lugar que você tem que ter psicológico e mente muito forte porque tem muitas pessoas que estão aqui nesse lugar por nada não pensam em nada, nem em suas famílias. Pensa é muita maldade, mas procuro ajudar essas pessoas, porque são pessoas como a gente e a demais procuro ficar na minha cama sossegado e dormindo. No fim da noite eu dobro meu joelho e agradeço a Deus por mais um dia, é isso. E mais um dia pago”.

“Hoje é um dia de visita, todos procuram levantar cedo e ir a ducha. Como tem 19 pessoas é complicado levantar. Então procuro ficar deitado esperando todos que estão dormindo no chão ir primeiro. Mas como nas celas tem muitas regras que o preso mesmo coloca e nós temos que cumprir, quando a gente acorda todos procuram fazer a higiene

primeiro, antes de tomar café. Mas no acordar não é fácil conversar com um e com outro, é muita neurose. Mas a gente tem que aprender a conviver com as pessoas porque isso é de momento, até acordarem. É uma loucura, mas é pessoas boas como a gente e assim passemos essa quarta-feira”.

“Hoje quinta-feira, dia complicado, como todos pensam, mas pra mim é um dia bem normal, como todos os dias que passo aqui. Nas quintas acordo cedo, espero a pessoas fazerem sua higiene e depois vou a ducha e vou fazer a bita, pratos que temos na cela. Procuo um ou outro pra me ajudar organizar e cortar os temperos e assim quando termino, sirvo a todos. É bom a gente passa o dia que a gente nem vê, não pensa besteira nenhuma, procurar sempre fazer pra me distrair, porque vem muita tristeza e angústia no pensamento. Vejo várias pessoas tristes, eu procuro ajudar, dar conselhos, procuro ajudar as pessoas como posso. Todos que moram comigo me consideram, pela humildade, e assim procuro ser”.

“Hoje sexta-feira, vem chegando o fim de semana, todos acordam faceiros e tranquilos, parecem que tão todos num acampamento, e tá legal, brincam um com os outros, uns ficam brabos, outros ficam orando, todos tem seu respeito um pelo outro, somos todos uma família, e isso é até legal de ver, me sinto bem quando todos acordam assim. Como hoje é sexta, tem jogo, todos acordam falando e brincando como falei, as vezes até eu brinco, mas não muito porque tem pessoas que não dá pra dar muita confiança. Mas vamos lá assistir a seleção. Depois de uma decepção da seleção, muitos brabos, não dá pra debater muito e fico na minha, só acordo pra fazer minha oração.”

“Manhã de bênção, manhã de sábado. Dia que as pessoas procuram orar e buscar Deus. Nos sábados de manhã cantamos louvores e de tarde tem o culto que reúne várias pessoas de todas as celas. É um sábado abençoado mesmo, vem pastor de fora é muito legal saber que pessoas lá fora procuram ajudar, pelo menos ajudar com uma palavra de conforto e bênção. Todos os sábados são assim. Depois do culto uns retornam para a cela, outros ficam no pátio, uns jogam futebol, outros ficam na cela. Assim é o nosso sábado, todos na bênção. Retornemos na cela, vamos todos dormir cedo, porque vem o domingo e é bem cedo. Assim é o nosso sábado, todos bem tranquilos, na paz, esperando pelo dia de visita”.

“Hoje domingo dia especial pra todos que esperam suas visitas. Abençoados, todos acordam 6 horas da manhã, vamos todos a ducha, uns esperando suas sacolas das visitas e outros esperando até as 13:30. Quando abrem as portas vamos pro pátio e ficamos esperando nossas visitas, umas vem, outras não vem. É assim nos domingos e quartas. É complicado, vejo muitos abençoados por seus familiares e muitos ficam olhando com uma esperança de sua mãe ou pai, ou filhos. É triste pra uns e felicidade pra outros. Muitas vezes passei por isso

e passo. Tinha um a vida boa, família abençoada, até acontecer uma grande tragédia em minha família. No começo tive apoio da minha família, no decorrer do tempo pessoas que amava e amo se afastaram de mim, que todas as quartas e domingo estavam comigo aqui. Hoje fico assim na espera da minha família, como muitos. Mas tenho fé, isso que importa”.

“Hoje segunda, muitos cansados pelo dia de visitas que cansa muito, muitos arrependidos das coisas erradas, outros de bem com seus familiares. Segunda é dia de cansaço e muita discussão, quanto a gente menos se envolver com discussão e brigas, melhor, quanto menos falar melhor. A gente aprende ter muita sabedoria nesse lugar, aprendi muita coisa e vou levar pela experiência de vida da vida. Agradeço a Deus por minha abençoada filha todos os dias. Hoje acordei muito pensativo, sentindo muita falta da minha filha, dos meus sobrinhos e da família. Perdi muita coisa, mas também ganhei muito, hoje nesse lugar agradeço só por Deus, por ter minha filha na minha vida. Hoje muita força é por ela. Procuro ficar bem, porque isso que tô passando é passageiro e sei que Deus está comigo”.

[...]

“Sabedoria e convivência, duas coisas que aprendi nesse lugar. Que aprendi com cada pensamento e cada mente que convivo aqui, umas mentes boas, outras difícil de entender de tanta maldade e coisas erradas que pensam em fazer quando saírem daqui. Difícil entender essas pessoas, procuro pelo menos tentar ajudar, dar conselhos, mas infelizmente essas pessoas pensam em si mesmo e não pensam em suas famílias que sofrem lá fora, às vezes muito mais que a gente que convive aqui dentro. Já vi pessoas me dizerem que a vida deles é de matar e roubar, que não tem nada a perder. E eu penso, e a família não é nada ? As vezes penso que tatas vezes erre também, e hoje a gente aprende muito com a vida, porque os poucos momentos com a família pode ser uma grande eternidade, momentos que passei lá fora, muito não dei valor e agora poucos momentos com minha filha no dia que ela vem aqui, guardo cada segundo no meu coração, coisas que não sabia fazer e aprendi. Então a vida faz da gente e das pessoas um aprendiz. Convivência, outra coisa que aprendi muito aqui, com pessoas que são totalmente diferentes das outras pessoas. Me pergunto, porque diferente? Diferente no modo de pensar, conviver com pessoas. Vejo muita desigualdade nesse lugar, muitas pessoas que pisam nas outras, nos mais humildes. Coisas que não consigo aceitar, por sermos todos iguais no dia a dia e no conviver aqui. Eu procuro ajudar essas pessoas, procuro falar e debater. Eu penso, porque não confiar e conviver mais? Vejo muitos viciados serem julgados e maltratados. Então, com muita paciência e sabedoria e convivência e confiança nas pessoas, eu acredito que muitas pessoas vão aprender aqui a ser uma pessoa melhor e outras infelizmente, pior. Agradeço a Deus que me deu muita sabedoria, força, calma e muita

bênção”.

“Não tenho muito o que falar. O que a vida me ensinou, mas também tenho muito mais o que aprender ainda. O dia aqui é sempre o mesmo, dias bons e dias ruins. Dias de discussão, de alegrias, mas peço que Deus abençoe a todos. Confio nas mudanças das pessoas, somos presos, mas somos pessoas como todos. Muitas pessoas lá fora tratam nós como bandidos, bichos, sem serventia. Aqui nós somos humanos e iguais. Muitas vezes a justiça é injusta para muitas pessoas, mas creio que um dia isso muda e as pessoas também possam pensar e mudar pra melhor, esperemos todos esse dia”.

“Hoje terça-feira. Como voa. Hoje acordei bem alegre atencioso. Aconteceu uma coisa que quero compartilhar: ontem chegou um amigo da minha cela e me disse: ‘PF gostaria que você lesse uma palavra pra mim’. Eu tava deitado e perguntei: ‘porque você veio pedir logo pra mim’? Ele me olhou e disse: ‘PF, senti em ti uma confiança e quero falar e quero que você me ajude’. Eu perguntei a ele: ‘diga no que posso te ajudar’. Ele me disse: ‘PF, quero parar de fumar, quero parar com meus vícios, tem pessoas que me humilham de mais, porque sou viciado’. Eu falei: ‘vou te ajudar do meu jeito, que eu posso. Quando você se sentir com vontade de fumar, ou alguém insistir para você fumar, venha em mim, conversar comigo’. Dou vários conselhos pra ele, conselhos que aconteceu na minha vida lá fora e aqui. Eu fico feliz em poder ajudar uma pessoa que é mais velha e mais experiente que eu. Ele tem 43 anos, ele me agradece todos os dias quando eu acordo, ele tá lá do meu lado pedindo uma palavra de conforto. Hoje faz três dias que não fuma. Agradeço em primeiro lugar a Deus por ajudar essa pessoa. Espero que um dia seja recompensado por Deus por tudo isso que fiz de bom um dia”.

“O que me trouxe até a esse lugar. Tive grandes dias na minha vida, perto de minha família. Dias maravilhosos que jamais queria que tivessem acabado, mas a vida quem sabe é Deus. Tive dias de dificuldades na minha infância, passei por muitas dificuldades quando era criança, sofri, eu era doente, meu pai e minha mãe se separaram muito cedo, tinha 7 anos, senti muito da separação dos dois, minha mãe saiu de casa, bem dizer me abandonou, não tive muito carinho de pai, nem de mãe, cresci sozinho, aprendendo com a vida. Aos 8 anos meu pai casou com minha madrasta e aí veio mais afastamento de meu pai. Não tinha atenção de pai, ele pouco falava comigo, aí vinha falta e a saudade de minha mãe. Tentava me aproximar dela, mas minha madrasta fazia totalmente a cabeça do meu pai, ele me cobrava, não deixava eu me aproximar dela. Eu apanhava de minha madrasta, não aceitava que falasse com minha mãe. Depois de todos esses dias, desavenças, comecei a ficar doente, ficava internado no hospital sozinho, meu pai trabalhava, só aparecia no fim do dia pra me ver, passei por essas

dificuldades e aos 9 anos sai de casa do meu pai e fui morar com meu irmão mais velho. Também não tive muita sorte, aguentava coisas que jamais pensei que ia passar, tinha vontade de sumir e nunca mais aparecer.

Mas comecei a ver a minha mãe e conversar com ela, me sentia muito bem ao lado dela, mas ela casou com um cara que batia demais nela, na minha frente, não aguentava ver aquilo, minha mãe sofria demais, eu era a alegria dela, quando ela me via. Mas no ano de 1999, minha mãe ficou doente e ficou três dias no hospital, eu chorava pro meu irmão que eu queria ver minha mãe, mas meu irmão me deu a notícia que minha mãe tava bem e fiquei bem também. Mas a noite, a partir das 12:00, veio a pior notícia da minha vida, um cara da funerária chegou na casa do meu pai e perguntou o que meu pai era dela, e ele falou que minha mãe tinha falecido. Foi um grande choque na minha vida, que aos 9 anos de idade pensava porque foi acontecer isso comigo? Fiquei sozinho na vida, sem chão, mas graças a Deus consegui suportar tudo isso e fui embora aos meus 10 anos, comecei a trabalhar muito cedo, larguei os estudos e fui viver minha vida um pouco cada lugar, e viajando pra tudo que é lado.

Aos 18 anos voltei para E (cidade de origem) morar com meu irmão e mais uma vez não deu certo, discutia com meu irmão e minha cunhada, parava fora de casa, as vezes até na rua um dia, parei para pensar, vou ter que me levantar, vou ter que ter minha casa, minha vida. Aos 20 anos casei e foi os melhores dias de minha vida, passei por algumas dificuldades, mas coisas da vida e graças a Deus passei por isso. Aos 26 anos ganhei o maior presente da minha vida, que é minha filha, minha vida, meu xodó, passei os melhores dias da minha vida ao lado dela

[...]

Um cara foi na minha casa e perguntou se eu não queria trabalhar pra ele na granja. Na hora eu aceitei, minha mulher ficou muito feliz e com esse serviço que consegui, trabalhei um mês e peguei folga [...] e naquela manhã de segunda-feira acordei e convidei minha mulher pra nós irmos na mãe dela e falei pra ela: ‘você vai indo na tua mãe que vou fazer essa faca pro meu compadre’ [...] daí ela foi e eu fiquei fazendo aquela faca na metalúrgica do meu amigo. Terminei aquela faca, daí falei pro meu amigo agora vou descer lá na minha sogra, e ele falou, não vamos junto ver um serviço comigo, daí coloquei aquela faca no caminhão dele e falei que não queria ir sem dinheiro, ele falou vamos lá na tua sogra e pega. E eu fui lá, peguei R\$50,00 e falei pra minha mulher que já voltava. Ela brigou comigo, pra mim não sair, minha nenê me viu saindo com meu amigo e chorava e gritava [...] ele mentiu que ia ver um serviço, na verdade, ele me levou para beber nos bar. Naquele dia entrei na onda dele e

comecei a beber com ele e falava, vamos embora que a minha mulher tá esperando. Ficamos até as 11 horas no bar, eu já tava me passando do limite naquele dia [...] voltamos pra firma dele, daí fui pra minha casa, cheguei em casa e vi que não tinha ninguém, fui buscar a mulher e a nenê lá na minha sogra. No subir, meu compadre me para e me chama pra conversar, daí conversamos e ele me convida pra tomar uma bebida e eu meio passadinho fiquei tomando com ele [...] minha mulher desceu até o bar e me convidou para ir pra casa, peguei mais alguma cervejas e desci pra casa, botei meu rádio na área e comecei a tomar uma cervejinha e ouvir música com minha nenê. Daí minha nenê chamando o vô dela que morava na frente da minha casa. Vi minha madrasta brigando com meu pai, por causa que ele tava brincando com minha filha. Brigou tanto com meu pai que meu pai saiu de perto da nenê e aquilo me deixou triste e magoado. Por que minha nenê chamava o vô dela chorando, tive até que distrair ela. Ao passar dos minutos minha madrasta fazia vários gestos de provocação pra mim, porque ela não gostava dos filhos do meu pai. Daí minha mulher veio, ela provocando e daí minha mulher perguntou qual é o motivo de ela estar fazendo aquilo, eu falei: ‘não sei, não fiz nada pra ela, acho que ela ficou braba com a nenê, porque chama o vô dela’ [...] comentei pra minha mulher: ‘vamos voltar lá pra tua mãe que não quero me incomodar’, e minha mulher concordou [...] fomos lá pra minha sogra, isso era umas 3:30 da tarde, fiquei até as 8:30 na minha sogra, daí chegaram os meus cunhados bêbados, falei pra minha mulher, vamos embora [...] minha mulher fala: ‘PF, leva a faca, não deixa ai essa faca, esses piá loucos e brigando, não vai dar certo’ [...] e a mulher levou a faca, fomos embora, alguns metros dali, quase aconteceu uma tragédia comigo, com minha mulher e a nenê, uma camionete em alta velocidade quase acerta nós em cheio. Empurrei minha mulher pro lado e ela caiu com a minha nenê [...] aquilo me magoou e fiquei louco, corri atrás desse cara pra perguntar se ele tava louco de fazer o que ele fez. De repente ele voltou, falei pra mulher: ‘vai pra calçada’ e o louco passou de novo, ele estava com meus sobrinhos em cima na camionete, fiquei com mais raiva ainda e falei pra mulher: ‘vou atrás desse cara’. Entreguei a nenê pra mulher e fui na esquina da minha casa, passa meu irmão, ergo as mãos pra ele parar e parou e falei da situação que tinha acontecido. Nossa, ele me falou coisas absurdas, que nunca tinha ouvido dele. Deixei quieto e peguei a bolsa da mulher, fomos pra casa, de repente cai a faca artesanal da bolsa da mulher que tinha feito de manhã na metalúrgica do meu amigo.

Eu peguei essa faca que caiu e levei na mão, tava poucos passos de minha casa e bem em frente a casa minha, meu irmão, ele quase passa por cima de mim, ele parou o carro na frente do portão e fui falar com ele, com aquela faca que tinha na mão, mas sem intenção nenhuma com ele. Abri a porta do carro dele e falei várias coisas pra ele, perguntei se ele tava

ficando louco de fazer aquilo e daí ele veio pra cima de mim, começamos a brigar. Derrubei meu irmão no chão e fiquei em cima dele. Falei: ‘não quero brigar com você, não quero nada contigo’, e eu com aquela faca na mão. Minha madrasta veio em frente a nós e falou várias coisas pra mim, mandei ela calar a boca, que jamais iria fazer mal ao meu irmão, e meu pai no portão da casa dele olhando e minha madrasta fazendo em escândalo, falando pro meu pai se não tinha homem dentro de casa dela, ela iria procurar e eu ali, segurando o meu irmão pra não brigar com ele.

De repente senti uma pancada na cabeça e fiquei tonto vi que tinham me cortado e levei vários golpes de facão, e saí de cima de meu irmão, ele me deu um coice na barriga e eu fico contra o carro dele, ele me segurou e fui levando vários golpes, e me defendia. Ouvi minha mulher gritava pro um irmão que eles iam me matar. E comecei a falar pro meu irmão me soltar, que estavam me cortando e eu com a faca na minha mão e meu irmão me segurando. Levei o braço que tava a faca pro lado e vi que atingi alguém, derrubei a faca e falei pro meu irmão me soltar. Ele me soltou e vi que tinha tingido meu pai, me desesperei, falei: ‘porque pai fez eu fazer isso’. Sai correndo na casa do meu outro irmão e falei: ‘o pai e o mano me cortaram tudo’. Ele ficou apavorado que eu tava todo ensanguentado e ele me levou no hospital fazer uns pontos. Chegamos em frente ao hospital, tava meu pai e meu irmão que brigamos, eu não quis ficar [...] o meu irmão mandou eu ficar em X na sobrinha da mulher dele, até no outro dia fiquei, ele foi ver qual era a gravidade.

No outro dia ele veio me buscar em X, quando olhei a cara dele já senti uma coisa muito ruim e entrei no carro dele, ele olhou pra mim e disse: ‘PF, vou te falar uma coisa, mas você tem que ser muito forte’. Já percebi que era sobre o meu pai, e ele me falou: ‘PF, o pai tá entre a vida e a morte lá em Z’. Me desesperei, pensei dentro do carro do meu irmão em jogar o carro contra uma carreta, ou qualquer outra coisa, pensei mil coisas e várias besteiras na cabeça. Mas pensei, não posso fazer isso, meu irmão tem a família dele e eu também tenho a minha filha, mas não foi fácil passar por isso. Meu pai piorou no hospital, toda a minha família não deixaram eu ir ver meu pai naquele lugar. Fiquei mal sem saber notícias, sem saber nada, toda minha família perto dele e eu fora, senti muito por isso, mas respeitei as mágoas deles, entendi que naquela hora eu não fazia mais parte da família.

Mas meu segundo irmão mais novo, sentiu o que eu tava passando e esperou toda minha família saírem do hospital e veio me buscar na casa da minha sogra e me falou uma coisa muito forte, disse: ‘PF, eu sei que o pai só está esperando tu ir visitar ele pra partir em paz’. Aquilo me deixou com muito medo e triste, mas ele falou: ‘PF, não quero ficar com esse remorso de não deixar você ver o pai, vou te levar’. E eu fui, tava muito nervoso e triste de

ver meu pai naquela situação. Vi ele naquela cama. Peguei nas mãos dele, pedi perdão, falei que não vi que era ele, ele só me escutava, não podia me ver porque estava sedado, mas conversei com ele, falei tudo o que eu sentia, pra não me deixar, porque precisava muito dele. Entrou um pastor e oramos pra ele, descia as lágrimas do olho dele, aquilo me deixou muito feliz, porque senti que naquela hora da oração o que mais pedi que ele me perdoasse e não partisse com mágoas de mim e foi como meu irmão falou, no outro dia, de manhã, as 4 horas da manhã, chamaram meu irmão lá no hospital, que o estado do pai tinha piorado, mas ninguém me falava nada. Acordei as 5 horas da manhã, do nada senti um frio em mim e vi que a luz apagou três vezes. Minha sogra disse: ‘PF vai dormir é muito cedo’. Eu sentia que naqueles minutos algo estava acontecendo. Falei pra minha sogra que senti que meu pai tinha morrido. Ela até brigou comigo, mas as 6 horas da manhã, minha mulher recebeu uma ligação da minha cunhada que meu pai tinha falecido. Escutei, meu chão caiu, pensei naquela hora em sair e fazer várias besteiras contra a minha vida, mas minha filha precisava muito de mim, consegui arrancar força por minha filha, mas não conseguia me perdoar pelo que tinha feito pro meu pai, amava ele demais. Não é fácil viver com essa perda em minha vida.

Depois de uns dias vim preso, muitas pessoas da minha família gritavam e pulavam, falavam que a justiça tinha sido feita, que o bandido estava preso, aquilo que todas aquelas pessoas falaram de mim. Baixei a cabeça e entreguei nas mãos de Deus tudo aquilo que falaram de mim.

Hoje estou aqui preso, faz 1 ano e 11 meses. Vi e aprendi várias coisas.

Também tive que suportar mais uma perda na minha vida, a perda da minha mulher e o afastamento de minha família. Sofri muito a separação aqui dentro, porque minha mulher era a única pessoa que tinha na minha vida, mas tive que ser forte mais uma vez. Hoje vivo e me sinto o cara mais forte do mundo, pela minha filha, porque minha obrigação é viver por ela, que sinto e sei que ela vai precisar muito de mim. Hoje agradeço todos os dias da minha vida de ter minha filha e de saber que tem uma pessoinha lá fora me esperando. É assim que levo a vida na cadeia, sentindo saudades e vivendo com a distância. Aprendi a viver com o desprezo da família e com o abandono, mas me sinto vitorioso porque apesar de tudo, Deus me deu a vida e estou vivo, e tenho que cuidar de mim e de minha vida. Essa foi minha vida louca e muito triste, que Deus esteja sempre comigo, hoje e sempre”.

Várias páginas em branco, e na última folha do caderno, está escrito:

“Deus mudou minha vida, mas hoje eu busco uma resposta e me pergunto, porque. Porque eu que ajudava tantas pessoas, que tenho um coração bom. Hoje e dias e dias tento entender como é nossa vida. Hoje você tá no paraíso com muitas pessoas que você ama do seu

lado, num passo errado, num piscar de olhos você vai para no inferno, sem ninguém do seu lado. Mas Deus existe e acredito só nele”.

Caderno/diário de PA: “04/07: hoje uma situação onde me chama a atenção: um advogado vem ao portão e me fala: ‘há você, sempre no poder o chaveiro’. Isso me chama a atenção, cuido as palavras para usar e respondo: ‘desculpe, o Senhor sim é advogado doutor, eu estou chaveiro, isso é um tempo passageiro para mim não me empodero a isso, pois não sou eu e sim a experiência”.

[...]

“06/07: todos somos e fomos penalizados pelo tempo, pois não importa o artigo ou o fato decorrido para se vir parar aqui, pois estamos todos no mesmo lugar e não muda anda, mas com isso noto que muitos acham que fazer um castelo de areia seria a forma de ser ou mudar o que é e o que isso teria que representar a verdadeira mudança para que sejamos melhor, não para os outros, para a nós mesmos”.

[...]

“11/07: hoje é dia de visita, um dos dias em que vejo e sinto a cadeia, pois a aglomeração de pessoas como se nada fizesse a diferença, como se as pessoas estivessem a pouco tempo aqui dentro recebem visita e passam nesse portão como se fosse normal vir e ver seus entes queridos aqui dentro”.

“12/07: hoje fui no dentista, que é uma conquista incrível dentro da cadeia, pois fiquei 10 meses fazendo com que a casa e a juíza desta comarca entendessem que é de uma necessidade, para isso, todas as vezes tive que reformular as explicações, sempre vi e mentalizei a possibilidade, e então foi possível e consegui”.

“13/07: sexta-feira 13, esse número para muitos tem um preconceito, para mim, mais um dia como outro, mas como aprendi desde cedo, para minha própria segurança, pois é um lugar onde tudo pode acontecer, mas ao mesmo tempo é muito quieto, esse dia me fez ficar mais atento, então iniciou a conferência (chamada nominal de todos os presos) e com isso uma sensação que aos poucos se desenhou em um ataque (revista feita pelos agentes de segurança) em uma cela e cada vez que isso acontece é o plantão (chaveiros) muitas vezes que leva a culpa, pois é cobrado por outros presos que nós trabalhamos para a polícia”.

“14/07: um sentimento que aprendi a ter é não desejar o mal a ninguém, pois nem meu pior inimigo merece passar um minuto aqui e quando olha que de outras cadeias pra essa, é considerável bom estar aqui, e com isso hoje um foi embalado (transferido sem consentimento) como se fala, foi para outra cadeia e com isso pensei em seus familiares, pois

não é só nós que estamos aqui, que sofremos, mas também a família e a distância se torna bem pior. Sinto muito por tudo isso”.

“15/07: domingo, como falei não me sinto muito bem, pois é visita e nem todas as vezes posso estar com a pessoa que amo e valorizo, pois temos bastante dificuldades e ela trabalha em plantões de 12 horas e tem dias em semanas que acabam sendo no dia de visitas”.

“16/07: hoje inicia outra semana, acabou esse dia, tudo correu bem e eu em paz, com isso é menos um dia e as horas de minha remição (a cada três dias trabalhado, reduz um dia de pena), pois assim, desde o início luto para esse tempo ser o menor possível, pois pra mim a luta é constante na verdade”.

[...]

“18/07: porque é tão dolorido tocar em algo que ficou para trás, hoje me ponho a pensar no tempo em que poderia estar presente com minhas filhas, onde hoje não posso nem vê-las e dói muito, pois da mesma forma em que busquei estar nessa situação, também houve a contribuição de outra pessoa. É assim que se vê, só um culpado na lei do homem, mas tenho fé que na lei de Deus também irá prestar as devidas contas”.

[...]

“20/07: parei para pensar e por no pensamento o que conversamos no grupo, pois é uma oportunidade em que estamos tendo, que talvez jamais teríamos se não fosse essa pessoa que pensa como ser humano e se põem no lugar do outro e deixa o julgamento de lado”.

[...]

“24/06: hoje tivemos o encontro do grupo, onde fui tocado pela palavra pai em ausência e em conformidade a essa palavra tem um grande peso para mim e a ouvindo, vejo que sou e sempre fui e nunca deixei de ser e a dor que tenho em mim de que naquela data, não terem me deixado me despedir de um pedaço de mim e a satisfação da pessoa em me ver na situação em que me encontrava, parecia de prazer, apesar das lágrimas. Hoje então, acho que consigo, que seja possível um dia poder estar presente e falar tudo o que eu senti nisso tudo. Amém”.

“24/06: um dia lindo em que posso ter a possibilidade de que os dias se passam e eu posso ter nos olhos de quem me olha a grandeza do amanhã, pois só assim pude poder ser forte e me por na confiança de que tudo que se tinha no papel não era e não seria minha verdadeira realidade e tudo isso devo a você, pois foi com o teu amor, que você teve esperança em mim e ver que tudo era possível e que você podia ver em mim a verdade que meu coração representava. E.F.B. Dia de visita”

“25/06: me esbarro num início de dia em que a adversidade é grande, e as pessoas

confundem muito as coisas aqui dentro, e por mais que se faça o possível a fazer o certo e ajudar ao próximo, mesmo assim, você na casa prisional, eu sempre sou apontado e no caso a inclinação que se passa é que deu um ataque (revista surpresa pelos agentes de segurança) na cela e o culpado é sempre o corredor (chaveiro), mas isso tudo é trabalho como qualquer outro, os guardas cumprem ordem como em qualquer lugar, até porque a missão deles é segurança e também por disciplina aqui dentro”.

[...]

“27/06: sexta-feira, fim de uma semana onde foi muito penoso passar. Não parece mas minha função é filtrar os problemas aqui atrás (dos presos) e passar para a frente (administração e chefe de segurança da casa prisional) coisas que realmente não consigo resolver e isso me deixa um pouco frustrado, pois, desde o início luto para que possamos ser olhados no que verdadeiramente somos e representamos, pois todos são afetados, mesmo não tendo culpa e também não tendo muito mérito, para que possa ter uma oportunidade, melhorar na visão de que deveria se o que cada um representa, pois o tempo convivendo só não vê é porque se deixou o sistema subir na cabeça”.

“28/06: dia de calma e um pouco de descontração, e um guarda que olha com outros olhos e com isso pode espalhar a cabeça e descontração em meio a dias em que é puro caos”.

“29/06: visita onde o dia está lindo, o sol brilha e o frio se faz e com isso e possível se ter a possibilidade do dia ser grandioso, vou ter a companhia de minha esposa que é um ser incrível e que me dá muita força e todo esse tempo tem sido muito forte em encarar essa vida ao meu lado, pois sabemos que tudo é superação, até mesmo uma simples visita, tem fatos constrangedor, como a revista íntima, para poder estarmos juntos e isso só é possível a quem se ama, pois ninguém passaria isso tudo para estar com alguém se não por amor. Obrigado E.F.B.”

“30/06: começa a semana, o corre-corre e os problemas com e sem resolução, muitas vezes até mesmo as vezes tem que ter uma serenidade na palavra para confortar o outro, pois todos estamos aqui dentro e queremos a liberdade e os que estão a tempo de progredir de regime nunca entendem que isso depende de outras pessoas que são as que movem os papéis (judiciário) e com isso os nervos e paciência não se tem e com isso eu que tenho que ser o porta voz das pessoas para que seja dada a devida importância”.

[...]

“Tentei participar ao máximo, pois não me sinto bem tirando o que a de bom e não aproveitar, pois a participação no grupo tá sendo me dado sem cobrar. Essa semana para mim foi muito pesada, não pelo lugar, mas sim por ainda ter esperança no ser humano e cada vez

que acontece algo, me deprimos, sei que na teoria, que não devemos esperar nada de ninguém e mesmo o mal que nos fazem, somos o que deixamos nos atingir, mas na teoria é mais fácil que na prática. Espero tem ajudado no propósito de seu interesse e que a mim e a você possam obter o que nos ajude a ajudar mais e mais pessoas que se encontram muitas vezes perdidas em si próprias. Fim”.

Caderno/diário de PG: “Gratidão! Liberdade é o poder do isolamento... se não te permites viver só, nasceste escravo”!

“Aprendi que a ajuda vem de lugares inesperados. Por isso não devemos criar expectativa, e devemos nos doar sim, indiferente do retorno”.

[...]

“Aprendi a tolerar, vivo em um lugar onde aos poucos percebo o desejo que as pessoas têm de te prejudicar de alguma forma o outro... por motivos diversos, até de quem você não espera”.

“Aprendi a valorizar o silêncio. E nunca o silêncio gritou tão alto”

“Aprendi a ser compreensível, tolerante, resistente, isso me deixou forte”.

Aprendi que a saudade é algo maravilhoso, pois temos alguém para sentir saudade”.

“Aprendi que podemos viver com bastante e pouco, quase nada”.

“Aprendi que a distância não diminui o nosso amor, ao contrário, ela aumenta”.

“Aprendi que um dos melhores sentimentos é a saudade...”

“Aprendi o valor da gratidão, pelo simples valor de respeitar, de nos enxergar”.

“Aprendi que nossa vida é feita de algumas etapas, boas e ruins”.

“Um complexo de aprendizado nos traz a cadeia, posso afirmar, uma das melhores escolas de vida que um ser humano pode ter... o início é difícil, pois o desespero faz parte de nossos dias, não vimos saída, não há decisão, pois somos colocados em um calabouço em meio a uma sociedade a dentro, somos jogados no meio da boiada... sem muita saída, estamos logo se adaptando com o sistema e aprendendo a dançar conforme a música... ai está o perigo, nem todos tem a mesma oportunidade de se manter firmes, e esquecem do seu eu”.

“Aprendi que o desabafo, seja escrever ou falar, faz muito bem ao coração”.

“Aprendi que deixar o tempo passar, é algo maravilhoso”.

“Aprendi a identificar melhor os olhares e os sentimentos”.

“Aprendi a sorrir e ser feliz diante das turbulências”.

“Aprendi a falar do passado sem dores”.

“Aprendi a crer e ter fé”

“Aprendi de fato o que é liberdade física e psicológica”.

Caderno/diário de PE: “nesse lugar temos que ter o nosso psicológico sempre firme, lúcido, para podermos suportar o peso de uma pena”.

“Acho que uma das piores coisas no relacionamento com os outros é a falta de respeito, a teimosia e a falta de caráter”.

“O meu eu, sempre fui um trabalhador, mas sempre sozinho, tentei ser um bom pai, um bom esposo, não sei se consegui. Hoje tô preso, sem poder ver, conversar com minha família, se é que eu tinha uma”.

“A dona Rejane pediu para fazer uma avaliação sobre tudo que passamos nesse período de aula: ótimo! Deu esperança, ânimo, força pra lutar”.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*“[...] Um homem na estrada recomeça sua vida,
Sua finalidade: A sua liberdade que foi perdida, subtraída,
E quer provar a si mesmo que realmente mudou,
que se recuperou e quer viver em paz,
Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!”
Racionais – Homem na Estrada*

A perda da liberdade, a condição de confinamento, os excessos próprios da prisão, a opressão, a tentativa de disciplinarização, de assujeitamento do cárcere sobre o sujeito, a homogeneização que ocorre na instituição prisão, o afastamento do mundo e da família, podem aniquilar a subjetividade e a potência do pensar. O preso deve obedecer a ordens e regras sem questionar, é vigiado e controlado, sua palavra é desacreditada pelos administradores. Além disso, num efetivo carcerário com cerca de mil internos, predomina a ociosidade; embora as unidades prisionais costumem oferecer atividades laborativas e escola, há poucas vagas, principalmente para o trabalho. Sendo assim, a grande maioria que não trabalha e não estuda, fica na sua galeria ou pavilhão, sem poder circular pela unidade penal (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013).

O parágrafo acima é parte do artigo dos autores supracitados, em seu trabalho intitulado como “O ato de pensar e a construção da memória na prisão: estratégias criativas de resistência”, porém, não retrata apenas o contexto prisional por eles estudados. Descreve com precisão os milhares de estabelecimentos prisionais espalhados pelo país, mudando apenas a quantidade de presos por cada casa. Esta realidade, inclusive, se encaixa nos fragmentos

descritos neste estudo, da realidade dos presos de uma casa de pequeno porte da região norte do Estado do Rio Grande do Sul. São pessoas que ficam relegadas ao confinamento e anonimato social, lutando e tendo que criar bravamente estratégias de resistência para não sucumbir a despersonalização e perda de identidade, como pode-se visualizar nas seguintes falas:

“...hoje acordo com dia abençoado, procuro não levantar pela manhã quando acordo porque muitas pessoas acordam nervosas e neuróticas por falta da droga. Como todos sabem a cadeia é um lugar que você tem que ter psicológico e mente muito forte porque tem muitas pessoas que estão aqui nesse lugar por nada não pensam em nada, nem em suas famílias. Pensa é muita maldade, mas procuro ajudar essas pessoas, porque são pessoas como a gente e a demais procuro ficar na minha cama sossegado e dormindo. No fim da noite eu dobro meu joelho e agradeço a Deus por mais um dia, é isso. E mais um dia pago...” (PF).

“...me esbarro num início de dia em que a adversidade é grande, e as pessoas confundem muito as coisas aqui dentro, e por mais que se faça o possível a fazer o certo e ajudar ao próximo, mesmo assim, você na casa prisional, eu sempre sou apontado e no caso a inclinação que se passa é que deu um ataque (revista surpresa pelos agentes de segurança) na cela e o culpado é sempre o corredor (chaveiro), mas isso tudo é trabalho como qualquer outro...” (PA).

“...Segunda é dia de cansaço e muita discussão, quanto a gente menos se envolver com discussão e brigas, melhor, quanto menos falar melhor. A gente aprende ter muita sabedoria nesse lugar, aprendi muita coisa e vou levar pela experiência de vida da vida...” (PF).

“...PF espero que a cadeia não te mude, espero que tú não se perca, porque tu é um cara bom, talvez o melhor de nós, porque o que tu fez foi um acidente e a gente sabe o quanto tu sofre, ele merece muito uma oportunidade dona Rejane...” (PA).

No cotidiano da vida nas prisões, no momento em que os portões se fecham e os detentos veem-se rodeados de muros e grades, os seres humanos perdem sua identidade. Sentem-se excluídos do resto do mundo a partir desse momento, sendo atingidos por processo desumano, de forma a não terem mais direito sobre si mesmos, sendo manuseados da maneira como a instituição rege, levando-os a um processo de despersonalização (CERVINI, 1995).

Fato que podemos perceber nos relatos dos participantes é que, a partir do momento em que eles se veem dentro do sistema, surge uma confusão de sentimentos, tais como os referidos por PA, quando conta o quanto sofreu no início de sua pena, que seus sentimentos foram diversos, tais como, ódio, desejo de vingança e vontade de sucumbir a vida do crime. Principalmente porque estava preso em outra casa prisional, mais grande, onde sentia que os presos com delitos sexuais não eram vistos como “gente”. Refere que ficou sem referência, que não sabia mais quem era. Percepções similares também foram narradas por outros participantes:

“... E isso aqui agora, vocês ou estão saindo, ou tem pouco tempo de puxar, eu acabei de chegar, tenho muita cadeia pela frente, não tenho trabalho, tô jogado na cela, daí eu vejo que é como na guerra, tenho que lutar para vencer...” (PF).

“Um complexo de aprendizado nos traz a cadeia, posso afirmar, uma das melhores escolas de vida que um ser humano pode ter... o início é difícil, pois o desespero faz parte de nossos dias, não vimos saída, não há decisão, pois somos colocados em um calabouço em meio a uma sociedade a dentro, somos jogados no meio da boiada... sem muita saída, estamos logo se adaptando com o sistema e aprendendo a dançar conforme a música...” (PG).

Após o período de adaptação, os detentos parecem diminuir o “fardo” de estarem presos ao aceitarem a situação. Essa aceitação pode também ser percebida como um conformismo ou uma adaptação, porém, ambos fazem com que os detentos se adaptem melhor ao que estão vivenciando, e isso pode ser um fator que posteriormente os institucionalize, pois o que se percebe nas falas não é a aceitação buscando um processo de mudança, e sim uma forma de diminuir o impacto de estarem presos. O fato de estarem presos passa ter influência na subjetividade desses detentos desde os primeiros momentos, o que faz com que eles passem a criar “defesas” para que de alguma forma consigam manter sua saúde mental e física (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Observou-se nos relatos dos participantes, que essas “defesas” podem ser das mais variadas possíveis, mas que elas só começam a entrar em ação, a partir da aceitação do detento diante ao ambiente:

“...não gosto de acordar e ver as grades na minha frente; mas ao mesmo tempo gosto de enxergar que estou vivo e com saúde...” (PE).

“...mudei de vida, à maneira de ver a vida daqui de dentro. Pensamentos melhores, esperança, fé e acreditar que vai dar tudo certo...” (PE).

“...já estou acostumado com a justiça da cadeia dona Rejane...” (PC).

“...foi onde tive um contato real com Deus...” (PG).

“...poder pegar o gesto mais simples e dar importância que nunca foi dado. Pois aqui um estar com a família tem hora marcada...” (PA).

Segundo Goffman (2001), a adaptação pode representar vários sentidos para esses sujeitos, sendo que podem rumar ou para a conversão absoluta do sujeito, que passa a se identificar com os objetivos institucionais; ou uma recusa intransigente de tudo o que a instituição obriga e oferece; ou ainda, para uma acomodação passiva e utilitária, que visa o aproveitamento máximo de benefícios possíveis no ambiente interno.

Os participantes não falam diretamente sobre as mudanças que ao longo do tempo percebem ocorrer, mas em seus relatos deixam claro que, ao estar em uma instituição, é necessário fazer o máximo para “se manter”. Nesse momento podem passar a ser a instituição, por não existir outra opção, como é possível de observar nos relatos dos participantes:

“...pois o que você se torna para si, ou se torna para a convivência com os outros neste meio, pois talvez isso determine tua própria vida...” (PA).

“...Logo que eu cheguei, fiquei mais de canto e sou mais quieto, de observar, daí fui ganhando meu espaço, meu respeito. As vezes quando eu não acho uma coisa certa, eu até consigo dizer, olha só gurizada acho que não é bem assim, hoje às vezes até consigo colocar meu ponto de vista, mas isso não quer dizer que a gente vai conseguir impedir as opressões...” (PF).

Compreender o sentido que o indivíduo atribui ao aprisionamento e a possibilidade de avaliar seus valores pessoais a partir de uma vivência de isolamento também fazem parte do processo de subjetividade, pois mesmo no contexto de separação entre homem-sociedade, há uma troca: o indivíduo transforma o meio e é transformado por ele (DELEUZE, 1953). E este “jogo de forças” mostrou-se presente em todos os momentos do percurso do cumprimento da pena de todos os participantes:

“Convivência, outra coisa que aprendi muito aqui, com pessoas que são totalmente diferentes das outras pessoas. Me pergunto, porque diferente? Diferente no modo de pensar, conviver com pessoas. Vejo muita desigualdade nesse lugar, muitas pessoas que pisam nas outras, nos mais humildes. Coisas que não consigo aceitar, por sermos todos iguais no dia a dia e no conviver aqui. Eu procuro ajudar essas pessoas, procuro falar e debater...” (PF).

“‘PF, senti em ti uma confiança e quero falar e quero que você me ajuda’. Eu perguntei a ele: ‘diga no que posso te ajudar’. Ele me disse: ‘PF, quero parar de fumar, quero parar com meus vícios, tem pessoas que me humilham de mais, porque sou viciado’. Eu falei: ‘vou te ajudar do meu jeito, que eu posso. Quando você se sentir com vontade de fumar, ou alguém insistir para você fumar, venha em mim, conversar comigo’...” (PF).

“...um sentimento que aprendi a ter é não desejar o mal a ninguém, pois nem meu pior inimigo merece passar um minuto aqui e quando olho que de outras cadeias pra essa, é considerável bom estar aqui, e com isso hoje um foi embalado (transferido sem consentimento) como se fala, foi para outra cadeia e com isso pensei em seus familiares, pois não é só nós que estamos aqui, que sofremos, mas também a família e a distância se torna bem pior. Sinto muito por tudo isso...” (PA).

Mameluque (2006), em seu artigo nomeado como “A subjetividade do encarcerado, um desafio para a Psicologia”, alude que os aprisionados atribuem à prisão uma espécie de hospital onde há os que carecem de tratamento. Em seu trabalho, o falar sobre si, um dos participantes faz uma breve reflexão do período que passou na prisão, revela tristeza ao dizer

que o tempo aprisionado corresponde a um acúmulo de perdas e faz questão em mostrar os efeitos no corpo. Neste estudo, também foi possível verificar as perdas inerentes ao aprisionamento:

“O meu eu, sempre fui um trabalhador [...], tentei ser um bom pai, um bom esposo, não sei se consegui. Hoje tô preso, sem poder ver, conversar com minha família...” (PE).

“...decepções, a distância de estar com meus filhos...” (PG);

“...não poder ser quem se é, pois a tudo se é cobrado, mesmo sem eles saber a realidade de que somente eu vivi...” (PA);

“...perdi tudo que tinha, mãe, esposa, filhas(o) e perdi minha liberdade...” (PE).

O processo de aprisionamento e as marcas que constituem o indivíduo retratam a forma como o mesmo é visto pelos demais encarcerados. Oakes (2006), em seu Trabalho de Conclusão de Curso, evidenciou nas falas dos participantes de sua pesquisa sentimento de culpa por não ter evitado o crime e ao mesmo tempo, a necessidade de incorporar-se às regras do grupo, para que haja aceitação e identificação social. Por diversas vezes, tanto nas falas, ou pelas escritas dos participantes deste estudo, também foi possível observar o quanto os detentos precisam se esforçar, e muitas vezes, “esquecerem de quem são”, para poderem ser aceitos e inclusos na massa carcerária:

“...não é por mim, como lhe disse na semana passada, eu também errei, e meu erro não tem volta, mas assim, a gente é cobrado aqui por tudo o que a gente faz, e se eu dividir o mesmo espaço que ele com certeza vou ser cobrado na cela, então se ele for eu não vou poder ir. Não é por mim, espero que a senhora entenda. Mas aqui nem sempre a gente decide por nossa vontade” ... (PF).

No ambiente prisional, as normas impostas devem ser mantidas por todos, mesmo que muitas vezes estejam acima dos valores pessoais carregados ao longo dos anos. Tais normas internas são as que “garantem” o convívio regular entre os indivíduos e evitam ameaças e situações de violência são observadas (OAKES, 2006). Os participantes denotam que “aqueles” que possuem um poder maior, são mais privilegiados do que os outros no que se refere a benefícios exclusivos e melhor tratamento:

“...sempre tem, mas todos ficam quietos, porque na cela, não é porque a maioria pensa de um jeito que vence, as coisas não funcionam bem assim, na verdade, vence quem tem mais poder, a cela vai funcionar conforme as regras de quem manda, é assim...” (PF).

“...Primeiro vem os artigos (os crimes cometidos) que é o que manda muito no meio, depois a diferença em ser ou não ser viciados e com isso as situações financeiras e com elas mesmo se

tendo um artigo ruim, como se fala aqui, se pode pagar para ficar vivo...” (PA).

“...a gente então que está aqui por um artigo ruim (delito de ordem sexual), a palavra da gente vale menos ainda...” (PE).

Do ponto de vista coletivo, os presos reproduzem o que sofrem passivamente, pois também se vigiam e se controlam entre si. Nesse exercício de poder, exercem a opressão e a exploração uns sobre os outros e podem usar a violência, principalmente com os que desrespeitam os códigos de convivência (SCHAEFER; FARIAS; PINTO, 2013), sendo que isto foi constatado no presente estudo, como pode ser visualizado nas seguintes falas:

“...A gente vive reclamando que não recebe ajuda, que somos jogados aqui e esquecidos, que a sociedade nos exclui, nos julga sem nos conhecer, e o que nós fizemos com o PC? Fizemos a mesma coisa. Reproduzimos o mesmo discurso que repudiamos. A Dona Rejane conseguiu hoje com os guardas uma coisa inédita, ela conseguiu dar a palavra para nós, ela nos deu o poder da decisão [...] e ela deu o poder da palavra para nós que nunca somos escutados. Ela conversou com todos nós, um a um e o que a gente fez? Excluímos. Não demos a chance para que o PC pudesse vir aqui e se explicasse.

“...sim dona Rejane, aqui isso é uma das coisas que mais me faz sofrer, eu até que não sou oprimido, mas nossa, quem usa drogas, é muito horrível, eles sofrem demais, sempre tem aquele que manda na cela, ou porque está a mais tempo e já adquiriu um poder, ou às vezes porque ele é grandão no crime, então nossa, a gente vê de tudo aqui, e isso é o mais insuportável, eu não gosto, quando começa alguma coisa eu já me fecho na minha jega (cama), porque não posso fazer nada, então não quero nem ver...” (PF).

Losicer (2009) alude que o exercício de poder, por exemplo, ao mesmo tempo que pode ser usado como instrumento de opressão, pode representar um modo de pensar autônomo e criativo de resistência aos efeitos da prisão e ao poder superior do sistema prisional. Na convivência forçada entre eles, em que se convive com as pessoas muito mais do que na vida livre, criam internamente língua, códigos, leis, como se fosse um Estado. São os “códigos simbólicos de convivência”, que dominam as relações intersubjetivas na prisão, como em todas as instituições em que há um “isolamento social coletivo”.

Neste sentido, Conforme Ramalho (2002), a relativa tranquilidade na prisão depende fundamentalmente da disposição dos presos em submeterem-se e cooperar espontaneamente com os regulamentos de disciplina e segurança. No entanto, como observa o mesmo autor, não há cooperação sem negociação.

Os relatos dos participantes falam sobre a necessidade de compartilhar, respeitar e ressaltam também as consequências de cada atitude para manter um bom convívio com os demais, o que podemos relacionar com as bibliografias acima:

“...aqui dona Rejane, muitas vezes o melhor a fazer é ficar de canto, cada um por si e Deus por todos...” (PF).

“...Mas no acordar não é fácil conversar com um e com outro, é muita neurose. Mas a gente tem que aprender a conviver com as pessoas porque isso é de momento, até acordarem...” (PF).

Pautados no pensamento de Foucault, Schaefer; Farias; Pinto (2013) demonstram em seu artigo “O ato de pensar e a construção da memória na prisão: estratégias criativas de resistência”, que indivíduos e coletivos podem se relacionar, singularmente, com as regras que são estabelecidas pelo poder, constituindo processos de criação de si que escapam ao que foi estabelecido, resistindo à produção de subjetividade dos códigos e dos poderes. Porém, ao invés de opor uma força à força do inimigo, a fim de enfrentá-lo, dobra-se a própria força que assujeita.

Muitos dos direitos básicos dessas pessoas são deixados de lado a partir do momento que entram no sistema prisional, a liberdade consecutivamente é a mais afetada. Quando o detento consegue escolher fazer parte de um determinado grupo, ele volta a usufruir de toda sua subjetividade e do seu poder de escolha, tem de volta sua “liberdade” para relacionar-se com quem quiser. As escolhas e essas relações podem dar um contínuo movimento na rotina dos detentos, em que vão modificando os demais e sendo modificados por eles. Talvez, esse seja um dos únicos comportamentos que o sistema não pode se fazer presente e obrigar ao detento seguir determinadas regras (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Ainda seguindo esta linha de pensamento, os autores supracitados referem que o impacto que o encarceramento tem na subjetividade de cada um, parece diminuir quando esses ainda pertencem a um grupo do qual escolheram pertencer. As regras e a instituição pela primeira vez não conseguem interferir nas escolhas desses detentos. As relações de “parceria” e companheirismo podem fazer com que os detentos ainda possam sentir-se donos do seu próprio eu, assim como podem se sentir seguros e acolhidos, o que acaba facilitando sua rotina na instituição, como pode-se verificar nos relatos que seguem:

“...tem aqueles que a gente divide um verde (chimarrão) e pode conversar coisas boas, contar sobre como era a vida lá fora, o que a gente imagina que vai ser quando sair daqui”(PF).

“...eu escolhi esta imagem e não foi só porque eu gosto bastante de futebol e aqui na cadeia um dos dias mais felizes é quando eu jogo futebol...” (PE).

“...Nas quintas acordo cedo, espero as pessoas fazerem sua higiene e depois vou a ducha e vou fazer a bita (comida), pratos que temos na cela. Procuro um ou outro pra me ajudar

organizar e cortar os temperos e assim quando termino, sirvo a todos. É bom a gente passa o dia que a gente nem vê, não pensa besteira nenhuma, procurar sempre fazer pra me distrair, porque vem muita tristeza e angústia no pensamento...” (PF)

No trabalho de Oakes (2006), outro elemento evidenciado que se iguala aos sentimentos dos presos que participaram deste estudo, foi que a falta de liberdade e o fato de estar na prisão foram citados como um dos principais aspectos que afetam na subjetividade dos mesmos, como podemos visualizar nestes relatos:

“... hoje inicia outra semana, acabou esse dia, tudo correu bem e eu em paz, com isso é menos um dia e as horas de minha remição (a cada três dias trabalhado, reduz um dia de pena), pois assim, desde o início luto para esse tempo ser o menor possível, pois pra mim a luta é constante na verdade...” (PA).

“...porque me traz lembranças da minha vida lá da rua, da minha comunidade, de quem eu era antes de estar preso e pra onde eu vou voltar quando sair em liberdade...” (PD).

“...um sonho a realizar é a liberdade...” (PA).

Conforme Schaefer; Farias; Pinto (2013) a pena é um dispositivo montado com o objetivo de atormentar, de causar dor a um indivíduo. Considerando que todos se ressentem da privação da liberdade, a qual é medida pela duração e sendo a prisão uma “máquina de subtrair o tempo”, os autores a considerariam o castigo dos tempos modernos.

A monotonia cotidiana também pode influenciar isso, como foi relatado pelos detentos; eles usam de todas as alternativas que podem para fazer coisas diferentes, mas tudo é muito limitado, então o que é diferente por alguns dias, após algum tempo passa a ser monótono novamente:

“...PA Disse que para ‘não enlouquecer’ e esquecer de si mesmo, percebeu que precisava ocupar seu tempo...”.

“Não tenho muito o que falar. O que a vida me ensinou, mas também tenho muito mais o que aprender ainda. O dia aqui é sempre o mesmo, dias bons e dias ruins...” (PF).

“...todos somos e fomos penalizados pelo tempo, pois não importa o artigo ou o fato decorrido para se vir parar aqui, pois estamos todos no mesmo lugar e não muda anda...” (PA).

Outros relatos dão conta da necessidade de interação social no dia-a-dia da prisão, estar em um espaço enclausurado permite a aproximação dos indivíduos, no entanto um dos entrevistados revela que é importante manter a cautela em relação a comunicação com os demais:

“...Como hoje é sexta, tem jogo, todos acordam falando e brincando como falei, as vezes até eu brinco, mas não muito porque tem pessoas que não dá pra dar muita confiança. Mas vamos lá assistir a seleção. Depois de uma decepção da seleção, muitos brabos, não dá pra debater muito e fico na minha, só acordo pra fazer minha oração...” (PF)

Esta insegurança é comum quando se tem um grande grupo com os mesmos propósitos, todavia exige uma elaboração no curso das ideias que nem sempre vai seguir a mesma dinâmica, apontado por Lane (2004) também como “níveis de conscientização”.

A partir do discurso de alguns dos participantes, considera-se o trabalho como sendo um produto de interação e transformação entre o homem e o seu meio social, corroborando para o significado e o movimento da identidade, bem como, o senso de pertencimento a um grupo social:

“...Então, como sou chaveiro, tenho me dedicado a conhecer preso por preso, e esses que estão aqui, eu acredito que eles têm muito potencial, por isso convidei. Alguns estão mais preparados, outros precisam se descobrir mais, mas doutora, eu vejo que todos nós poderíamos melhorar se alguém estendesse a mão...” (PA).

“...PA refere ter sido ‘enxergado como gente’, quando foi encaminhado para atividade laboral (chaveiro) e assim, pode mais do que ir recuperando sua identidade, foi descobrindo coisas a respeito de si, que antes não sabia...”

Para além das atividades laborais, Oakes (2006) ressalta que quando oferecidos, cursos e oficinas despertam interesse, pois além da remição de pena e ajuste do tempo de progressão, tais atividades proporcionam abertura de conhecimento. Além de estimular a criatividade e individualidade, o processo de interação e aprendizado é único, pois através de suas mãos, o apenado consegue expressar sua subjetividade e consegue enxergar a sua potencialidade, devolvendo minimamente a sua autonomia e esperança de um futuro melhor. O mesmo interesse foi perceptível neste estudo, no que se refere a participação dos presos, no grupo-dispositivo:

“...doutora, estou apavorado de como passa rápido, eu saio daqui tão bem, tão leve, não vejo a semana passar. Ontem eu pensei, nossa, hoje já é segunda-feira e amanhã tem grupo, que impressionante...” (PG).

“...bom dia dona Rejane, tudo bem com a Senhora? Sabe, já estou um pouco sentido em saber que os encontros estão chegando ao fim, porque hoje mesmo eu estava lá meio triste na cela, daí chego aqui e já fico feliz...” (PG).

Segundo Oakes (2006), devido a grande quantidade de presos, muitas vezes a grade de cursos e projetos artísticos não comportam grande parte destes, cabe a discussão sobre a

estrutura atual nos presídios, bem como a mão de obra que possibilite maior orientação e encaminhamento dos indivíduos privados de liberdade a atividade, seja manual, musical ou artística. Cabe ressaltar que a atividade desenvolvida pode levar o apenado a uma situação de tranquilidade e satisfação frente ao trabalho produzido, principalmente quando tratar-se de renda.

O envolvimento nas atividades promovidas também foi citado pelos participantes como estratégias eficazes de enfrentamento. Nota-se uma busca incessante por fazer algo, sentir-se útil e participante no processo de criação. Além dos efeitos na subjetividade supracitados, ações educativas como curso, treinamentos, programas de artesanato e música servem também como uma maneira de fugir da ociosidade:

“...parei para pensar e por no pensamento o que conversamos no grupo, pois é uma oportunidade em que estamos tendo, que talvez jamais teríamos se não fosse essa pessoa que pensa como ser humano e se põem no lugar do outro e deixa o julgamento de lado...” (PA).

Corroborando com este pensamento, Schaefer; Farias; Pinto (2013) mencionam que provocado pela violência do confinamento, o ato de pensar irrompe também individualmente, seja de modo espontâneo, na relação com o outro, no confronto com a diferença, na solidão ou através da leitura, da participação em grupos de debate, da escuta analítica do psicólogo (psicanalista) e da religião. Pode ser uma ideia, um plano, um projeto, uma escrita, uma descoberta, a consciência de si, um encontro consigo mesmo, o reencontro com um eu esquecido. Deste modo, o grupo-dispositivo mostrou ser um importante instrumento de resistência, frente ao assujeitamento provocado pelo cárcere.

O sujeito não se dilui no outro nem se perde no social, mas adquire singularidade justamente na relação com o outro, em relação ao outro, sendo esse outro uma complexidade que se apresenta e se representa de diferentes modos. Assim, ser reconhecido pelo outro é ser constituído em sujeito pelo outro, na medida em que o outro reconhece o sujeito como diferente e o sujeito reconhece o outro como diferente. A subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu ser reconhecido pelo outro (FRANDALOSO; OLIVEIRA, 2014), processo esse que foi estimulado nos encontros do grupo-dispositivo:

“...E tem outra, eu sei que aqui somos cobrados, eu também fui julgado por um delito ruim, e estou aqui do lado de vocês. Eu conquistei o meu respeito justamente porque alguém acreditou em mim e me deu uma oportunidade. Se a gente continuar dizendo por que aqui é assim que funciona e a gente não fazer nada, a gente vai se tornando igual...” (PA).

“O encontro que temos em grupo toda terça-feira com a doutora Rejane é maravilhoso, além de trocas de experiências, podemos de alguma maneira desabafar e aprender um com o outro...” (PG).

“...O que eu achei do grupo, achei legal, uma distração pra mim e que ta me ensinando muitas coisas e só me fortalece cada vez mais. Bom debater minhas angústias, minhas aflições da vida com pessoas que possam me entender e talvez me ajudar cada vez mais...” (PF).

De acordo com as análises feitas por Schaefer; Farias; Pinto (2013) a prisão tem a missão de controlar ou destruir a potência do pensar, de calar a palavra. A queixa de não ser escutado é comum entre os presos, sua palavra é desacreditada pelos administradores, deixa de ser sujeito de sua fala. A escuta e acolhimento do psicólogo, sem julgamento, de acordo com sua ética profissional de inclusão e não de exclusão, de ouvir e respeitar as diferenças e não segregar, e a intervenção do psicanalista, que trabalha com a escuta do “não dito”, podem permitir ao preso que expresse seus sentimentos e sua individualidade, que de algum modo, foi afetado na sua subjetividade, justamente pela interdição de sua palavra. A luz dos relatos dos participantes, foi possível perceber que o grupo-dispositivo demonstrou ser um espaço de empoderamento, que autoriza o pronunciamento da palavra (subjetividade) de cada participante:

“...é que a gente prefere fazer as atividades que falam sobre a gente, como foram as outras...” (PG).

“...é que as coisas da gente a gente pode mudar, de como é o ritmo aqui na cadeia, não...” (PF).

Segundo Deleuze (1998) assumir toda a potência do pensamento significa produzir algo novo onde se busca a igualdade e a semelhança, rompendo assim com os valores preestabelecidos. Para este teórico, pensar é criar, engendrar. A intensidade constitui o limite próprio da sensibilidade, é o que faz sentir, despertando a memória e provocando o pensamento. O ato de pensar é fruto de uma violência, de um encontro com alguma coisa que força a pensar, que “dá a pensar”. Só nessas condições, buscamos a verdade, ou seja, um sentido; é sob o efeito da violência de um signo que se busca seu sentido.

Quando a vivência atual, no cárcere e na relação com o outro – a situação de confinamento, o jogo de forças envolvidas no estar preso – produz o ato de pensar que põe em questão o sentido dessa experiência, para além do ato cometido, o sujeito preso ressignifica o passado, reflete sobre seu futuro e projeta a vida que quer viver. Nesse momento, o sujeito confronta seus valores e hábitos com a possibilidade de se reinventar. A criação de novas

formas de pensar e existir pode constituir a memória, fazendo com que a experiência singular da prisão seja vivida como um encontro consigo mesmo, ou mais ainda, seja vivida como “a força consigo”, uma abertura para outros caminhos possíveis (GONDAR, 2005).

Seguindo a mesma linha de pensamento, a autora supracitada refere que ao dobrar a força sobre si mesma, gestamos uma memória para além da que é gestada em nós, uma memória do futuro, pois que é possibilidade de criação. A memória se articula com o que “nos afeta, que nos surpreende, que nos permite apostar em um outro campo de possíveis”. E o que nos afeta, o que nos impressiona ou nos marca, pode ser um encontro, uma palavra, uma experiência singular. Assim como o ato de pensar, a memória se torna uma estratégia autônoma de resistência criadora de práticas e de outros modos de existência, podendo constituir-se como uma aposta no porvir, como pode-se observar:

“...é bom doutora, aqui a gente nunca faz esse tipo de coisa, parar para pensar. Daí a gente conseguiu enxergar a vida toda, não apenas esse momento que estamos vivendo, é muito bom...” (PA).

Conforme Gondar (2005, p.24), “Foucault chama de memória às práticas ou processos de criação de si que rompem com os modos de subjetivação predominantes em um campo social”. Foucault investe sobre o que se singulariza, se diferencia, o que resiste aos hábitos e às coerções sociais. A autora ainda complementa que, para ele, construção de subjetividade e construção de memória são sinônimos, o que significa que memória e poder estão em relação, não podem ser separados. A memória pode ser um instrumento de poder, o qual está presente em todas as relações:

“...Aprendi que o desabafo, seja escrever ou falar, faz muito bem ao coração...” (PG).

Outra importante força de resistência muito mencionada pelos participantes deste estudo foi os vínculos familiares. Oakes (2006) em sua pesquisa intitulada como “Heranças de um delito: compreendendo os impactos do aprisionamento na subjetividade de indivíduos privados de liberdade”, também observou que os participantes de seu estudo citaram a família como principal estrutura antes do crime, bem como, durante o curso do cumprimento da pena. Sabe-se que o processo de identidade perpassa os laços familiares, confirmando a conceito de Lane (2004) sobre a importância da interação familiar na constituição do sujeito e a significação que este atribui aos membros, sendo essa rede de contatos fundamental para a sua sobrevivência, conforme podemos observar na escrita de um dos participantes:

“...Dia de visita onde o dia está lindo, o sol brilha e o frio se faz e com isso e possível se ter a

possibilidade do dia ser grandioso, vou ter a companhia de minha esposa que é um ser incrível e que me dá muita força e todo esse tempo tem sido muito forte em encarar essa vida ao meu lado, pois sabemos que tudo é superação, até mesmo uma simples visita, tem fatos constrangedor, como a revista íntima, para poder estarmos juntos e isso só é possível a quem se ama, pois ninguém passaria isso tudo para estar com alguém se não por amor. Obrigado” (PA).

“...Mas aqui a gente é sozinho, é muito fácil se perder. Tem a família e é por eles que a gente sobrevive...” (PA).

Do mesmo modo, esta identificação que os participantes ainda preservam de seu meio cultural e social, anterior ao cárcere, reflete em uma cadeia de relações que possuem uma cultura própria e formas de proceder contempla o indivíduo que responde e é ativo, contribuindo no estabelecimento de vínculos saudáveis, mesmo depois de seu encarceramento (OAKES, 2006).

O apoio da família, a manutenção do contato e dos vínculos foi considerado por todos os participantes como uma espécie de ponte, que intermedia o sujeito e a sociedade. A partir das falas e escritas, evidenciou-se que a família exerce a função de base e sempre que citada, foi referida com respeito e afeto. O acolhimento da família promove o apoio e segurança ao interno frente ao olhar de exclusão da sociedade, quando realizado corretamente, contribui para o senso de responsabilidade e desenvolvimento da autonomia, pois auxilia esse sujeito e caminha junto a ele a um processo de ressignificação da vida (OAKES, 2006). Um dos entrevistados esboça satisfação em saber que mesmo frente ao cometimento do delito, existe alguém que ainda acredita e o sustenta emocionalmente:

“...um dia lindo em que posso ter a possibilidade de que os dias se passam e eu posso ter nos olhos de quem me olha a grandeza do amanhã, pois só assim pude poder ser forte e me por na confiança de que tudo que se tinha no papel não era e não seria minha verdadeira realidade e tudo isso devo a você, pois foi com o teu amor, que você teve esperança em mim e ver que tudo era possível e que você podia ver em mim a verdade que meu coração representava...” (PA).

A família desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, em seu espaço são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. É a família que propicia ou deveria propiciar os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes (FRANDOLOSO; OLIVEIRA, 2014).

Todos os participantes expressaram uma necessidade de falar sobre suas famílias e esse assunto aparentou gerar sentimentos de esperança, tristeza e nostalgia. Os detentos

ressaltam em suas falas e escritas a importância que a família possuiu e a preocupação que eles sentem por não estarem presentes no cotidiano de seus familiares:

“...Agradeço a Deus por minha abençoada filha todos os dias. Hoje acordei muito pensativo, sentindo muita falta da minha filha, dos meus sobrinhos e da família” (PF).

Franceloso e Oliveira, em seu artigo intitulado como “o impacto das vivências no sistema prisional sobre a subjetividade dos detentos”, aludem que aparentemente, a família passa ter uma significação maior no período de encarceramento, talvez por ser a mais frequente relação com o outro lado dos muros, muitas vezes sendo única ainda permanente. Assim, a família pode ser vista como um elo entre a realidade no sistema prisional e o mundo exterior. Esses encontros podem proporcionar aos detentos um sentimento de ainda pertencer à sociedade. Também pode lhes mostrar que ainda são importantes e amados por seus familiares. É uma união que pode ajudar tanto aos familiares quanto ao detento a passar por essa fase. Referente às relações entre família e detento, Bastos (1997) afirma que os familiares se tornam uma ponte com o mundo externo, uma ligação delicada em função da distância e frágil em função do não envolvimento direto com as questões cotidianas, sendo que isso foi constatado neste estudo, como pode-se observar na escrita de um dos participantes:

“...É assim nos domingos e quartas. É complicado, vejo muitos abençoados por seus familiares e muitos ficam olhando com uma esperança de sua mãe ou pai, ou filhos. É triste pra uns e felicidade pra outros. Muitas vezes passei por isso e passo. Tinha um a vida boa, família abençoada, até acontecer uma grande tragédia em minha família. No começo tive apoio da minha família, no decorrer do tempo pessoas que amava e amo se afastaram de mim, que todas as quartas e domingo estavam comigo aqui. Hoje fico assim na espera da minha família, como muitos. Mas tenho fé, isso que importa...” (PF).

Wolf (2005) acredita que a família aparece como um elemento significativo no processo de penalização e de execução penal. Repercute no cumprimento da pena, pois sua presença representa a manutenção de vínculos sociais e é um recurso frente às limitações materiais, administrativas e jurídicas existentes na prisão. A aproximação familiar promove a criação de uma estrutura de acolhimento com uma atmosfera diferente, geralmente não existente no universo prisional e que seja suscetível à realização de atividades comuns, bem como o contato afetivo apropriado.

Percebeu-se também que a religião é uma das estratégias mais utilizadas para lidar com vivência no isolamento. A esperança em relação ao futuro é colocada na crença em Deus e as práticas religiosas fortalecem essa dependência, minimizando o sofrimento e gerando uma sensação de segurança, que por mais dificuldades que possam vivenciando, sempre

encontrarão forças para suportar:

“... No fim da noite eu dobro meu joelho e agradeço a Deus por mais um dia, é isso. E mais um dia pago” (PF)

“Manhã de bênção, manhã de sábado. Dia que as pessoas procuram orar e buscar Deus. Nos sábados de manhã cantamos louvores e de tarde tem o culto que reúne várias pessoas de todas as celas” (PF)

Conforme Oakes (2006), é notória a religião como um agente que leva o indivíduo a reflexão e arrependimento, constituindo-se como um recurso de enfrentamento, auxiliando no controle dos desejos considerados maléficis ou sobre a mente ociosa.

Uma das formas encontradas pelos participantes de lidar com a rotina e o sofrimento causado pelas vicissitudes do cárcere é o apego a rituais que estimulem a religiosidade, todos relaram a participação em cultos promovidos pela casa prisional, leitura da bíblia e de livros religiosos, bem como a prática da oração:

“...eu creio, eu leio a bíblia sozinho na minha jega (cama), eu sei que tem alguém que sabe o que se passa no meu coração, ele sabe de tudo o que eu sinto, do meu sofrimento, e Deus faz com que eu não me perca de mim mesmo” (PE).

Para Schaefer; Farias; Pinto (2013) a prisão é a casa dos habitantes involuntários, reticentes ou constrangidos, uma máquina óptica universal das concentrações humanas, uma máquina de produzir uma imitação de Deus, onde há um controle totalitário e o mundo é dominado. Trata-se de transformar e dominar o homem, que se vê constrangido a renunciar à iniciativa e torna-se instrumentalizável, depositando em Deus, toda a sua sorte.

Outra importante estratégia de resistência relatada pelos participantes, é a importância da manutenção de seu nome próprio, não sendo reconhecidos por alcunhas, apelidos, bem como, pelo código dos artigos dos crimes que cometeram, como por exemplo, quando citam um preso que é reconhecido pela alcunha:

“...daí tem um aqui que é o facada, imagina, ele se reconhece como facada, eu nem sei o nome dele, mas facada diz muita coisa, tipo, fico pensando, ele é de briga, de confusão, mas a gente não sabe quem ele é de verdade. Acho que ele já se perdeu também...” (PD).

Segundo Goffman (2001) o ingresso numa instituição total impõe uma série de desvios na “carreira moral” do indivíduo, que são experimentados como degradantes, e constituem “modificações no eu”. Por “carreira moral”, o autor entende como o processo geral de socialização, que se desenvolve na constante interação do indivíduo no interior de diferentes grupos sociais. Já as “modificações do eu” são entendidas como mutilações que são impostas

a uma identidade previamente constituída.

A primeira mutilação do eu que uma instituição total impõe é a própria barreira que separa o interno do mundo externo, impossibilitando que os indivíduos se mantenham atualizados sobre o que acontece na sociedade em geral, operando uma espécie de “desculturação” e “destreinamento” para a vida em liberdade. A segunda mutilação é a perda do nome, e a sua substituição por um número ou apelido, geralmente percebido como humilhantes. A perda absoluta de espaços de intimidade, a submissão a procedimentos humilhantes, a perda de controle sobre as atividades são outras mutilações destacadas. (GOFFMAN, 1998).

Mameluke (2006) assinala, que o processo de identidade e subjetividade do indivíduo está também na sua capacidade de criar e transformar o seu meio, para que isso ocorra é necessário compreender que o homem possui sentimentos e desejos muito particulares, para que se sinta realizado e possibilite influenciar positivamente o seu espaço, necessita haver uma manutenção desses desejos, pela própria capacidade de imaginar e sonhar com o futuro.

Nesse sentido, observou-se que a maioria dos participantes demonstram resistência ao processo de mortificação do eu, advindo da prisão, tendo em vista a conservação da capacidade de planejamento de suas vidas após a prisão. A categoria “família” esteve presente na maioria dos relatos, os detentos desejam estar mais próximos e usufruir de momentos tranquilos junto ao núcleo já constituído:

“...o sonho que quero conquistar é estar presente com minha família” (PF)

“...estabilizar emocionalmente, espiritualmente e junto disso financeiramente para prover minha família” (PA).

Além do convívio com a família, poder desenvolver uma atividade laboral e a possibilidade de realização pessoal também foram citados por alguns participantes como aspectos relevantes de seus desejos, posteriormente suas passagens no contexto prisional:

“...desejo estar em casa com minha família e um emprego, pois só assim terei dignidade...” (PA).

Observou-se que um participante compartilha sobre seu sonho antes da prisão, e revela que o ambiente prisional não influencia os seus projetos de vida:

“...eu sempre fui um sonhador, e mesmo aqui nesse lugar, eu sonho, porque não quero deixar minha mente presa. Aqui os pensamentos são ruins, as pessoas querem te colocar pra baixo, como se tudo estivesse perdido, mas eu sonho, que é pra esquecer um pouco que estou

aqui...” (PG)

“...objetivo estar ajudando muitas pessoas e estudando psicologia que é minha paixão”. (PG)

Nem sempre o planejamento do futuro está presente ou é facilmente elaborado, pois de acordo com Oakes (2006) este aspecto está intrinsecamente ligado sobre o as experiências do indivíduo fora da prisão e a vivência no ambiente prisional, bem como, sua estrutura familiar e socioeconômica. Um dos participantes denota preocupação e incerteza em relação ao futuro:

“...eu não consigo sonhar, não consigo fazer qualquer tipo de plano desde que estou aqui. Isso aqui doutora muda nosso jeito de olhar a vida, eu mesmo estou aqui sozinho, abandonado a muitos anos. Então não sei o que vai acontecer comigo. Não sei como vou me organizar na vida lá fora. Eu coloco nas mãos de Deus e o futuro a ele pertence”. (PE)

Fonseca (2006) corrobora, dizendo que mesmo sob um sistema de regime semiaberto, existe entre os indivíduos privados o sentimento de impotência pela necessidade de tão somente submeter-se ao sistema, que controla todos os seus poucos passos, além da angústia de não saber como será do lado de fora, pois tem as preocupações de como será a vida fora do ambiente prisional. Neste estudo, com exceção de um participante, todos relataram sentir “incerteza com relação ao futuro, pois sabem das dificuldades da vida, como eles mesmo dizem “lá fora”. Imaginam que precisarão enfrentar preconceitos e pouca oferta de oportunidades de trabalho, o que dificultará a reinserção social e conseqüentemente, uma trajetória longe de práticas ilícitas.

Enquanto processo mutável, cabe observar como as influências externas contribuem para a introjeção e crença de características tão particulares e que tomam proporções generalizadas. Alguns participantes refletiram no espaço do grupo-dispositivo, bem como, em seus cadernos/diários a imagem negativa que eles acreditam que a sociedade confere a quem cometeu qualquer delito e cumpre pena por este fato:

“...Muitas pessoas lá fora tratam nós como bandidos, bichos, sem serventia. Aqui nós somos humanos e iguais. Muitas vezes a justiça é injusta para muitas pessoas, mas creio que um dia isso muda e as pessoas também possam pensar e mudar pra melhor, esperemos todos esse dia...” (PF).

“mas dona Rejane, por exemplo, a senhora conta paras pessoas que a senhora fica sozinha, em uma sala dentro da cadeia, com quatro bandidos, como nos chamam aí fora, por uma hora e meia, assim, de boa, tranquila?...” (PA)

Visualiza-se uma similaridade aos achados de Oakes (2006) que ao perguntar aos entrevistados quais as características que eles acreditam que a sociedade atribui a quem está

preso, os rótulos mais utilizados pela sociedade são “monstros”, “bichos”, que “não tem mais jeito”, “criminosos” e “bandidos”. Devido a imagem de descrédito e medo por parte da população, alguns atribuem à essa imagem negativa a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Um participante deste estudo, quando projetou sua vida no futuro, também ressaltou que sabe que precisará conviver com o “preconceito da sociedade”, pois acredita que estará “marcado e rotulado pela sua passagem no cárcere.”

Oakes (2006) atribui aos veículos de comunicação, em partes, a responsabilidade destes rótulos, pois, conforme a estudiosa, o objetivo inicial de transmitir uma notícia dá cada vez mais lugar a fontes inesgotáveis de audiência da cultura de massa, através da venda de tragédias que na maioria das vezes, categoriza o sujeito como pobre e o cerca de estereótipos típicos da população marginalizada, desumanizando-o e o rotulando apenas como um ser depositário de toda “maldade”, incapaz de se relacionar e formar laços sociais positivos.

A sensação de inferioridade percebida no discurso dos participantes se une ao desejo de serem vistos pela sociedade como alguém digno de usufruir dos mesmos direitos dos outros cidadãos. Se a privação de liberdade se limitasse somente ao corpo, o preço pela individualidade violada e danos ao processo de subjetividade já seria consideravelmente grande. No entanto, Foucault (2008) considera que a prisão leva o indivíduo a uma profundidade de efeitos, todas as relações que dizem respeito à relação com o próprio corpo (alimentação, cuidados higiênicos, vida sexual, segurança) somam-se ao controle sobre o pensamento, no que se refere a ação, criação, postura crítica e tomada de decisão, são impedidos graças a uma relação constante de submissão e proibição de questionamentos. Deste modo, os questionamentos feitos pelos participantes a pesquisadora, sobre o modo como ela os vê, também pode ser percebida como importante estratégia de resistência, já que ela os reconhece como seres humanos em sua integralidade, e não apenas, com o delito cometido:

“...mas dona Rejane, por exemplo, a senhora conta paras pessoas que a senhora fica sozinha, em uma sala dentro da cadeia, com quatro bandidos, como nos chamam aí fora, por uma hora e meia, assim, de boa, tranquila”? Eu: “claro que eu falo”. PA: “seja sincera, o que eles dizem? O que tua família diz”...? (PA).

“...sério dona Rejane? Então somos importantes para a Senhora...” (PG).

Talvez, isso explica a dificuldade apresentada pela maioria dos participantes em falar sobre o crime, demonstrar que é capaz de cometer atos violentos e “indignos”, pode ser interpretado como um possível afastamento de pessoas que lhe são importantes, como por

exemplo, a pesquisadora. Oakes (2006) salienta que essa comparação deve ser analisada pela equipe de profissionais da unidade, sobretudo o psicólogo, para que seja trabalhada a forma como esse indivíduo será reinserido na sociedade e de lidar com a realidade. É importante que se leve em conta os efeitos do crime, que muitas vezes ocasionam em penalidades duras e desproporcionais às consequências que se enfrentará fora da prisão. Quando questionados sobre este aspecto, os participantes referem o seguinte:

“...não gosto de falar do meu erro que cometi...” (PE).

“...porque dói demais e a gente não pode apagar, não podemos voltar atrás...” (PF).

“...é que a senhora apontou que de nós quatro, três dissemos que não gostamos de falar sobre os nossos crimes. Daí fiquei pensando, e acho que as atividades que a senhora estava propondo eram bem legais, porque acho que a intenção era da gente poder se conhecer. Pensei que esse seria o primeiro passo, daí a gente se conhecendo, se entendendo, a gente vai conseguir entender nossos atos, nossas atitudes, até mesmo essas que a gente não gosta de falar, daí só então vamos conseguir nos responsabilizar sobre nossos atos, pra não repetir e assim estarmos livres de verdade...” (PA).

Ainda de acordo Oakes (2006), a visão de um crime como sendo injusto implica na comparação com outros delitos e penas impostas, trata-se de uma estratégia de resistência para garantir uma espécie de “dívida” do Estado para com ele, uma vez que a pena é considerada por ele inapropriada e diferente do real motivo que poderia caracterizar um delito, como o roubo, por exemplo.

No que diz respeito ao dispositivo caderno/diário, foi possível observar, que apesar dos participantes não quererem compartilhar de suas escritas nos encontros grupais, da ausência de privacidade nas celas e da curiosidade inicial gerada nos outros presos, este se mostrou uma importante ferramenta de resistência. Durante o decorrer dos encontros do grupo-dispositivo, chamou a atenção da pesquisadora, que apesar de “mudos”, os cadernos/diários estavam sempre presentes, o que de algum modo, demonstravam a força ativa diante da opressão do cárcere. Após análise dos mesmos, ficou visível que neles continham algo de precioso: “gritos mudos”. Palavras carregadas de sentimentos: dor, tristeza, afeto, amor, força, resistência; potência, tentativas de ressignificar a vida, palavras que mesmo oprimidas, teimaram em aparecer.

Câmara (2001) fez sua incursão pelos discursos prisionais numa casa de detenção no interior do estado da Bahia, observando e analisando as representações de vida dos prisioneiros por meio de um projeto que combinou leitura e escrita. Concluindo, que as escrituras dos internos mostram autores prisioneiros, em suas relações contratuais de

cumprimento de penas, escrevendo sobre si, buscando no prazer criativo o cuidado de si, o fazer escolhas para uma possível organização de suas vidas. Sendo que estes achados se aproximam principalmente aos cadernos de PF e PA, que conseguiram dialogar consigo mesmo a cerca de suas vidas e suas trajetórias pelo cárcere.

A potência de vida das palavras escritas no caderno/diário de um participante (PF) se mostrou bastante similar ao que foi encontrado no trabalho de Sá; Accioly; Aguiar (2015) intitulado como “Relatos de si em situação de condenação punitiva: a trajetória de Adão”, onde os autores analisaram que ao falar de sua escrita, Adão dedica versos aos livros e as palavras que, segundo ele, “doem e acalmam”. Ao falar sobre seu crime, o interno costuma chamá-lo de “erro” ou “tropeço” ocorrido, é uma mácula em sua trajetória de vida, quase um fato isolado, pois, como ele apresenta, o “ato meu, que eu cometi mas tem outros atos me esperando, atos de braveza, de trabalho, de justiça social, de humanidade” e se incomoda pelo fato de não saberem que ele não é apenas o Adão que cometeu o crime, mas o Adão “pai de família” e o Adão poeta que ele afirma ser pouco conhecido, escondido pelos muros altos da casa prisional.

A inconformidade de Adão, a sua luta para poder escrever seus poemas é uma prática de resistência às punições, que vão muito além do cumprimento da pena, impostas pelo presídio. Cotidianamente, ele desafia a ordem vigente, mesmo sendo um interno que a direção da unidade considera ter bom comportamento, dando vazão a sua sensibilidade através de seus poemas. O Adão-escritor se revolta contra o aprisionamento de seu corpo, fazendo um cotidiano de micro rebelião (SÁ; ACCIOLY; AGUIAR, 2015), resistências que parecem ser idênticas as palavras escritas por PF e PA em seus cadernos/diários. Pelo menos em seus cadernos, ousam falar sobre o que pensam e sentem. Em vários relatos, PF diz as inúmeras vezes que, conforme suas palavras: “fica de canto; fica quieto”, abstendo-se de se manifestar. Porém, diariamente, conseguia escrever sobre a vida cotidiana no cárcere, colocando suas reflexões e assim, mantendo sua singularidade diante da massificação institucional, muitas vezes necessária para a própria sobrevivência.

Durante a entrevista em profundidade, quando questionado sobre sua visão sobre a prisão, Adão admite uma postura resignada, diz que tem de passar por esse sofrimento, toma para si uma postura penitente e afirma ter adotado o “conformismo como lei”. Porém, em seus escritos, o interno se rebela contra o que o aprisiona, usa sua escrita como forma de resistir e criticar a realidade prisional em que vive. Pela escrita de si, ele se torna outro. Desenvolve uma perspectiva deslocada em relação ao seu corpo de prisioneiro. Quando escreve, Adão abandona, ainda que momentaneamente, sua condição de aprisionado e liberta sua

subjetividade através da escrita (SÁ; CCIOLY; AGUIAR, 2015).

Os achados dos pesquisadores acima citados, são condizentes também no que diz respeito a significação do crime cometido principalmente por um dos participantes (PF). Durante os encontros do grupo-dispositivo, a maioria dos presos demonstraram uma recusa em falar sobre seus delitos, sob a justificativa de “doer demais; causar sofrimento falar sobre o que não pode ser mudado”, acabavam por “negar-se” a falar sobre o fato que os “trouxeram para atrás das grades”. Porém, após PF escrever sobre suas vivências e sentimentos relacionados ao cotidiano do cárcere, o mesmo escreve: *“O que me trouxe até a esse lugar...”*, iniciando uma “viagem” sobre sua própria vida, desde sua infância até os detalhes o dia do acontecimento de seu crime, possibilitando assim, um protagonismo a respeito de sua história e sua subjetividade. Embora tenha sido de uma forma mais “tímida”, PA também ousa fazer pequenos questionamentos a respeito de seu crime, além de narrar sobre seu cotidiano na casa prisional, seus sentimentos e percepções.

Outro relevante estudo, apresentado por Stecanela e Kuiava (2012) que teve como objetivo analisar as representações que os jovens internos em conflito com a lei, situados na faixa etária dos 18 aos 21 anos, tinham sobre sua situação juvenil, considerando narrativas de si como material de reflexão, aludem que no exercício das escritas de si, os jovens participantes da pesquisa fazem produções discursivas que possibilitam: as percepções de si; a explicitação dos seus projetos de futuro; a evocação de memórias nas temporalidades remotas da infância e do período imediatamente anterior à reclusão, relacionando-as com as vivências do presente, o que também vão de encontro às escritas realizadas pelos participantes deste estudo.

No decorrer do mesmo, observou-se que dois participantes tiveram dificuldades relacionadas a produção das escritas em seus cadernos/diários. PG, conseguiu fazer algumas escritas, através de frases, sobre sentimentos referentes ao cárcere. O mesmo avaliou que a falta de privacidade na cela dificultou suas produções textuais. Mas partiu dele a ideia de apresentar o “amigo secreto” através de uma produção textual, referindo: *“...aprendi que o desabafo, seja escrever ou falar, faz muito bem ao coração”*.

Porém, um participante, PE relatou não conseguir escrever. Quando questionado sobre os motivos desta dificuldade, refere não ser oriundas do cárcere, mas sim, diz ser um “bloqueio pessoal”. Durante participação de uma tarefa do grupo-dispositivo, PE narra um fato marcante que ocorreu em sua infância, contando que sofreu violência física por seu pai e um colega de trabalho do mesmo, pelo fato dele ter escrito em “papéis importantes”, ou seja, foi duramente penalizado por estar “escrevendo”. Do mesmo modo, PE, foi o único

participante que não conseguiu fazer projeções a respeito de seu futuro, dizendo apenas: “*o futuro a Deus pertence*”, dizendo que não consegue “sonhar”.

Oakes (2006) aponta para uma relação entre o aniquilamento subjetivo e a impossibilidade de expressão pela palavra. Segundo ele, a psicanálise aposta na produção de uma escrita para levar o sujeito a uma reflexão de suas experiências, sendo interrompida a cadeia de atos. A escrita seria uma retratação do sujeito relativa à sua vida, tendo um valor significativo para aquele que cometeu um crime, na medida em que o dizer sobre o seu ato pode sobrepujá-lo. Assim, se houver possibilidade de expressão pela palavra, a condenação pode representar um freio ao gozo e promover, “num ato de invenção”, o engajamento desse sujeito onde sua palavra possa circular, ainda que seja escrevendo a partir ou sobre o crime.

A escrita, essa forma de relação com a perda, com o passado, com as experiências expressas na condição de apenado, cumprindo pena de privação de liberdade, parece ser um modo dos sujeitos privados de liberdade problematizar suas condições existenciais mais amplas. Pela escrita de si, ele se torna outro. Desenvolve uma perspectiva deslocada em relação ao seu corpo de prisioneiro. Quando escreve, o sujeito abandona, ainda que momentaneamente, sua condição de aprisionado e liberta sua subjetividade através da escrita (SÁ; CCIOLY; AGUIAR, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“[...] Escrevo-te como exercício de esboços antes de pintar. Vejo palavras. O que falo é puro presente [...]. É sempre atual, e o fotômetro de uma máquina fotográfica se abre e imediatamente se fecha, mas guardando em si o flash. Mesmo que eu diga ‘vivi’ ou ‘viverei’ é presente porque eu os digo já. [...] O que te escrevo é um ‘isto’. Não vai parar: continua [...] o que te escrevo continua e estou enfeitiçada”.
Clarice Lispector – *Água Viva*

Durante a graduação, certamente marcada pela experiência de ter nascido e vivido em uma comunidade rural, a pesquisadora tinha aspirações, inclinações, enfim, desejo de atuar no contexto da Psicologia Social. Planejava trabalhar e produzir saúde na comunidade, no território, no Consultório na Rua, “libertar”. Após a conclusão do curso iniciou-se a busca por trabalho, onde surgiu a possibilidade de realização de concurso público para Técnico Superior Penitenciário – Psicóloga – do Estado do Rio Grande do Sul. Durante a preparação para este certame, horas e horas de estudo a fio, artigos que davam conta de falar sobre “esse universo”, pouco falado e estudado na academia: diziam de produção de saúde, de clínica ampliada, de saúde coletiva, de psicologia social, diziam sobre análise institucional e outras tantas teorias,

que pareciam “minimizar” ou até mesmo, negligenciar, os muros e grades que cercam o cárcere.

Após um longo processo seletivo, enfim, fazia parte do quadro de servidores da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul. As “portas da cadeia se abriram, e se fecharam também”. Se fecharam com um estalar de cadeados que atualmente não lhe causa tanta estranheza. Surgiram algemas, cassetetes, armas e balas usadas pelos agentes de segurança. Surgiram armas artesanais usadas e produzidas pelos detentos também. Surgiram violações de direitos e diversas formas de violência cometidas pelo estado. Surgiram uniformes pretos, cheiros nada agradáveis, dor e miséria humana. Surgiram regras duras, rotinas inflexíveis e hierarquias inquestionáveis. Surgiram palavras e expressões que nunca escutara antes, surgiram “deboches por parte de alguns agentes de segurança mostrando “porretes” de madeira afirmando que “essa era a psicóloga que trabalhou outrora”. Chegaram medos, inseguranças, angústias, impotências e incertezas. Chegaram os presos que foram pedindo atendimento. Chegaram desejos de ajudar, produzir saúde e vida no cárcere. Chegaram história, sujeitos capazes de se vincular, que amam, que sofrem, que odeiam. Que sonham, que clamam por ajuda, que lutam bravamente para sobreviver. Chegaram e ainda chegam, e nesses quase seis anos, tendo trabalhado em três casas prisionais distintas e ao mesmo tempo tão iguais, foi, com seu “barquinho de madeira”, enfrentando esse “mar revolto”, sem uma “bússola” que pudesse lhe guiar. Com o tempo foi aprendendo a fazer as leituras necessárias e assim, um “mapa estava tentando desenhar”, e por isso, para os bancos da academia precisou voltar.

A experiência adquirida no trabalho prisional sinalizou a necessidade de se instrumentalizar através do diálogo e produção de saber. Mas mesmo no decorrer desta pós-graduação, a pesquisadora continuava a se interrogar: de que produção de saberes estamos falando? Se o tempo só mostra que as vicissitudes do sistema prisional precisam ser vividas para serem sentidas e assim entendidas?

Desta forma, durante a pesquisa bibliográfica para a produção deste estudo, o método cartográfico pareceu ser capaz de apaziguar estas inquietações. Pois, conforme Rolnik (1989, p. 15) é “[...] tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem”, deste modo, este método veio ao encontro do que se pretendeu/pretende realizar na vida cotidiana da prisão, que para além de produzir conhecimentos, almeja “dar passagem” para o que ainda não foi dito, visto e encontra-se oculto, para que a subjetividade de cada sujeito possa emergir e sobressair-se aos aparelhos de assujeitamento advindos do cárcere.

Diante do exposto é possível colocar a cartografia como um método de pesquisa cujas

ferramentas a tornam possível e necessária na prisão. Possível porque, se viver é conhecer e se cartografar é um modo fazê-lo, então onde houver vida será possível a cartografia, já que as ferramentas cartográficas permitem circular e inventar apesar das barreiras e hierarquias. Necessário porque essas ferramentas propiciam o respeito à alteridade e a invenção de modos de subjetivação mais solidários (LEITE, 2014). O cárcere é formado principalmente por linhas duras, e mesmo sendo invisibilizada pelas grades a vida ainda (r)existe e desafia a ser cartografada.

Cartografar na prisão produziu efeitos instituintes, tornando o cárcere menos aprisionador ao criar espaços de acolhimento, vínculo e liberdade, que se constituíram no grupo grupo-dispositivo e nos cadernos/diários, sendo que estes dois dispositivos configuraram-se como potência de vida na construção de subjetividade e resistência ao processo de perdas intrínsecas ao aprisionamento.

O grupo-dispositivo mostrou-se um importante dispositivo de potencial inventivo, devolvendo, mesmo minimamente a autonomia dos participantes, melhorando o relacionamento entre si, estimulando a aquisição de novos conhecimentos, criando novas maneiras de pensar, viver e comporta-se dentro e fora das grades, restabelecendo a esperança de um futuro melhor. Nos encontros, os participantes ousaram ressignificar seu passado, repensaram seu presente e projetaram-se para um futuro onde sonhos e planos de uma vida melhor foi possível. Mostraram com isso suas capacidades de confrontarem seus valores e hábitos, com vistas as possibilidades de poderem se reinventar, rompendo assim com todos os valores, regras e imposições preestabelecidas.

As escritas lançadas nos cadernos/diários também demonstraram a potência produtora do pensar, colocando em “cheque” a forma como ele é visto pelo outro, e deste modo, criadora de um movimento instituinte, de um olhar do outro, sobre um olhar para si. Este processo constituinte de subjetividade, marca identidades complexas em constante movimento, multifacetada, que via escritas de si, desnudam o modo de constituição dos sujeitos que encontraram, na possibilidade da palavra escrita a si mesmos, a possibilidade de refazer suas histórias de vida, o refazer de suas existências, o sobreviver, o retratar-se a si e ao outro diante de seus crimes. E apesar de ser um exercício individual, mostrou ser um ato de pensar que irrompe com a individualidade, já que conversa de modo espontâneo sobre a relação com o outro, no confronto com a diferença.

Estes dispositivos estão em confluência com os importantes apontamentos de Foucault (2008) que demonstra haver outra possibilidade de se relacionar com as regras estabelecidas pelo poder disciplinar: trata-se de uma forma singular e potente, de resistência ao poder:

dobra-se a própria força que assujeita, criando o novo, para além do assujeitamento. Assim, em vez de se submeter ou fugir da realidade, deslocando a libido para outro objetivo, cria-se uma estratégia autônoma de resistência, usando a força consigo. Essa estratégia é a memória, que sendo uma aposta ao porvir, transforma o poder em potência e abre caminho para novos modos de subjetivação. Faz parte desse processo o ato de pensar, criação, fruto da violência de um encontro. A prisão força a pensar, levando o preso a buscar um sentido para sua experiência. Nessa busca, tem importância a palavra, seja na fala, na escuta, na escrita e até no silêncio da reflexão. O ato de pensar é um ato para viver e não apenas, sobreviver. É a vida inventada.

“Despotencializado”, os sujeitos se tornam bastante vulneráveis aos artifícios da maquinaria da prisão, na constante tentativa de criar e sustentar sua demanda. Por outro lado, o apenado não é apenas passivo quanto à produção de subjetividade, pois, como vimos, existem pontos onde a singularidade escapa e possibilita a construção de outros sentidos possíveis. As estratégias de resistência utilizadas pelos mesmos, podem ser considerados contra poderes que alimentam a máquina prisão (GUIMARÃES; NAZARETH; SILVEIRA, 2006). Por isso, não há como desmontar essa política de captura do desejo e a lógica opressora do sistema prisional se não interviermos na produção de subjetividades. A resistência ativa é um dispositivo de luta e desmonte do território delinquente, pois carrega forte potencial de invenção, o que contribui com uma outra política do desejo na construção da subjetividade desses homens.

O cotidiano prisional é marcado pela angústia de estar preso, a falta de liberdade não está somente no espaço, mas em seu próprio corpo. Não se tem direito aos seus próprios desejos. A distância da família, as condições precárias de estrutura e a falta de ocupação também são fatores que influenciam. O encaminhamento ao trabalho, embora seja realidade para alguns, não consegue atingir a todos. Os participantes deste estudo compartilham o desejo de exercer alguma atividade, pois para além de ser um dispositivo que se sobrepõem a ociosidade, fomenta um novo significado, que para além do rótulo de “bandido, escória da sociedade”, sente-se “novamente importante, visto como gente”, ao desempenhar uma tarefa laboral.

A maioria dos participantes reconhecem na família e na espiritualidade duas principais forças de resistências ativas diante das péssimas condições de vida, das experiências de violência, da falta de perspectiva e a subjugação às incontáveis privações. A esperança em relação ao futuro e a própria sobrevivência durante o curso da pena, são colocados na crença em Deus e na manutenção dos vínculos familiares, que são capazes de minimizar o sofrimento

e propiciam segurança para que possam fazer planos para quando voltarem a conviver em liberdade. Por diversas vezes os participantes expuseram a importância da relação familiar, sendo este vínculo o único elo que ainda os liga ao mundo externo, evidenciando que ainda preservam traços de seu meio cultural e social, anteriores ao cárcere.

Diante do arrazoado exposto, percebe-se que o preso cria sua estratégia de (re)existir, pois é a partir da própria circunstância adversa que ele encontra força para transformar seu mundo. Cabendo aos profissionais que atuam no sistema prisional auxiliá-lo a sondar as forças subjetivas implicadas, as vontades e desejos que recusam a ordem hegemônica, as linhas de fuga que forjam percursos alternativos, examinando as novas possibilidades de reversão vital que se anunciam (SCOPEL, 2012).

E por ser inconcluso, deslizar em meio a tantas palavras inacabadas, faz com que a pesquisadora descubra, que precisará continuar a velejar “em seu barquinho de madeira, de casco frágil, mas que ainda resiste as intempéries do mar revolto do cárcere”, e deixar-se guiar pela “bússola do coração”, já que a “bússola científica, nem sempre será capaz de traçar mapas confiáveis”, ela pode criar ilusões, e a “calmaria por ela prometida”, pode levar a institucionalização. Talvez, a “bússola do coração” essa seja a única que ainda pode confiar. Porque seus “pontos cardeais são marcos afetivos”, que vão sendo modificados a partir da relação que estabelece com o sujeito que fala, que quer falar, que quer fazer-se ouvir, que quer continuar a (re)existir.

Para finalizar, é preciso reconhecer as limitações deste estudo em relação à compreensão dos largos efeitos produzidos pela instituição prisional na subjetividade dos que fazem parte dela. Mostra-se necessário dar continuidade ao mesmo, tendo em vista sua relevância política e social, a elevada quantidade de material produzido e de temas deixados em aberto, como por exemplo, o contexto histórico, social e econômico dos encarcerados, dando visibilidade a grave situação de vulnerabilidade humana e seletividade penal que povoam as tão distintas e iguais casas prisionais de todo o país.

7 REFERÊNCIAS

- ALVARENGA FILHO, J. R. Prisão, delinquência e subjetividade. **Ecos – Estudos contemporâneos da Subjetividade**, [S. l.], v.5, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/download/html>>.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Pista 7: cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 131-149, 2009.
- BADARÓ, M. M. B. **Sistema prisional – contando e recontando histórias: as oficinas de leitura como processos inventivos de intervenção**. Curitiba: Juruá, 2012.
- BARROS, R. D. B. de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- BARROS, L. M. R. de; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal, Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 373-390, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php.html>>.
- BARROS, R. D. B. de; PASSOS, E. A. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, p. 71-79, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php.html>>.
- BASTOS, M. **Cárcere de mulheres**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1997.
- BATISTA, V. Globo da morte. In: RAUTER, C; PASSOS, E.; BENEVIDES, R. (Org.). **Clínica e política: subjetividade e violação dos direitos humanos**. Rio de Janeiro: Editora Te Corá, p. 59-64, 2002.
- BOECHAT, M.; KASTRUP, V. A experiência com a leitura numa instituição total. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 22-40, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php.html>>.
- BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de junho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 de jun. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/compilado.html>.
- CÂMARA, H. F. **Além dos muros e das grades (discursos prisionais)**. São Paulo: Educ, 2001.
- CERVINI, R. **Os processos de descriminalização**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. [S. L.: s. n.], 1953. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/deleuze-g-empirismo-e-subjetividade.pdf.html>>.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1972-1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DIÓGENES, G. M. dos S. Névoa branca e o monstro da noite. In: DIÓGENES, G. M. dos S. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Anna Blume, 1998.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986-1999.

FONSECA, R. P. (Re)pensando o crime como uma relação de antagonismo entre seus autores e a sociedade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 532 – 547, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br/scielo.html>>.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Estratégia, Poder-Saber: Coleção Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 4, p. 334-351, 2003c.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2004b.

FOUCAULT, M. A escrita de si (Coleção: Ditos e Escritos V). In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ética, sexualidade e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 144-162, 2006b.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2008.

FRANDOLOSO, T.; OLIVEIRA, L. A. de. O impacto das vivências no sistema prisional sobre a subjetividade dos detentos. **Psicologia. PT – O portal dos psicólogos**, [S. l.], 2014. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt.com.br.html>>.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1991-2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GONDAR, I. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2005.

GUIMARÃES, C. F.; NAZARETH, S. M; SILVEIRA, C. de O. Subjetividade e estratégias de resistência na prisão. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br/scielo.html>>.

LANE, S. T. M. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEITE, M. P. V. Cartografar (n)a prisão. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n.3, p. 795-813, 2014. Disponível em: <<http://www.publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article.html>>.

LOBOSCO, F. Prisionização: múltiplos aspectos da assimilação prisional. **De Jure: Revista Jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 16, p. 135-162, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/41176html>>.

LOSICER, E. Psicanálise e direito. In: BARRETO, V. P. **Dicionário de filosofia do direito. São Leopoldo: Unisinos, 2009.**

MAGNABOSCO, D. Sistema penitenciário brasileiro: aspectos sociológicos. **Jus Navigandi**, Teresina, 1998. Disponível em: <<http://www.jus2.uol.com.br.html>>.

MAMELUQUE, M. G. C. A subjetividade do encarcerado, um desafio para a psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br/scielo.html>>.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MILLER, J. A. A máquina panóptica. In: TADEU, T. (Org.). **O panóptico Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MONASTA, A. **Antônio Gramsci: Coleção Educadores/MEC**. Recife: Editora Massangana, 2010.

NASCIMENTO, D. M. de. Psicologia e sistema prisional: alguns apontamentos. In: ROVINSKI, S. L. R.; CRUZ, R. M. (Org.). **Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

OAKES, T. S. **Heranças de um delito: compreendendo os impactos do aprisionamento na subjetividade de indivíduos privados de liberdade**. 2006. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Centro Universitário Católico de Vitória, Vitória, 2006. Disponível em: <<http://www.ucv.edu.br/biblioteca/tcc-psicologia.html>>.

ONOFRE, E. M. C. A leitura e a escrita como possibilidade de resgate da cidadania de jovens e adultos em privação de liberdade. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/609.html>>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES HUNIDAS (ONU). **Declaração dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas, ONU, 10 dez. 1948.

RAMALHO, J. R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2002.

RODRIGUES, H. C. de B. Analisar. In: FONSECA, T.; NASCIMENTO, L.; MARASCHIN,

C. (Org.). **Pesquisar na diferença**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SÁ, L. D.; ACCIOLY, M. I. F.; AGUIAR, D. P. Relatos de si em situação de condenação punitiva: a trajetória de Adão. **Linguagem em Foco**, [S.l.], v. 7, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/linguagememfoco.html>>.

SCHAEFER, P.; FARIAS, F. R.; PINTO, D. de S. O ato de pensar e a construção da memória na prisão: estratégias criativas de resistência. **Artigos Temáticos**, [S. l.], 2013. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicas/artigos-tematicos.pdf.htm>>.

SCOPEL, A. C. **O pulsar da vida**: cartografando existências e resistências no sistema prisional capixaba. 2012. 116f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufes.br/handle.htm>>.

SILVEIRA, M.; HECKER, L. F. Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita. Athenea Digital: **Revista de Pensamiento e Investigación Social**, Barcelona, Espanha, v. 13, n. 3, p. 243-263, 2013. Disponível em: <<http://www.atheneadigital.net/article/download.html>>.

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS (SUSEPE). Portaria nº. 160/2014 – GAB/SUB. **Regulamento Geral para Ingresso de Visitas e Materiais em Estabelecimentos Prisionais da Superintendência dos Serviços Penitenciários**. Porto Alegre, 29 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.susepe.rs.gov.br.html>>.

STECANELA, N.; KUIAVA, E. A. As escritas de si na privação de liberdade: jovens em conflito com a lei arquivando a própria vida. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, fev./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf.html>>.

TOKUDA, A. M. P. **Psicologia e sistema penitenciário**: cartografando as atuações da (o)s psicóloga (o)s em uma “instituição total. 2016. 376 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho, Assis, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.unesp.br.html>>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOLFF, M. P. **Antologia de vidas e histórias de vida na prisão**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2005.

ZAFFARONI, E. R. Derechos humanos y sistemas penales em América Latina. In: HULSMAN, L. et.al. **Criminología Crítica y controle social** – 1. El poder punitivo del estado. Rosário: Editorial Juris, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Autorização da Instituição



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS

Termo de Autorização da Instituição

Eu, _____, abaixo assinado, responsável pelo Presídio Estadual de _____, autorizo a realização do estudo **“Produção de subjetividade e modos de resistência no sistema prisional”**, a ser conduzido pela pesquisadora abaixo relacionada. Fui informada pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Serão as seguintes atividades: após os nomes dos cinco participantes serem selecionados, conjuntamente direção, responsável pela segurança e pesquisadora, com data e hora definidos pela instituição, serão realizados cinco encontros grupais, com duração de máxima de 1h. e 30min. Cada encontro. A pesquisadora também entregará um caderno e uma caneta, com as mesmas características definidas pela Portaria Nº. 160/2014, para que os mesmos possam utilizar como diários, escrevendo sobre seus sentimentos, observações e impressões que emergirem a partir das discussões advindas do grupo, bem como, de suas experiências subjetivas no cárcere. Posteriormente a apresentação dos achados deste estudo, a pesquisadora voltará a se reunir com os participantes para realizar a devolução dos cadernos/diários, bem como, para partilhar e proliferar os sentidos das vivências e experiências compartilhadas durante o percurso deste estudo.

Declaro ainda ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e a CNS 510/16. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, possibilitando condições mínimas necessárias para a garantia de tal segurança e bem-estar.



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS**

Erechim, dede 20.....

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Nome da pesquisadora:

REJANE LAZZAROTTO

APÊNDICE B – Termo de Assentimento – Participante Institucionalizado**TERMO DE ASSENTIMENTO
PARTICIPANTE INSTITUCIONALIZADO**

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário(a) da pesquisa Produção de subjetividade e modos de resistência no sistema prisional e que tem como objetivo compreender os modos de subjetivação e as estratégias de resistência dos sujeitos que estão privados de liberdade em um presídio do interior do Rio Grande do Sul.

O projeto consiste nos seguintes procedimentos: em data e horário definidos pela instituição, em sala reversada, na galeria do Presídio Estadual de _____, serão realizados encontros grupais, com a participação de 5 sujeitos privados de liberdade, que cumprem pena no regime fechado, nesta casa prisional, com o objetivo de identificar produções de vida no cárcere e compreender as estratégias de resistência que descobrem, inventam e reproduzem. Os temas a serem trabalhados nos encontros serão definidos entre todos os participantes e a pesquisadora. Os encontros terão duração máxima de 1h. e 30 min., e acontecerão uma vez por semana. A pesquisadora irá distribuir cadernos e canetas para que você e os outros participantes possam escrever livremente durante a semana. Este caderno/diário será individual, e, portanto, não existe nenhum tema pré-definido, sendo que você poderá escrever nele sobre os sentimentos, observações e impressões que emergirem a partir das discussões advindas de sua participação no grupo, bem como, suas experiências pessoais no cárcere. Ao longo da semana você deverá selecionar trechos de sua escrita, para ser compartilhado com todo o grupo. Ao final dos encontros a pesquisadora irá recolher os cadernos/diários para poder analisar e utilizar em seu estudo. Posteriormente será realizado um encontro para que a pesquisadora possa fazer a devolução dos cadernos/diários, bem como, para partilhar desta produção. Durante a execução do projeto os benefícios serão a possibilidade de reflexão sobre acerca de questões que revelem as forças que contribuem para

a formação da sua própria constituição de sujeito, bem como, sobre modo de superar todas as dificuldades advindas da sua trajetória no cárcere. Com relação aos riscos, estes são desconhecidos. Caso aconteçam qualquer desconforto ou riscos, medidas serão tomadas para sua redução.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, o (a) Sr.(a) você tem direito de:

1. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade (todos os documentos e dados físicos oriundos da pesquisa ficarão guardados em segurança por cinco anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta).
2. Assistência durante toda pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois da sua participação.
3. Recusar a participar do estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrer qualquer prejuízo à assistência a que tem direito.
4. Ser ressarcido por qualquer custo originado pela pesquisa (tais como transporte, alimentação, entre outros, bem como ao acompanhante, se for o caso, conforme acerto preliminar com os pesquisadores). Não haverá compensação financeira pela participação.
5. Ser indenizado, conforme determina a lei, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo.
6. Caso necessite de esclarecimentos, você pode pedir que a diretora deste estabelecimento prisional entre em contato com a Sra. Rejane Lazzarotto, por meio dos números de telefone: (054) 99123-9105 e/ou (54) 3522- 1213 ou no endereço profissional: Rua Jacinto Godoy, 38, Centro, Erechim/RS, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos. Seu representante legal pode procurar esses esclarecimentos.
7. Entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim pelo telefone (54)3520-9000, ramal 9191, entre segunda e sexta-feira das 13h30min às 17h30min ou no endereço Avenida Sete de Setembro, 1621, Sala 1.37 na URI Erechim ou pelo e-mail eticacomite@uricer.edu.br, se achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como foi proposta ou que se sinta prejudicado (a) de alguma forma, ou se desejar maiores informações sobre a pesquisa. Seu representante legal

pode procurar esses esclarecimentos junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim.

Eu, _____, declaro estar ciente do anteriormente exposto e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Erechim, ____ de _____ de ____.

Assinatura do Participante institucionalizado da Pesquisa: _____

Eu, Felipe Biasus, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, ____ de _____ de ____.

Assinatura do Professor Pesquisador: _____

Eu, Rejane Lazzarotto, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, ____ de _____ de ____.

Assinatura do aluno-pesquisador: _____

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa
CEP | URI Erechim

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado para participar como voluntário da pesquisa Produção de subjetividade e modos de resistência no sistema prisional e que tem como objetivo compreender os modos de subjetivação e as estratégias de resistência dos sujeitos que estão privados de liberdade em um presídio do interior do Rio Grande do Sul.

O projeto consiste nos seguintes procedimentos: em data e horário definidos pela instituição, em sala reversada, na galeria do Presídio Estadual de _____, serão realizados encontros grupais, com a participação de 5 sujeitos privados de liberdade, que cumprem pena no regime fechado, nesta casa prisional, com o objetivo de identificar produções de vida no cárcere e compreender as estratégias de resistência que descobrem, inventam e reproduzem. Os temas a serem trabalhados nos encontros serão definidos entre todos os participantes e a pesquisadora. Os encontros terão duração máxima de 1h. e 30 min., e acontecerão uma vez por semana. A pesquisadora irá distribuir cadernos e canetas para que você e os outros participantes possam escrever livremente durante a semana. Este caderno/diário será individual, e, portanto, não existe nenhum tema pré-definido, sendo que você poderá escrever nele sobre os sentimentos, observações e impressões que emergirem a partir das discussões advindas de sua participação no grupo, bem como, suas experiências pessoais no cárcere. Ao longo da semana você deverá selecionar trechos de sua escrita, para ser compartilhado com todo o grupo. Ao final dos encontros a pesquisadora irá recolher os cadernos/diários para poder analisar e utilizar em seu estudo. Posteriormente será realizado um encontro para que a pesquisadora possa fazer a devolução dos cadernos/diários, bem como, para partilhar desta produção. Durante a execução do projeto os benefícios serão a possibilidade de reflexão sobre acerca de questões que revelem as forças que contribuem para a formação da sua própria constituição de sujeito, bem como, sobre modo de superar todas as dificuldades advindas da sua trajetória no cárcere. Com relação aos riscos, estes são

desconhecidos. Caso aconteçam qualquer desconforto ou riscos, medidas serão tomadas para sua redução.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem direito de:

1. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade (todos os documentos e dados físicos oriundos da pesquisa ficarão guardados em segurança por cinco anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta).
2. Assistência durante toda pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois da sua participação.
3. Recusar a participar do estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrer qualquer prejuízo à assistência a que tem direito.
4. Não haverá compensação financeira pela participação.
5. Ser indenizado, conforme determina a lei, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo.
6. Procurar esclarecimentos com o Sra. Rejane Lazzarotto, por meio dos números de telefone: (054) 99123-9105 e/ou (54) 3522-1213 ou no endereço profissional: Rua Jacinto Godoy, 38, Erechim/RS, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.
7. Entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim pelo telefone (54)3520-9000, ramal 9191, entre segunda e sexta-feira das 13h30min às 17h30min ou no endereço Avenida Sete de Setembro, 1621, Sala 1.37 na URI Erechim ou pelo e-mail eticacomite@uricer.edu.br, se achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como foi proposta ou que se sinta prejudicado (a) de alguma forma, ou se desejar maiores informações sobre a pesquisa.

Eu, Alice Richetti do Prado, Administradora e responsável pela instituição, declaro que o participante está ciente do anteriormente exposto e concorda voluntariamente em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Erechim, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Administradora e responsável pela instituição:

Eu, Felipe Biasus, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Professor pesquisador: _____

Eu, Rejane Lazzarotto, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Erechim, _____ de _____ de _____.

Assinatura do aluno-pesquisador: _____